

Em 1875 a diplomacia europeia foi assaltada pelo receio de um novo conflicto entre a Allemanha e a França.

A Inglaterra, que começava então a comprehender o seu grave erro de 1870, procurou entender-se com a Russia para impedir as ambições germanicas.

A Allemanha, lobrigando o perigo futuro em que se podia encontrar, foi n'outra parte brandir a sua espada de muitos gumes.

A insurreição dos pequenos principados, sujeitos á obediencia da Porta, causa occasional do novo conflicto do Oriente, se não foi um acto providencial para a Allemanha, foi o resultado da sua bem combinada e arteira diplomacia.

A Russia provocada no caminho do seu mais querido empenho, iria novamente á sua conquista, e a attitude forçada da Inglaterra em favor da Turquia accenderia o facho da discordia entre a Inglaterra e a Russia.

Quem não vê na politica hesitante do gabinete de Londres a prova de que o sr. Disraeli comprehende esta situação e teme a definitiva inimisade das aguias moskovitas?

Quem não vê na completa fingida indifferença da Allemanha pela questão oriental a prova de que o sr. de Bismark está observando rejubiloso as consequencias do incendio por sua mão ateadado?

Quem não vê nos preparativos da Allemanha, nas exigencias militares do sr. de Moltke, na attitude jornalistica d'aquelle paiz desde o começo da guerra do Oriente, o grande plano da nova invasão, continuando-se a tentativa de 1875, abortada por uma prévia descoberta ingleza?

Ha um homem que mais que todos o devia ver, e esse homem não viu em verdade — é Mac-Mahon.

V

Vamos concluir este rapido esboço d'uma questão importante, por uma ultima consideração que foi ainda ignorada pelo homem de 16 de maio.

A raça latina mantem no seu proprio seio uma lucta collossal que

lhe consome a maior parte da sua vitalidade, paralisa muitas das suas nobres e superiores aspirações, e enfraquece consideravelmente a sua representação exterior, pela deficiência de unidade e communhão de idéas. Essa grande lucta é a lucta do presente com o passado, do partido liberal e progressista com todas as facções do partido retrogrado.

A diplomacia allemã aproveitou naturalmente esta dissensão e procura por todos os meios ateal-a pelas suas immediatas conveniencias, segundo as quaes resolveu collocar-se systematicamente do lado do partido liberal.

A razão d'esta escolha é facil de comprehender.

Os partidos colligados que representam o passado têm uma unidade tradicional, forte, immensa, chama-se o — catholicismo.

É preciso combater esta unidade, porque suppõe-se que, destruido o catholicismo, não haverá um principio, uma synthese social, uma aspiração superior que se lhe contraponham.

A raça latina cahirá, n'esta hypothese, na completa anarchia politica, religiosa e social, e a conquistadora Allemanha não terá diante de si barreiras poderosas que se lhe opponham.

N'estas condições, aos membros do grande partido liberal de toda a raça latina cumpria estabelecer a mais cerrada união, identificando-se no mesmo pensamento, no mesmo fim. A Allemanha poderia ser o instrumento poderoso d'esta cruzada pelo seu auxilio, mas, desfeita a unidade catholica, ficaria em frente da raça germanica invasora a grande força da união latina que se defenderia por si.

Ao contrario d'isto, o presidente da republica franceza dá o seu braço aos propugnadores da unidade catholica, que têm por primeira aspiração a usurpação de Roma, e a Italia, receiosa dos seus proprios alliados, dos seus verdadeiros irmãos, bate á porta da Allemanha pedindo-lhe a garantia dos seus direitos.

Eis as consequencias funestas d'uma singular myopia politica, como a que produziu o golpe de auctoridade de 16 de maio.

A. ZEFERINO.

peitar-se podem. Aconteceu um d'estes factos.— Qual foi? A censura — a censura interposta a um dos nossos artigos pelo sr. administrador da imprensa da universidade. Estes factos, por isso mesmo que são inopinados, não têm explicação, e por não terem explicação não são susceptíveis de critica. Dissemos mal: têm uma explicação — a pessoa que os pratica, e uma apreciação — o desprezo.

A mudança de imprensa e a composição taes foram os motivos da demora.

Esperamos que esta serie não soffrerá de hoje para o futuro interrupção alguma, e que os nossos assignantes ficarão satisfeitos com a explicação que acabamos de dar-lhes.

Mas que ss. ex.^{as} não esqueçam isto — em Coimbra, no anno da graça de 1877, na imprensa da universidade, arvora-se a censura contra um artigo assignado pelo auctor, artigo que ha de ser publicado n'um jornal convenientemente habilitado perante os tribunaes!

A esta declaração faremos seguir a lei da imprensa e quaesquer outros documentos que nos justifiquem as consequencias que temos direito a tirar.

FACTOS DIVERSOS

— Foi promovido a Lente Cathedratico da Faculdade de Philosophia o dr. Francisco Augusto Corrêa Barata, redactor d'este jornal. Fica-lhe pertencendo a regencia da cadeira de Chimica inorganica.

— Foi eleito presidente da Sociedade Philantropica Academica, para o serviço do corrente anno de 1877-1878 o nosso talentoso e sympathico amigo dr. Bernardino Machado Guimarães, Lente da Faculdade de Philosophia. Muito pôde e deve esperar esta utilissima sociedade da sua auspiciosa direcção.

— Terminaram no dia 18 as provas do concurso ás duas substituições na Faculdade de Direito. Os dois concorrentes os srs. drs. Antonio de Assis Teixeira de Magalhães e José Frederico Laranjo foram plenamente approvados como mereçam e era de esperar do seu talento e conhecimentos. As nossas felicitações.

— Teve lugar no dia 15 do corrente a sessão solemne da inauguração da sociedade dos estudos medicos. A reunião começou pelas 7 horas da tarde n'uma das salas do Instituto pelo discurso do decano da Faculdade de Medicina, a que se seguiram os dos srs. Burnay, alumno do 3.º anno, dr. Senna, Gouveia alumno do 4.º anno, Vieira estudante da escola medica do Porto, e do sr. dr. Rocha. Mais de espaço nos referiremos a esta festa solemne e a esta nova e sympathica criação que muito e muito honra os seus fundadores.

O SECULO

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Não se aceitam assignaturas por menos d'uma serie semestral. Publica-se por fasciculos mensaes.

Aos srs. assignantes da 1.^a serie, que não queiram continuar a sua assignatura, pedimos avistem d'isso o Administrador, o Bacharel *José Simões da Silva Junior*, rua dos Coutinhos, Coimbra.

São considerados assignantes da 2.^a serie aquelles cavalheiros que não prevenirem a Administração.

Pede-se aos srs. assignantes em divida da 1.^a serie queiram enviar a importancia de sua assignatura em vales do correio, sellos, ou por qualquer outra fórma, ao Administrador do *Seculo*.

Está em cobrança a segunda serie.

PREÇOS

Continente — Coimbra (serie).....	1\$200
» — Fóra de Coimbra (serie).....	1\$260
Ilhas e Possessões Ultramarinas (serie).....	1\$400
Brasil.....	3\$000 fortes

Para os outros paizes, o preço depende do custo do transporte.

Estão no prélo os n.ºs 3, 4 d'esta serie.

O proprietario d'esta publicação é o sr. Luiz de Andrade, residente no Rio de Janeiro.

— N'esta redacção recebem-se assignaturas para todos os jornaes estrangeiros, que temos annuciado.

— Recebem-se annuncios para a capa d'este jornal.

O SECULO

PUBLICAÇÃO DE PHILOSOPHIA POPULAR E DE CONHECIMENTOS PARA TODOS

2.^a Serie; 3, 4 — Janeiro, 1878

REDACTORES

F. A. CORRÊA BARATA

LENTE DE PHILOSOPHIA

A. ZEFERINO CANDIDO

DOCTOR EM MATHEMATICA

A crise religiosa, por Corrêa Barata. — A questão do Oriente, por A. Zeferino. — José d'Alencar, por Corrêa Barata. — Bibliographia, por A. Z.

COIMBRA
IMPRESA LITTERARIA
1878

O proprietario d'esta publicação no imperio do Brasil, é o ex.^{mo} sr. Luiz d'Andrade, residente no Rio de Janeiro.

Sala
Gab.
Est.
Tab.
N.º

P
2
6
5

Carta de Lei de 17 de Maio de 1866

Dom Luiz, por graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, etc. Fazemos saber a todos os nossos subditos que as côrtes geraes decretaram, e nós queremos a lei seguinte :

ARTIGO 1.º Ficam abolidas todas as cauções e restricções estabelecidas para a imprensa periodica pela legislação actualmente em vigor.

ART. 2.º Nenhum periodico porém se poderá publicar sem que, pelo menos oito dias antes da publicação, se declare o nome do editor perante o administrador do concelho ou bairro, e perante o delegado do procurador regio da comarca ou vara onde houver de fazer-se a mesma publicação.

§ unico. Aquella declaração deverá ser assignada pelo editor, e devidamente reconhecida, e será acompanhada de documentos que provem que o mesmo editor é :

1.º De maior idade, ou como tal havido em direito ;

2.º Cidadão no gozo dos seus direitos civis e politicos ;

3.º Domiciliado na comarca onde a publicação houver de ser feita.

ART. 3.º Entender-se-ha por periodico, para os effeitos d'esta lei, toda a estampa ou escripto, impresso ou lithographado, publicado não só em dias certos mas tambem irregularmente, que contiver doutrinas de qualquer natureza, scientificas, religiosas ou politicas e sociaes, ou se referir a actos da vida publica ou particular de qualquer pessoa, e que não exceder seis folhas de impressão, computadas pela marca de papel selado que actualmente se usa nos processos forenses.

ART. 4.º Pela falta de declaração do editor, de que tracta o artigo 2.º, ou pela declaração exigida no § unico do mesmo artigo feito por meio de documentos insufficientes, incorre o dono ou o administrador da imprensa, lithographia ou estabelecimento, em que se effectuar a publicação, na pena de tres dias a tres mezes de prisão e multa correspondente, e na sentença condemnatoria declarar-se ha sempre a suppressão do periodico, tudo sem prejuizo das penas respectivas ao crime de abuso na manifestação do pensamento.

§ 1.º No caso de falsidade dos documentos, de que tracta o § unico do artigo 2.º, cessa para o dono ou administrador da imprensa, lithographia ou estabelecimento em que se fizer a publicação, a responsabilidade estabelecida n'este artigo.

§ 2.º A falta ou incapacidade superveniente do editor implica tão sómente a suspensão do periodico ; mas, se o dono ou administrador da imprensa, lithographia ou estabelecimento em que se effectuar a publicação continuar a fazel-a, tendo conhecimento d'aquella falta ou incapacidade, ficará sujeito ás penas comminadas n'este artigo, declarando-se sempre na sentença condemnatoria a suppressão do periodico.

ART. 5.º Aos crimes de abuso na manifestação do pensamento são applicaveis as penas respectivas estabelecidas no codigo penal.

§ 1.º No caso de aggressão injuriosa ao systema representativo fundado na carta constitucional da monarchia e acto adicional á mesma carta, será applicavel a pena de tres mezes a um anno de prisão e multa correspondente.

§ 2.º Não são porém prohibidos os meios de discussão e critica das disposições tanto da lei fundamental do estado como das outras leis, com

A CRISE RELIGIOSA

Nenhuma religião tem, como tal, propensões para a sciencia, e o christianismo não é sómente hostile á sciencia, mas a toda e qualquer cultura (1).

I

Muitos dos pensadores philosophos contemporaneos, Spencer, Hartmann, Draper e outros, são accordes em affirmar que entre os antagonismos do nosso tempo, em materia intellectual, o mais frisante, o mais palpavel e o mais declarado é o antagonismo da religião com a sciencia. Das regiões serenas da especulação philosophica, aonde esta antinomia sempre devera circumscrever-se, tem ella já por vezes saltado para o campo politico e social. Aqui, onde todas as incompatibilidades, cedo ou tarde, se aggravam a ponto de não poderem coexistir, o antagonismo transforma-se em lucta cada vez mais renhida, até

(1) Hartmann refere-se ao christianismo professado pela Igreja catholica, o qual é tido por orthodoxo, porque ella propria o diz. Esta orthodoxia, porém, é apocrypha, porque o espirito do Evangelho, mystificado por S. João, e commentado mui variamente por S. Paulo, está muito longe de ser o que é hoje e o que tem sido ha seculos o espirito catholico. Christo, se viesse ao mundo hoje não reconheceria este christianismo catholico, mutilado na sua immarcescivel pureza e refohudamente orientalisado com as subtilezas da patristica, com as hypocrias da politica, com as ambições da opulencia e com as creações dos concilios. Comparae, nos synopticos, a singela e ao mesmo tempo sublime comprehensão que Christo tinha do *reino de Deus*, que elle pregava ao povo, com a metaphysica, absurda e incomprehensivel pintura que d'elle nos fazem as encyclicas e os mesmos concilios!

que um dos elementos tem impreterivelmente de ceder perante o outro. O vencedor permanece como norma ou lei na practica social, e o vencido desaparece, deixando apenas um nome ou uma nota nas paginas da historia do progresso humano.

Uma opinião pôde viver seculos em presença d'outra contraria: mas, na vida real, uma lei ou uma instituição não podem existir na mesma sociedade, quando ellas estão em contradicção manifesta com o sentimento geral e com a civilisação sua contemporanea.

O antagonismo a que me refiro tem passado mais de uma vez do estado de polemica á categoria de facto historico. Se é possivel negar uma opinião, o que seguramente se não pôde negar é o acontecimento.

A primeira crise que se deu com a religião catholica, foi não muito depois da grande victoria do christianismo, isto é, depois da convocação do concilio de Nicêa em 325 e da conversão de Constantino. Este concilio fôra reunido com o fim de estabelecer o symbolo christão contra as opiniões dissidentes, e especialmente contra a de Ario, que negava a divindade de Jesus. Um imperador pagão, que o era ainda quando fez a convocação do concilio, não podia certamente ser levado a este acto por piedade ou por uma crença que elle ainda não abraçara.

Costudo estabeleceram-se os dogmas fundamentaes da Igreja christã sob a sua presidencia. Apenas dous annos mais tarde, tendo sido chamado á Igreja metropolitana de Constantinopla o patriarcha Nestorio, levantou-se entre este e o patriarcha de Alexandria Cyrillo, o assassino de Hypathia, uma desastrosa controversia. Nestorio cria n'um principio divino universal, e regeitava o anthropomorphismo vulgar, que presta a Deus attributos humanos. Resolveu-se por isso a impedir o culto da Virgem Maria. Ensinava que Maria não devia ser chamada a mãe de Deus e sim a mãe da humanidade de Christo. Cyrillo sustentava a divindade e a virgindade de Maria, e combatia pelo seu culto.

Reuniu-se um concilio em Epheso para pôr termo a esta contenda violenta. Cyrillo usurpou a presidencia no meio do tumulto, antes que os bispos da Syria tivessem chegado. Estes associaram-se para protestar: respondeu-lhes uma sanguinolenta revolta. Nestorio foi desterado para um oasis do Egypto e perseguido até á morte. Porém a

doutrina nestoriana não morreu, e propagou-se pela Asia, onde os seus sectarios espalharam o odio contra a Igreja christã. Isto deu lugar mais tarde (590) á sua perseguição pelos Persas e á destruição das igrejas de Jerusalem, e até do sepulchro, da cruz de Christo e das reliquias.

O que acabámos de narrar, por si só, seria a historia de uma heresia, isto é, d'uma das fórmulas pela qual a razão protestou contra o incompreensivel dos dogmas christãos. Revoltas sanguinosas são o acompanhamento invariavel de taes disputas. Desde os primeiros seculos até á criação das ordens Dominicana e Franciscana, que este facto se repetiu innumeras vezes. Depois a inquisição encarregou-se de fazer a sua continuação, porém d'um modo methodico e regular, constante e inalteravel, como é a acção d'um tribunal permanente. Com effeito, no seculo xiv a Igreja foi inspirada por esta luminosa idéa, que as revoltas são uma arma de dois gumes, exigem trabalho e tempo para se fazerem, são inconstantes e transitorias, e sobretudo não constituem um instrumento docil e immediato. A revolta era apenas o algoz, o braço; o tribunal é o juiz e o carrasco, o pensamento e o braço, a força que domina e a áchta que executa.

Aquella heresia, pois, que sem outros factos teria sido apenas uma contenda no seio da Igreja catholica, passou da ordem das idéas á ordem das cousas, passou de heresia á categoria de scisão religiosa, d'uma nova criação emfim, quando um rapaz, que fôra instruido na religião christã segundo a crença nestoriana, prégou por toda a Arabia, depois da idade madura, a unidade de Deus e o desprezo da idolatria, constituindo uma religião nova que tomou o seu nome. Este rapaz chamava-se Mahomet.

Foi este o primeiro golpe dado no christianismo. Quem lh'o deu? A razão. Assim como a victoria do christianismo sobre o paganismo foi o restabelecimento do equilibrio intellectual, isto é, o resultado d'um accordo necessario entre o que se crê e o que se sabe, como muito bem diz Littré, assim tambem o culto das imagens, a divindade de Jesus, o mysterio da Trindade, os dogmas da incarnação do Verbo e da resurreição do filho de Deus foram para as meditações de Mahomet, uma crença incompativel com a sua intelligencia, como o era para aquelles mesmos que no seio da propria religião catholica disputavam ácerca d'estes assumptos. A historia das heresias é a compilação das

dissidências entre a fé e a razão. Para nivelar este terreno escabroso, tranquillisar a intelligencia e esclarecer a fé, como se costuma dizer, é que os Padres fizeram a theologia e a ergueram ás alturas de sciencia summa. E para, por fim, a pôrem para todo o sempre ao abrigo das invenções dos homens, é que elles lhe deram a mais solida de todas as bases — porque é indiscutivel — a revelação. Este é o sello da grande obra.

II

São certamente mui distinctos os objectos da fé e da sciencia, a materia que se crê e a que importa saber. Se a primeira não soffre discussão, a segunda é de sua natureza especulativa. Mas, em todas as phases da vida social, o accordo entre a crença e o saber foi necessario. O equilibrio é a sua lei. A duvida pôde existir por muito tempo, mas afinal a crise manifesta-se e o equilibrio estabelece-se. Quando este accordo se não dá, por isso que repugna a uma sociedade civilisada admittir uma crença grosseira ou incompativel com o typo do seu ideal, a crise é forçosa. Estamos passando actualmente por um d'estes estados, e por isso dentro de pouco teremos a reforma — o equilibrio. Eis como nasce a lucta entre a religião e a sciencia, quando se antolha a uma inspecção menos demorada, que não pôde haver incompatibilidade entre dois systemas que têm um objectivo diverso.

A diversidade d'este objectivo não importa uma opposição de principios, mas torna-se manifesta e especialmente accentuada na practica. Com effeito, que têm ou devem ter o culto e as praxes religiosas com os methodos scientificos e as descobertas da chimica? No campo especulativo, comtudo, onde o dogma e a theoria se podem achar em paralelo, a questão muda muitas vezes de face. Por isso os philosophos, sempre tolerantes, proclamando a independencia da fé e da razão, querem simplesmente significar por isto que desejam viver em paz com a Igreja, deixando-a espalhar pela humanidade todos os balsamos da graça, e exigindo em troca que os deixem pensar livremente no recinto dos seus gabinetes.

No campo puramente especulativo toda a gente comprehende esta

simples verdade — que se a fé fosse inteiramente opposta á razão, aquella seria um producto intellectual sem origem, innato ou revelado. Ora como repugna á nossa constituição intellectual uma revelação, que exclue todo o progresso das idéas e aniquila toda a espontaneidade humana (e até as proprias crenças são progressivas), torna-se preciso que a origem da fé seja a propria razão, embora n'um estado inconsciente e obscuro. Se assim não fosse, o fetichismo, que é a primeira fórma religiosa, não teria razão de ser, e as primeiras populações humanas deviam ter possuido uma religião revelada.

Bem sei eu que isto é considerar tão alto objecto d'um modo muito humano, e que não faltará quem me accuse de ignorancia e quem grite contra o disparate. Nada me surprehende já. Diz-se que a desobediencia de Adão envolveu na desgraça os seus descendentes; que estes se multiplicaram sobre a terra na prevaricação e na idolatria; que o Senhor, desgostoso da sua ingratição, os castigou com o grande diluvio; que os descendentes de Noé não lhes tendo aproveitado a lição, continuaram dispersos pelo mundo uma vida de torpezas, e que, a final, o Senhor resolveu-se a mandar seu proprio filho para ensinar a remissão dos peccados pela fé e prometter a rehabilitação pela graça. Não posso comtudo descobrir o cunho de divindade que se diz existir n'esta historia; e sei, além d'isso, que ella, não sendo tão velha como o mundo, é mais velha do que Jesus, e mais até do que Moysés. Conheço-lhe a paternidade, e por isso não ignoro tambem que nada tem de christã.

Se a graça produz ainda hoje effeitos tão miraculosos de conversão, como nos affirma um nosso erudito escriptor e eloquente orador, fundado em «fidedignissimas informações», seja-me perdoada a impiedade com que duvido de tão auctorisadas affirmações e de tão salutaes effeitos, dos quaes me acho privado não sei por que decreto superior.

A identidade de origem, portanto, entre a crença e a opinião, segundo o meu modo de pensar, apesar da diversidade que se deve estabelecer na practica para a paz do mundo, explica este phenomeno — de se acharem um dia a religião e a sciencia em hostilidade aberta no seio de uma sociedade. A lucta não se dá entre duas seitas «independentes da religião» como alguns affirmam, e sim entre a religião, ou a metaphysica que a domina, por um lado, e a philosophia da razão por

outro. Porque não ha nenhum systema religioso, desde o brahamismo até ao christianismo, que não esteja ligado a uma metaphysica particular, bem como nenhuma religião tem havido até hoje, que não pretenda tornar exclusivamente dominantes os seus principios philosophicos.

Todas as religiões aryanas, o brahamanismo, o magismo, o budhismo, e o proprio christianismo, — producto adulterado de cerebros semiticos implantado nas raças indo-europêas, — começaram por ser um systema do Universo ou uma explicação do mundo, sobre a qual, como cupula, se levantava a idéa do Ente supremo, ou d'uma força que preside ás cousas, synthese total de todos os phenomenos e portanto causa prima, na linguagem metaphysica. Os Vedas, o Zend-Avesta e o Pentateuco são as primeiras concepções do espirito humano, e resumem a sabedoria d'aquellas raças nas suas civilizações primitivas. Então a moral, a cosmologia, a politica e a religião achavam-se reunidas n'um só corpo, como ainda se observa no Koran, livro que se pôde chamar recente em relação á alta antiguidade d'aquelles codices. As especulações intellectuaes eram no principio um privilegio de poucos. As primitivas concepções foram, pois, metaphysico-religiosas. A separação do objecto da razão e da fê só se fez mais tarde, e marca um novo estadió na evolução intellectual da humanidade.

É esta idéa, justa e comprovada pela historia, que A. Comte formula na sua lei dos tres estados, que é a expressão dos grandes estadios d'aquella evolução — theologico, metaphysico e positivo. A theologia e a *phase theologica* do saber humano são cousas distinctas, no meu pensar. Esta phase passou ha muito; e comtudo a theologia, considerada como o systema metaphysico da religião christã, apesar de aperfeiçoada e desenvolvida, ao ponto de attingir o periodo que caracteriza o segundo estado, — a theologia existe ainda hoje com fóros de sciencia, para aquelles que entendem que a revelação pôde ser a base d'um systema philosophico, moral ou social.

O eminente E. Burnouf, na sua *Sciencia das Religiões*, diz que os principios da religião e da sciencia (os principios metaphysicos) são communs, o que é attestado pela analyse e evolução historica do brahamanismo, do hellenismo e da moderna reforma intellectual iniciada no seculo xvi. A identidade do methodo nas concepções já religiosas, já philosophicas, é uma lei por elle demonstrada á evidencia. Assim,

escreve este philosopho, «toute la doctrine qui attaque la religion attaque aussi la métaphysique, puisque leur théorie est la même.» (1)

O que prova esta unidade de methodo? A identidade de origem da razão e da fê, e portanto a falsidade da revelação e a improficuidade da graça. Estas creações são meramente humanas, como o foram, são e hão de ser todas as religiões, qualquer que seja a necessidade social que as imponha, ou o periodo da evolução que as sancione. As suas leis são as que regem todas as creações intellectuaes ou politicas, têm o seu periodo de formação como o de decadencia, a sua origem como o seu fim.

Todas as vezes que uma religião adquire a importancia de aspirar á universalidade, essa religião chegou á ordenada maxima da sua curva evolutoria, e d'ahi por diante tem de seguir impreterivelmente uma declinação mais ou menos rapida. Esta declinação tem fórmãs invariaveis, como as teve o desenvolvimento. — A primeira effectua-se pelas dissidencias e portanto pela multiplicação das seitas, isto é, pela desaggregação; o segundo effectua-se pela preponderancia de uma seita entre muitas, e pela absorpção das menos poderosas, isto é, por agglomeração. O que uma religião adquire em extensão perde em intensidade e unidade, e reciprocamente. Assim quando o paganismo se assegnoreou da Europa inteira, a pureza do culto e a simplicidade das crenças transformaram-se. Os mysterios profanaram-se; as altas classes perderam, na grande maioria, a confiança nos deuses e nos oraculos; e os sacerdotes, como melhor scientes dos embustes com que illudiam o povo, foram os primeiros prevaricadores. Conta Flavio Josepho (2) que no tempo de Tiberio teve logar em Roma um escandalo odioso practicado por occasião dos sacrificios de Isis. Um moço patricio amava loucamente uma formosa romana, casada, virtuosa e simples nas suas crenças. Confessou-lhe o seu amor e offereceu-lhe grandes sommas. Ella recusou com indignação amor e dinheiro. Desvairado, intentou matar-se á fome. Uma creada de seu pae, que era muito habil em tudo, e em muitas cousas que é melhor ignoral-as do que sabel-as (são palavras do proprio auctor), tomada de compaixão por este louco, dis-

(1) Burnouf, *Science des Religions*, pag. 430.

(2) *Historia dos Judeus*, liv. XVIII, cap. IV.

se-lhe que talvez ella podesse conseguir o seu intento se lhe quizesse confiar uma quantia, que era a final muito menor do que a que elle offerecera já. O mancebo accitou a proposta. Idé, assim se chamava a serva, recorreu á omnipotencia dos sacerdotes de Isis, porque sabia da devoção que a nobre dama professava por esta divindade. Dito e feito. O mais venerando dos sacerdotes intima immediatamente a devota a passar uma noute no templo a convite do deus Anubis. Quem lá se achava não era Anubis, era o amante repellido, que, como é de prever, se não deu a conhecer. O que se passou n'aquella noute ao abrigo das solitarias paredes do templo, no meio da mais discreta solidão e d'um silencio mysterioso, que o leia quem quizer em Flavio Josepho, no capitulo citado. Ao outro dia o amante vingou-se da antiga repulsa declarando á devota patricia o seu proprio procedimento, e o escandalo fez vertiginosamente o circulo de Roma.

As festas de Bacho e de Venus na Grecia e as de Wichnou na India são outras tantas provas de que, quando uma religião chega ao auge do seu esplendor, conserva-se por força da tradição e do fanatismo, mas desmorona-se successivamente, apresentando mais para diante apenas a preversão dos primitivos ritos, se é que elles não começaram por ser preversos.

A religião christã, que o proprio catholicismo vae sepultando ha mais talvez de cinco seculos, está n'esta phase, *mutatis mutandis*, attentas as condições da epocha e da civilisação. Os milagres de Lourdes e de la Sallete; as mysticas communicações de Pio ix com o creador, como por exemplo, essa historia de uma senhora que sacrificou a sua vida pela conservação da d'elle; as palavras em tom de profecia das suas bullas e epistolas; o concilio do Vaticano; os ares de resignação evangelica que elle pretende oppôr á supposta perseguição que soffre por parte dos estados e dos homens liberaes; as apostasias, tudo enfim revela uma forte crise no vasto corpo da Igreja, crise que dentro de pouco não merecerá as honras da discussão.

As religiões formam-se e dissolvem-se pelo modo por que o oleiro faz uma urna ou ainda como o primeiro homem sahio das mãos do creador, e desapareceu da superficie da terra, segundo a lenda. O creador reuniu os fragmentos do barro, amassou-os, deu-lhes a plasticidade, affeição-lhes a fórma, e insufflou na sua obra a vida com um sopro, como affirmam os que o sabem. Eis o homem feito de argilla e

ar. Com effeito nada mais proprio para o symbolisar: a argilla é o laço mesquinho que o une á terra, ao soffrimento, á fraqueza, á miseria; o ar é a bolha de sabão que lhe inspira o arrojo, a vaidade, o orgulho, a insensatez. Não ha imagem mais exacta com effeito; mas eu descreio do creador cuja imagem é esta mesma. Santos Padres, homens virtuosos que hoje gozaes da gloria eterna, illustres prégadores e conferentes, theologos profundos, e vós tambem illustres successores de S. Pedro, o judaisante, assim como vós outros ministros da mais santa e verdadeira de todas as religiões, eu vos conjuro a que não me façaes crer no vosso Deus, porque os hereticos e blasphemadores sois vós.

Depois, este homem creado morreu de um modo mais simples. Baixando á terra, desapareceu totalmente na desintegração de todas as partes de seu corpo, que foram associar-se indiscriminavelmente ao mesmo barro d'onde sahira. Foi formado por agglomeração, e desapareceu por desagregação. Exactamente succede ás religiões.

III

A. Comte teria commettido um erro historico, se affirmasse que as crises da religião e da sciencia foram sómente tres, entendendo-se por crise todas as grandes commoções que têm produzido uma nova criação ou uma reforma religiosa. Se a primeira crise que apontei, a qual versou fundamentalmente sobre o modo de conceber a idéa de Deus, deu logar á anthese do islamismo, seguiu-lhe a segunda no século XIII, quando a Igreja catholica tinha tomado nas mãos o sceptro do Universo, e a philosophia escolastica estava no seu apogeu.

Esta lucta teve por base a natureza da alma. As theorias da alma sempre foram derivadas da theodicêa adoptada, e todas as hypotheses que sobre a questão da natureza e das propriedades da alma têm havido se resumem em duas. A primeira hypothese consiste em considerar a alma humana, espiritual e immortal, creada por um Deus pessoal, existente fóra do Universo, creador do mundo *ex nihilo*, seu conservador e regulador. A segunda é a hypothese d'um Deus impessoal, d'um principio intelligente e activo, e a d'uma alma humana

emanada d'elle e voltando a elle — a chamada doutrina da emanação e da absorção.

Ora a primeira, que foi consagrada pelos padres orthodoxos da Igreja catholica, tornou-se a base da theologia christã, e dos dogmas do christianismo sancionados pelos concilios. D'ella nasceram a theoria da criação, a necessidade da revelação e da graça, a doutrina das causas finaes, etc. Estas doutrinas foram introduzidas no christianismo pela influencia da philosophia grega, especialmente de Platão e de Aristoteles. A actual theologia é um puro platonismo; a philosophia que ella encerra é simplesmente a peripatetica.

A segunda hypothese é proveniente das crenças budhicas. Foi ensinada pela escola de Alexandria, entrou na religião mahometana, porque o principio da unidade de Deus é concordante com esta idéa, e foi propagada em Hespanha e na Europa por Averroes e pelos seus discipulos. O seu grande contestador foi S. Thomaz d'Aquino — esse doutor angelico, que era dominicano e que contribuiu tanto, no campo philosophico, para o exterminio da liberdade intellectual, quanto a inquisição, com a fogueira e a tortura, deprimiu os liberdades civis, a independencia politica e o progresso da civilização.

A Igreja produziu então para vencer na lucta a sua maior e mais hedionda criação — a inquisição. Havia muito tempo que ella estava tacitamente assignando o seu acto de abdicação; mas desde então a sua soberania temporal e a necessidade logica da sua existencia ficaram inteiramente compromettidas.

Por quem e em nome de quem foi accusado e processado Galileu? Por quem e em nome de quem foi condemnada a doutrina de Copernico? Pela Igreja, em nome da religião. D'esta vez venceu a sciencia: a Igreja acceitou as novas idéas. O equilibrio transitorio da fé e da razão estabeleceu-se de novo, porque a Igreja viu-se obrigada a abandonar o erro, esse producto da ignorancia de antigas eras, preconizada pelos Padres, e acceitou a reforma scientifica. Foi então que a exegese aprendeu a adduzir este argumento — que a Biblia não é um livro de sciencia nem de philosophia, e que as discussões scientificas especiaes nunca a podem contradizer, antes a confirmam. Foi desde então que a hermeneutica sagrada aperfeioou o seu systema, convencida de que um systema estacionario, como é o que se baseia no mysterio e na revelação, ha de constantemente ter que sustentar uma

guerra aberta com todo e qualquer systema progressista, como é a sciencia, filha exclusiva da razão e da observação.

Depois veio a grande Reforma, iniciada por Lutero e Calvino, que produziu as Igrejas Protestantes das nações do norte da Europa. Com quem luctava a sciencia? Com a religião. A nova criação religiosa é o protesto formulado pela razão humana contra as pretensões do catholicismo e os dogmas da Igreja. Ainda uma vez foi o christianismo vencido, e viu desmentida pelo facto a sua unidade, porque milhões de fieis se separaram do seu gremio constituindo Igrejas dissidentes e separadas. Repetiu-se o que outr'ora tivera logar na Arabia; mas d'esta vez o golpe foi mais profundo, porque foi vibrado, mesmo na Europa, ao seio da propria sociedade christã. Mahomet, a principio preseguido pelos seus proprios compatriotas, operou a sua reforma na Arabia, onde a raça e a civilisação eram distinctas d'estes dous elementos nos Imperios do Occidente e do Oriente. Só depois é que o islamismo se espalhou na Asia, na Africa e na Europa occidental; mas esta expansão é antes uma conquista militar e politica do que um apostolado e uma conversão.

Fica pois provado que, se é entre a metaphysica ou a theologia e a sciencia que se tem dado e dá actualmente o conflicto, é-o, *ipso facto*, entre a sciencia e a própria religião.

A theologia nunca existiu nem pôde existir independentemente da religião. É sua filha mais velha, e foi creada pelos Padres da Igreja como arma para combater as heresias, primeiro que tudo. Na primeira metade da idade media, quando a humanidade segundo Comte attingiu o periodo metaphysico, a theologia era a exclusiva sciencia e a fonte de toda a illustração. As sciencias da observação, as que não reconhecem o principio dogmatico da revelação, só surgiram mais tarde, lentamente e á medida que a liberdade humana se affirmou e quiz commungar do pão do espirito, o qual tinham monopolisado até ahí os padres e os monges, quero dizer, o pão da instrucção e as luzes da cultura intellectual.

O antagonismo da sciencia e da religião não se transforma portanto n'um antagonismo pessoal e positivo, em quanto não começou de ser uma antinomia ideal proveniente da opposição entre a fé e a razão, e da impossibilidade de manter crenças retrogradadas. A opinião de que a fé e a crença são inalteraveis, fixas e eternas, é uma ficção

introduzida pela Igreja no christianismo a fim de manter intactos os seus dogmas contra os assaltos da intelligencia revoltada. Ora ninguem, que seja esclarecido e de boa fé, pôde acceitar hoje esta ficção, que se acha em completa opposição com a critica historica e com a evolução dogmatica do christianismo. Á criação da theologia christã e da ficção da immutabilidade do dogma seguiram-se os grandes meios, os meios fortes — a perseguição primeiro, e a inquisição depois. Ainda goteja sangue a cadeira pontifical; ainda clamam justiça os milhões de victimas immoladas pela cubiça e pela hypocrisia! Ó Deos! como os teus ministros têm vilipendiado o teu nome!

Em materia de critica historica ou litteraria ha um principio estabelecido pela sciencia moderna, que é preciso jámais esquecer, se se quizer ter confiança nas illações que a analyse e a comparação podem deduzir dos factos. Consiste este principio em não afferir o passado pelas nossas vistas actuaes, pela nossa educação, e pela civilização contemporanea. É necessario, ao contrario, que o critico se transporte ao seio da sociedade que estuda e ao dominio das leis que regem os factos que analysa. Esta é a norma da philosophia positiva ácerca de critica historica, porque só por ella se pôde descobrir a grande lei que governa os phenomenos e os acontecimentos — a lei da evolução.

Por isso não acho justo o dizer-se que tal ou tal crença é ou não extravagante. A não ser o grosseiro materialismo fetichista, que foi o primeiro producto religioso das primitivas sociedades, como ainda hoje é o culto de muitas populações selvagens — producto que pela sua simplicidade necessaria exclue toda a communhão com as concepções idealistas d'uma sociedade que tenha vestigios de civilização — a não ser o fetichismo, todas as religiões, desde o paganismo até ao christianismo, têm presidido a sociedades florescentes, ricas e poderosas. As religiões só se acham más depois que prestaram toda a sua vitalidade a um certo periodo ou a um certo povo, e começam a desprestigiarse pelo ridiculo ou pela infamia. Antes d'isso todas são igualmente boas, porque todas começaram por dar ao homem a sua parte de edificação. Pensar d'outro modo é caminhar com a idéa anticipada da excellencia da nossa propria religião ou da religião actual, e ver por este prisma enganador as creações do passado. Se o christianismo ensina aos seus filhos que só elle é a verdadeira religião, o

mesmo ensinam o islamismo e o budhismo; e um argumento d'esta natureza nunca pôde ser nem serio nem convincente.

O corollario que a consciencia humana tem a tirar do estado presente da cultura intellectual, reconhecida esta grande verdade, que a crença não tem outra origem senão a propria razão, é o seguinte — que a sua unica fé é a fé scientifica. A fé religiosa deixou de ser um principio necessario para a vida, assim como o elemento ecclesiastico, tolerado ainda, se deve considerar absolutamente independente de toda a direcção social, politica ou intellectual. A philosophia que se funda n'estas bases não reconhece como possivel um retrocesso para as idades medievaes, em que a sciencia era a serva da theologia (*ancilla theologiae*). Não disputa á religião, porque isso lhe é absolutamente indifferente, o dominio espirital (que o acceite quem quizer); mas conquistou e mantem o seu direito de autonomia. Uma sociedade theocratica e uma philosophia theologica são, no seculo presente, tão grandes impossiveis, como seria, na politica, transferir para o seio das nações da Europa o regimen feudal.

IV

Sua Santidade, que deixou de ser o vigario de S. Pedro para ser o de Christo, e que não contente com isso quiz representar na terra o proprio Deus, infallivel e omnisciente, atirou á face da Europa em 8 de dezembro de 1864 a celebre encyclica e o syllabus, onde se proclamam como perniciosas todas as liberdades legitimas e todas as conquistadas da civilisação. Ainda não satisfeito, convoca o concilio ecumenico do Vaticano por uma bulla datada de 29 de junho de 1868. O concilio abriu-se em 8 de dezembro de 1869 e fechou-se nos fins de julho de 1870. O concilio tinha por fim sancionar o syllabus, promulgar o dogma da infallibilidade e definir as relações da religião e da sciencia. Assim se fez. Olhemos, porém, para os acontecimentos europeus n'aquelle intervallo de tempo, que nos fornecem uma util lição.

Entre 1864 e 1870 tiveram logar dois grandes acontecimentos europeus: a guerra prusso-austriaca e a guerra franco-prussiana. Desde

muito que o Papa, por conselho dos Jesuitas, pretendia galvanisar o corpo enfraquecido da Igreja; e o plano que meditava, tendo tudo de politico, estava longe de ter alguma cousa de religioso, apesar dos seus aspectos beatificos. Este plano consistia em fortalecer o poder papal por dois modos: 1.º por uma forte centralisação disfarçada sob os attributos espirituaes da Igreja, mas exercendo activa e efficazmente uma auctoridade soberana nas leis e na politica dos estados; 2.º por uma censura severa imposta aos progressos do racionalismo scientifico e da independencia intellectual.

Era preciso tratar esta grande questão por todas as faces. Quaes eram os meios proprios para realisar esta colligação do jesuitismo e da Igreja contra a humanidade? Os internos ou da propria alçada, e os externos ou politicos. Com effeito lançon-se mão de uns e outros. Em 1864, dissemos nós, foi publicada a notavel encyclica. Este documento era a summa da conspiração tenebrosa, era emfim a circular politica, que sob a tunica de santidade que o Vaticano tem envergada ha seculos, se enviava aos bispos, isto é, aos delegados do poder central. Este documento, porém, já levantou observações, postoque ainda submissas e respeitosas, tanto em Roma como fóra. Muitos membros do alto clero, a imprensa de varios paizes, emfim a opinião geral achava temerario este desafio lançado ao seculo e ás suas conquistas, que são sua propriedade legitima, e que nada tem que ver com Satanaz. A linguagem d'aquella circular era altamente impertinente e por vezes insultuosa. Não se denunciavam n'ella sómente as idéas e as instituições; denunciava-se tambem a politica. A encyclica pronunciava-se contra «a impudencia» dos que queriam subordinar a auctoridade da Igreja á auctoridade civil. O manto de santidade, ruçado do velho uso, estava rôto e pelos buracos distinguam-se as antigas chagas do corpo doente; no phraseado havia o mau humor da fraqueza humana. A Russia magoou-se: a Curia romana rompeu com ella. Em 1866 contava a Curia com a victoria da Austria sobre a Prussia: a constituição da antiga confederação germanica era um dos fios da sua trama. Não succedeu assim: rompeu com a Austria. A Prussia conservou-se passiva; veremos aonde a levaram pouco depois as imposições da Curia. Emfim a França permittiu apenas a publicação da parte da encyclica que dizia respeito ao jubilea, apesar de conservar as suas bayonetas ao serviço do Papa.

A derrota de Sadowa não intimidou a Curia; ao contrario, foi motivo para a deliberar a lançar mãos dos meios internos. Com effeito os meios politicos tinham até então produzido resultados insignificantes. A politica da expectativa não lhe apraz, porque Roma não arma exercitos nem gasta dinheiro: recebe-o. A sua politica não conhece a prudencia como a de qualquer estado, visto que usa apenas de uma arma, que nunca se embota — a intriga. Portanto o Papa pronunciou em 27 de junho de 1867 uma allocução, na qual confirmava a encyclica e o syllabus e annunciava a proxima convocação de um concilio ecumenico, convocação que com effeito teve logar um anno depois.

Abriu-se emfim o Concilio. A 13 de julho de 1870 o Papa proclamava o dogma da sua infallibilidade, e n'esse mesmo dia, notavel coincidencia! a França declarava guerra á Prussia. Oito dias depois a França retirava as suas tropas de Roma, e a 20 de setembro d'esse mesmo anno as tropas italianas occupavam Roma. Victor Manuel dizia ao Papa, n'uma carta, que corria a proteger Sua Santidade e a Igreja; e o Papa respondia-lhe que S. Magestade era a amargura dos seus ultimos dias, terminando por pedir a Deus lhe concedesse o perdão de que tanto carecia. Nada mais curioso do que este episodio. Os papeis haviam-se invertido: Victor Manuel fallava a linguagem melliflua da Igreja; Pio IX retorquia-lhe com as expressões amuadas de um velho.

A capitulação de Sédan foi outro desengano semelhante ao de Sadowa. Intimidou-se comtudo a politica romana? de fórma alguma. Os acontecimentos corriam rapidos. A definição do dogma da infallibilidade levantara admoestações e protestos. O arcebispo de Vienna d'Austria, muitos outros arcebispos e cardeaes supplicaram a Sua Santidade que não provocasse um conflicto impondo á crença geral, (ou não sei se diga á descrença crescente) mais dogmas que os que tinha definido o Concilio de Trento. Mas que! Já em 1854 uma reunião de bispos havia definido o dogma da Immaculada Conceição. Os jesuitas saltaram por cima das resistencias internas e externas ao Concilio. Os bispos não haviam sido convocados para deliberar, mas para votar os decretos já discutidos.

Passava-se isto no seio da Igreja. Fóra, não menor era o desacordo. Roma, que já não contava com a Russia, nem com a Austria, nem com a França, nem com a Italia, não tergiversou: voltou-se para a Prussia, que não havia opposto difficuldades á encyclica. O procedi-

mento hostil que o Papa e a Curia tinham até então usado para com os protestantes havia-os levado a agremiarem-se n'um forte partido para resistir. Em virtude d'isto foram accusados os professores d'algumas Universidades. Por fim um foi excommungado, e a Curia pediu a sua demissão. O governo prussiano negou-se a dal-a. A Curia impoz; e o parlamento respondeu-lhe supprimindo no ministerio dos cultos a repartição catholica, decretou a sujeição das auctoridades ecclesiasticas ás leis da nação e acabou por expulsar os jesuitas. Pio IX, depois, na sua allocução de 1872, queixava-se das perseguições que a Igreja estava soffrendo no Imperio allemão!

Eis aqui o conflicto politico. Não é necessario interrogar quem o provocou. Agora fallemos do que toca á sciencia. Como em todos os tempos, ella, a sciencia, estava tranquilla e calada, revolvendo nos laboratorios, nos gabinetes, nos amphitheatros, e nas academias os velhos problemas da philosophia, que se erguem perante o espirito humano, como as perguntas da esphinge. O espirito investigador do homem perguntava-lhe: quem sou eu? d'onde vim? para onde vou? E ella respondia: — Quem és? Apenas o producto de uma remota evolução. D'onde vieste? Do trogloditismo e da miseria. Para onde vaes? Para onde te conduzirem a tua actividade intelligente e a tua liberdade.—A Igreja não gostou d'estas soluções, e não só as achou imprudentes mas pestíferas. E um dia, sem mais aviso, atirou um punhado de raios ao seio da pobre sciencia. A deusa, cuja magestade se não afere pelas lantejoilas do throno pontifical, ficou impassivel. Ella não sabe agredir, defende-se. Mas as suas armas são terriveis, e sabe que nas batalhas que fere tem a victoria ganha de antemão. Como não combate pelo interesse, não se ufana com isso. O seu ideal não é o despotismo de uma seita; os meios de que se serve não são o proselytismo; o alvo a que se dirige não é a defraudação da grande maioria em proveito de uma pequena minoria. Principio, meio e fim são absolutamente oppostos.

O seu principio? É a liberdade.

Os seus meios? São o trabalho.

O seu fim? É a felicidade humana.

Esta é a unica trindade que ella manda prègar á humanidade. Este é o unico apostolado digno das intelligencias cultas.

O dedo da sciencia está sempre apontado para a historia — a mestra da vida. A pagina onde ficou gravada a lucta contra o helio-

centrismo, tem no fundo a renuncia do erro geocentrico firmada pela Igreja. A pagina da actualidade está ainda por escrever. O anthropocentrismo ha de um dia ter ahi tambem a sua historia, e por baixo, não o duvidemos, ha de igualmente apparecer a renuncia da Igreja. Analysae-lhe então bem os caracteres do seu termo de abdição: ha-veis de ver n'elles claramente os traços tremulos e indecisos da caducidade senil.

Esta é a ultima crise, a actual, a contemporanea, aquella que faz dizer a Hartmann que nunca houve seculo mais irreligioso que o presente, e que ia promovendo na França, — n'este desventurado paiz que deu á Europa, á custa do seu sangue, a mais espantosa lição de liberdade e de progresso — uma commoção que ameaçava de ser terrivel, se felizmente não fosse debellada. Oxalá não surjam cedo novos ataques á liberdade das instituições, á paz e felicidade dos cidadãos!

Os philosophos dizem ao clero: — senhores, vós sois os representantes da instituição mais velha do mundo actual; tendes por vós a auctoridade e a adhesão de muitas almas. Pois bem, ide vosso caminho, edificaes a esses que adoram o passado, e que cavando na tradição exhumam de lá o divino. Mas não queiraes constranger a acompanhar-vos á força os que vos não querem seguir. Não allumieis a guerra. Deixae-nos em paz a nós outros, que temos mais confiança na reforma intellectual, embora mais moderna e sem a auctoridade tantas vezes secular da Igreja.

Não é possivel fazer ouvir esta lição de tolerancia, e declara-se «que a inquisição é de urgente necessidade em presença da incredulidade do seculo.» Aquelles para quem não passa desapercibida esta questão enorme, esta questão vital, erguem-se de salto, como sorprendidos no leito por um assassino, e tremulos de raiva, cabellos hirtos, com o coração alanceado de desgosto apenas desejam fazer o sacrificio da vida em defeza da sua liberdade, gritando: — ás armas, cidadãos! Defendamos a candura de nossas filhas e o amor de nossas esposas! Querem-nos assassinar, reparaes; mais ainda, querem-nos queimar vivos!

Isto é um pesadelo horrivel, hão de confessar os leitores. E, contudo, este pesadelo é a realidade, uma espantosa realidade: chama-se — a politica de Roma!

CORRÊA BARATA.

JANEIRO, 1878.

A QUESTÃO DO ORIENTE

I

A velha questão do Oriente, espada de Damocles suspensa sobre a politica europeia, nó gordio da moderna civilização occidental, surge novamente com os mesmos symptomas, com os mesmos perigos e com as mesmas causas.

A Russia constantemente acordada pela ambição da conquista, tem fixados na Turquia os seus olhos cubiçosos e aproveita todo o ensejo, o mais ridiculo e fingido pretexto, para lhe declarar a guerra. A diplomacia occidental renova de cada vez as suas tentativas pacificadoras. Por fim estabelecem-se condições de paz em successivos tractados, que não dão a solução do problema nem a confiança do seu cumprimento, porque a guerra surge de novo, a despeito de todos os compromissos.

Este é o facto. A diplomacia, esse expediente safado e immoralissimo, filho da crise do seculo xv, é impotente e irrisorio diante das causas, até ao presente invenciveis, d'estes duellos das nações.

Seja qual fôr a razão apparente, tomada como pretexto para a renovação d'esta lucta, no fundo existe uma unica causa real, permanente — a sêde de conquista da Russia. É outro facto, evidenciado pela historia da evolução social da Europa, bem como pela mesma historia particular da questão sujeita.

O espirito de conquista é, na historia de cada povo, o principio dominante da sua existencia, n'um periodo mais ou menos longo da sua actividade. Por este estado passaram todas as nações da Europa que têm uma historia para o afirmar.

A casa de Austria tivera o seu cyclo de existencia conquistadora; viera-lhe d'ahi o seu notavel predominio europeu, que durou até que as nações colligadas lh'o destruíram.

Seguiu-se-lhe a França, que passou pelas mesmas phases de predominio e decandencia. A Inglaterra teve a sua vez; e finalmente a Russia inaugurou a sua vida conquistadora, quando pelos outros pai-

zes da Europa circulavam novas condições de existencia social, e a mesma Albion diminuía a conquista para augmentar a força e a segurança das suas largas possessões.

Á sêde ambiciosa da extensão territorial succede a aspiração muito mais legitima da unidade social e politica; ás luctas externas succedem as commoções intestinas. Muitas parcelas territoriaes são desannexadas pela impossibilidade da sua occupação; mas, uma vez definido o espaço possível e compativel com as condições naturaes e sociaes, a vida collectiva determina-se e as nacionalidades caminham para a sua affirmação individual.

Assim é que a França, desde 1740 até hoje, tem perdido — quasi todas as suas possessões coloniaes da Asia e da India; Madagascar, a ilha de França e Rodrigo, na Africa; Acadia, Canadá, o cabo Bretão, as margens de S. Lourenço, a maior parte das Antilhas, Dominica, S. Vicente, Grenada, Santa Lucia, Tabasco e Santo-Eustachio, na America. Finalmente na Europa perdeu successivamente — Sarrelouis, Landau, Philippeville, Courtay, Tournay, e ultimamente a Alsacia e a Lorena.

Durante todo este tempo apenas pôde alcançar a posse definitiva da Corsega, em 1768, de Mulhouse e Avignão, em 1790, e da Algeria.

A Inglaterra, aonde o principio da conquista chegou mais tarde, effectuou, n'este mesmo periodo, notaveis acquisições. Bastará citar — a ilha de Malta, o protectorado das Ilhas Jonicas, na Europa; Aden, Ceylão e a maior parte da India, na Asia; as ilhas de Loise, muitos estabelecimentos da costa de Guiné, na Africa; emfim muitas e notaveis occupações na America e Oceania.

A Russia, por fim, levanta-se do seu estado de barbaria quando as outras nações da Europa haviam passado já pelas successivas transformações da sua affirmação externa e interna.

A França começara a sua organização com Luiz XI; a Hespanha com Fernando-o-Catholico; a Allemanha com Maximiliano 1.º; a Inglaterra com o reinado dos Tudors; a Italia com a aniquilação das suas republicas.

O celebre tractado de 1648, conhecido pelo nome da paz de Westphalia, ao mesmo tempo que procurava estabelecer o equilibrio internacional, reconhecia a vida propria das nacionalidades europeias.

E quando isto succedia no occidente, levantava-se a Russia ao primeiro clarão definido de paiz civilisado. Da barbaria passava á conquista. Diz-se que o testamento de Pedro o Grande definira a nova phase. Real ou chimerico, este documento é um codigo russo, uma bandeira invariavelmente seguida em todos os movimentos do imperio de ha mais de um seculo.

Diz-se tambem que, quando Catherina II fazia a sua viagem á Crimêa, se escrevera em um arco triumphal do seu trajecto — *caminho de Byzancio*. Verdade ou não, a guerra do oriente começa ahi. A Russia vae de conquista em conquista, e Constantinopola está cada vez mais proxima das fronteiras do grande imperio moscovita.

Deixando de parte as successivas acquisições alcançadas n'outros sentidos, basta analysar as que se referem á lucta do oriente.

Em 1774 realisa-se o tractado de Koutchouk-Kaïnardji. Promette-se a paz, mas a Russia alcança as cidades de Azov, Ienikaleh e Kertch. As brisas do mar de Azov bafejavam as aguias da Russia, que tinham novos caminhos abertos para a Crimêa, d'onde se vê bem o Mar Negro. A separação da Tartaria da obediencia do sultão completava a primeira e grande conquista da Russia sobre o imperio ottomano.

Em 1792 o tractado de Iassi estabelece nova paz, dando á Russia a Crimêa e o Dniester por fronteira do seu imperio.

Em 1812 alcançam as aguias russas, no tractado de Buckarest, as boccas do Danubio e o rio Pruth para fronteira dos dois imperios.

Em 14 de setembro de 1829 faz-se a paz pelo tractado de Andrinopla, obtendo a Russia o protectorado da Valachia e da Moldavia, as cidades asiaticas de Anapa e Poti, e emfim a livre passagem dos Dardanellos para os pavilhões de todos os paizes.

D'esta vez estava aberto o caminho do mundo. A conquista podia estender-se por mar até aos confins da terra. O tractado de Andrinopla tem vistas superiores á dominação do imperio turco. As aspirações ficavam bem definidas.

Em 8 de julho de 1833 consolidam-se pelo tractado de Ounkiar-Iskelessi as concessões de Andrinopla, e a Russia alcança a livre e exclusiva passagem dos estreitos do imperio turco.

Finalmente o tractado de Paris de 1856 e a constituição da Romania de 1859 são improficuos para vencer a ambição conquistadora

da Russia, que não faz nenhum caso dos compromissos, desde que póde cevar a sua sêde dominadora.

Juntando-se á lista que antecede a usurpação da Georgia, de Tiflis, de Erivan, da Circassia, e de muitas outras possessões turcas da Asia; as acquisições de muitos territorios recebidos da Suecia, Allemanha e Polonia; emfim as occupações de extensos terrenos da America, todo o mundo ficará vendo claramente o motivo por que a questão do Oriente se repete hoje, a despeito de todos os esforços, da violação de todos os tractados, dos principios de justiça e do direito das gentes.

Não é outra a causa. O aniquilamento do imperio ottomano póde ser uma aspiração d'uma seita religiosa, mas nunca um proposito ou mesmo uma vontade politica. As dissensões intestinas do imperio, as sublevações dos potentados sujeitos á obediencia da Porta, quando extranhos a influencias exteriores, não têm a importancia que muita gente lhes attribue, como causas aniquiladoras d'esta nacionalidade. Ao contrario, são os actos de consolidação interior, de constituição politica e unidade social que todos os outros paizes têm ou tiveram em tempos correlativos. Os elementos de raça, de lingua, de clima e de historia são pouco a pouco identificados e confundidos para originar o corpo que se chama um povo pelo sangue, pela vida, e pelos mesmos interesses e aspirações.

A Turquia, como a Austria, está ainda longe da sua unidade, longe de alcançar esta fusão, que obteria mais promptamente, se a Russia se não aproveitasse de qualquer commoção interior do imperio ottomano para pretexto da sua idéa dominante.

Para não ser prolixo bastará citar o nobre exemplo da Italia, a grande transformação da Allemanha, e por fim a heterogeneidade permanente da Hespanha. A primeira resolve por si propria o grande problema da sua constituição, no meio de continuas commoções e calamidades nacionaes; a segunda caminha arrojada na mesma senda, impondo-se pelo brilho dos seus capacetes laureados; a terceira atravessa fraca e abatida o seculo das grandes elaborações, trocando a vida dourada da sua consolidação pela inercia d'uma existencia mesquinha, embalada ao som das castanholas e do pandeiro.

Se a diplomacia não fosse esse ridiculo expediente revolucionario, sem força, sem responsabilidade, sem sciencia nem consciencia, a diplomacia deveria tornar clara esta affirmação ao gabinete de S. Pe-

tersbúrgo, afim de que um transparente e illegal empenho não estivesse continuamente a esconder-se em umas apparencias de moralidade.

Ao contrario d'isto, fazem-se conferencias diplomaticas nos primeiros centros da politica. Repetidas embaixadas se reúnem em Londres, Pariz, Berlim, S. Petersburgo, Vienna e Constantinopla. N'estas conferencias, medem-se as palavras com uma desconfiança mutua, que é a primeira causa de desintelligencias. Ninguem diz claramente o que quer, o que entende, o que é preciso fazer. O resultado é esse espectáculo irrisorio que estamos a ver todos os dias, em que os actores não avaliam a responsabilidade moral, (já que outra não ha) que lhes cabe, nem decidem outra cousa senão a necessidade da guerra!

E no fim de tudo, ha ainda a inaudita coragem de se tomar para causa da intervenção o protectorado do imperio! A Russia falla em nome da sua protecção aos potentados contra o sultão: as nações occidentaes, tão hypocritas como a primeira, fallam da protecção ao imperio contra a invasão da Russia!

Todavia a Russia, que em 1774 se dizia protectora da independencia da Crimêa, do Bondjak e do Kouban, toma, nove annos mais tarde, conta d'estes territorios!

Ella, que começou por obter a separação da igreja bulgara do patriarchado grego de Constantinopla, pedê agora a independencia politica do potentado, para amanhã completar a sua usurpação.

II

Ninguem pôde ao certo determinar as consequencias da lucta actual.

A guerra, por em quanto localisada e restringida ás duas potencias, generalisar-se-ha, entrando n'ella as nações occidentaes, ou terminará por nova paz, realisada pela simples intervenção diplomatica?

Analysemos as duas hypotheses á luz clara dos factos. A Turquia, perdida totalmente a esperanza do auxilio europeu, para conseguir o qual tem trocado e repetido as suas notas e embaixadas, recorrerá ao ultimo extremo. A lucta, politica ao principio, tornar-se-ha uma guerra

religiosa. O estandarte do islamismo, levantado na capital do mundo sujeito ao Koran, reunirá em torno a si todos os braços que poderem sustentar uma arma.

A Europa, a Ásia e a África congregarão enormes forças, porque o islamismo é ainda seguido por quasi um terço da população do antigo continente. As consequências de tão momentoso successo não podem ser calculadas de prompto. A Rússia, que, porventura, sustentaria sosinha a força militar do imperio turco, poderá ser impoderosa diante da onda fanatica da lucta religiosa, e o islamismo triumphante chegará a ameaçar a Europa. Uma vez possuida do calor da victoria, a corrente estender-se-ia mais longe, assumindo o vulto da invasão, por ventura mais para receiar que a do seculo VII. As forças dos invasores são maiores, e as dissensões politicas e religiosas do continente são outra causa para temer esta solução.

A Rússia, auxiliada pelos potentados subordinados á Porta, favorecerá mesmo por outras circumstancias estranhas, vencerá as forças congregadas pelo inimigo. Esta segunda hypothese, infinitamente mais provavel, não melhorará as condições do equilibrio europeu.

O islamismo periclitará fatalmente.

A Rússia vencedora não será, porém, menos para receiar do que a Turquia.

Em qualquer dos casos a valvula da segurança seria destruida, e a Europa teria de assistir a uma nova commoção, d'estas que alteram profundamente o mappa das nacionalidades e as phases da civilização.

A Rússia e a Turquia são dois inimigos ambos poderosos para o resto da Europa. A inimizade que felizmente as mantem em attitude respeitosa em frente uma da outra, estabelece o equilibrio instavel. Uma vez destruido esse equilibrio, as forças que alli se destruiam mudarão de direcção. Ahi está um dos motivos da importancia da celebre questão do Oriente.

As duas soluções expostas presuppõem ambas a abstenção da Europa na lucta, a localisação da guerra aos dois imperios rivaes.

Esta abstenção, porém, é pouco provavel, por não dizer impossivel.

A diplomatica europeia, impotente para vencer em conferencias e despachos a lucta travada, conhece comtudo a situação. A Santa Sé, a

Inglaterra, a França, a Allemanha, a mesma Italia não poderão abandonar um pleito que, á sua revelia, conduziria a um dos resultados que expozemos.

As conveniencias especiaes da Inglaterra, localizadas no theatro da guerra, dar-lhe-hão o primeiro logar, a iniciativa da interferencia.

Para esta nação é de primeira importancia a dominação, ou pelo menos a livre passagem dos estreitos orientaes que dão caminho para as suas possessões asiaticas. A Turquia é uma potencia neutra que lhe faculta o transito, e a Russia saberia vender caro a sua posse.

Por isto a diplomacia britanica se tem esforçado já por delimitar a linha de demarcação da guerra; empenho inutil, como são todos os planos da diplomacia, tanto mais que a Russia não abandonará por baixo preço a sua idéa predominante.

A Inglaterra, pois, entrará decididamente na lucta. Dizem-n'ó por termos reservados os extractos das sessões do seu parlamento, e por termos mais explicitos os seus notaveis preparativos de guerra.

Cautelosa, possuida do frio inquebrantavel que lhe é tradicional, a Inglaterra medirá seguramente as forças de que pôde dispor.

Conglomerará os auxilios de todas as nações mais ou menos interessadas ou suas alliadas. A umas fallará no interesse commum; a outras na obrigação dos tractados; a outras lembrará as mutuas relações de protecção e alliança, os serviços prestados, ou que pôde vir a prestar, etc.

Em ultimo caso irá só, mas a abstenção dos outros paizes será o pomo de discordia para luctas futuras.

A Inglaterra não perdoará o abandono, e, resolvida a questão no Oriente, ajustará mais tarde as suas contas de pundonoroso devedor no occidente.

E indo ao campo da guerra a França, a Hespanha, Portugal, a mesma Austria, o que fará a Italia, o que fará a Allemanha? Irão tambem? Nada o pôde fazer presumir. Uma e outra têm questões serias que as preoccupam no seu proprio territorio; e não lhes será sympathica a companhia.

E, n'esta organização de forças belligerantes, a autonomia portugeza será respeitada? Ou será a sua annexação tributo ou recompensa por serviços da Hespanha? N'este ponto perde-se o espirito no pelago

das conjecturas, e não se póde definir por induções o que virá a succeder.

Uma só affirmacão é altamente verdadeira.

A Europa está totalmente agitada por uma violenta commoção. As grandes forças que a sustentam estão em lucta; o seu equilibrio será precedido de notaveis deslocações politicas e geographicas.

III

As leis do mundo social não têm, como as do mundo physico, a fatalidade que torna conhecidas as suas manifestações. É preciso aguardar os factos que em grande parte dos casos se não sujeitam ás nossas preconcebidas conjecturas. São esses factos que convenientemente comprehendidos servem de base a mais concludentes affirmações.

Não fecharemos, porém, este nosso rapido estudo sem fazer aquellas considerações que a historia nos auctorisca, embora, como já fica dito, respeitemos mais que tudo a realidade futura. Acima da solução particular da lucta presente, acima das vantagens ou desvantagens de um ou de outro belligerante, é preciso collocar o problema geral que se ventilla na Europa ha muitos annos já, as aspirações que luctam todos os dias, por todos os meios e em diversos logares pela sua realisacão.

N'este ponto a questão do Oriente é simplesmente manifestação, um effeito, um movel, e por ventura uma solução definitiva, hoje, ou amanhã, quando a força das circumstancias possa tomar tão altas proporções. Debaixo d'este ponto de vista é forçoso reconhecer e analysar as correntes ethnicas que procuram precipitar-se e estender-se na occupação do territorio europeu.

A corrente latina, localisada no occidente e no sul da Europa parece totalmente adormecida e estacionaria. Napoleão foi o ultimo instrumento audacioso d'esta cruzada, e a infelicidade do seu arrojado emprehendimento parece ter sellado a vida aventureira d'uma raça, outr'ora tão aguerrida. Já n'outro logar fica dito, como todos os povos d'esta grande communhão descansam, a final, na sua consolidacão e definitiva unidade.

A corrente germanica, depois de gastar largos annos na sua affirmacão toda defensiva e organisadora, levanta-se a final, ha pouco tempo ainda, ameaçadora e poderosa sobre a Europa, procurando a pouco e pouco invadir e avassalar o continente do norte para o sul. Primeiro organisa-se militarmente; depois consolida-se entre os povos das mesmas aspirações; em seguida escolhe os inimigos pelo criterio da sua posiçãõ topographica, da sua força relativa, da sua consolidaçãõ organica. Ao mesmo tempo um ascendente diplomatico augmenta todos os dias o seu poderio, e o povo germanico vae nos cyclos pacificos trabalhando sem treguas na sua grandiosa cruzada, invalidando todos os planos dos seus inimigos que tenham por fim augmentar-lhes as forças.

A lucta religiosa contra o Christianismo, que é incontestavelmente a maior synthese da raça latina, a directa interferencia da Allemanha nas questões pontificias, não têm outra logica interpretação. Desfeito este maior elemento unitario, a assimillação será immensamente simplificada. Ao mesmo tempo, a propaganda scientifica vae espalhando por todo o campo novos principios, novas aspirações, que constituem outros meios lentos, pacificos, mas poderosos, para o sonhado fim do germanismo.

Por ultimo, a corrente slava, a ultima na sua affirmacão, aquella que não tem ainda bem definidos os caminhos, que se tem localisado muito mais, nem por isso perde forças, nem tempo, para se estender. As suas repetidas luctas contra a Turquia vão-lhe grangeiando territorio, e terminarão por lhe abrir definitivamente as portas da conquista.

A corrente do islamismo, outr'ora poderosa pelas armas e pela civilisação, acha-se hoje extenuada por muitas causas e completamente incapaz de resistir por muito tempo aos repetidos ataques do seu inimigo natural.

Se á luz d'estes principios superiores analysarmos as condições de vida, de força, de conservaçãõ das diversas nacionalidades, tiraremos consequencias que muito convém considerar.

As nações occidentaes acham-se n'um estado relativamente prospero. Têm organisação definida; têm homogeneidade relativa de raças, de lingua, de aspirações religiosas; têm civilisação; têm emfim e principalmente localisações especiaes que lhes garantem um equilibrio mais ou menos duradouro, uma epocha pacifica mais ou menos longa.

A Turquia e a Austria são as duas nacionalidades mais próximas e sujeitas a este vulcão permanente. A Turquia e a Austria além da sua discontinuidade social, ethnica, da sua decadencia economica e intellectual, acham-se collocadas no caminho natural das duas correntes do norte, slava e germanica. Se, porém, o perigo da questão do Oriente é mais immediato para estas duas nacionalidades, nem por isso o podemos ou devemos eliminar para as restantes nacionalidades europeias. Esta e principalmente a França terão mais tarde de se ver nas serias condições de uma defeza forçada.

Assim, pois, na consideração geral do equilibrio europeu, a questão do Oriente tem a maxima importancia como estabelecendo pela paralysia dos esforços russos uma linha de defeza para os povos latinos. Se a esta questão se juntar a questão franco-germanica tem-se as duas verdadeiras valvulas d'este equilibrio. D'ahi vem a urgente necessidade da intervenção das nacionalidades occidentaes, acrescendo para a Inglaterra os interesses localizados na Turquia, especie de potencia neutra, que dá a Albion a livre passagem para a Asia.

A. ZEFERINO.

José d'Alencar

(AO BRASIL)

O Brasil acaba de soffrer um duro golpe: falleceu o auctor da *Luciola* e do *Guarany*, José de Alencar. Em Portugal não podem deixar de ter echo as lagrimas brasileiras: nós, que o não tinhamos ouvido no fóro e na tribuna politica, mas haviamos apreciado com prazer os livros talvez do primeiro estylista brasileiro, e sem duvida do escriptor mais vernaculo d'aquelle paiz, nós trajamos o luto de um verdadeiro sentimento, como ainda hoje o Brasil o traja pelo fallecimento do grande historiador portuguez Alexandre Herculano.

Os leves traços biographicos que nos chegaram ao conhecimento augmentaram a estima que tinhamos por José d'Alencar com a veneração e o respeito que impõem os grandes luctadores. Viera elle ao

mundo sem berço, golfado pela onda casual e anonyma que atira uma creatura para a porta de um hospício ou para o reconcavo de um portal, abrasado de dia pelo sol implacavel, e açoutado de noute pelo frio ou pela chuva. Arcara peito a peito com esta grande desventura — stygma que ninguem pôde apagar na propria frente, e que a sociedade, ainda hoje, apesar da elevação crescente da consciencia e da justiça publicas, verbera desapiedadamente. Desastrado preconceito ! Sentença infamante e infame lançada sobre uma culpa, não na pessoa do culpado, mas na d'aquelle que é irresponsavel por ella ! Sentença tanto mais cruel e injusta, que é como setta ervada que a pesada mão da justiça social atira á pessoa, á intelligencia, aos brios e sobretudo ao coração de um infeliz !

José d'Alencar foi semelhante a um gladiador que sopesando ás mãos ambas o corpo do adversario, o atira prostrado ao longe, no meio da arena, entre o entusiasmo ruidoso dos espectadores, sem deixar ao inimigo a mais leve esperanza de salvção. Foi o que elle fez ao preconceito publico. Depois, ordenou ao coração que se recolhesse silencioso, e se occultasse no véo sanguineo das suas lagrimas ; e erguendo a cabeça, olhando de revez a populaça, transpôz altivo e solemne as portas do circo.

Chegado á via publica o povo viu-lhe na frente soberba, em lugar do stygma de gladiador, a corôa de carvalho e louro dos grandes vencedores. O povo fanatico e entusiasmado acclamou-o. Sahiu do circo para entrar no capitolio.

Tal foi José d'Alencar. Aquella corôa foi-lhe em vida a sua luminosa intelligencia. Aquella lucha vigorosa foram os seus romances, os seus notaveis discursos na tribuna politica e no fôro, e os seus trabalhos como polemista e jornalista. O capitolio foram-lhe aquella mesma tribuna, os conselhos da corôa, e as honras que se tributam aos benemeritos da patria.

Outr'ora povoavam-se as cidades illustres com as estatuas dos grandes homens e os symbolos das grandes virtudes. Coryntho, Athenas, Roma, tinham duas populações — uma viva, ruidosa, forte, alegre, mas transitoria ; outra muda, extatica, fundida no bronze e talhada no mar-more, mas permanente. Cada um d'aquelles grandes centros do velho mundo era um museu, que a mão do tempo truncou, que os cataclysmos abalaram e soterraram, que a barbaria por fim decepou e trucidou. Com-

tudo os grandes museus da Europa actual são formados ainda por esses fragmentos formosos, que nos fallam de grandezas colossaes, que nos revellam ideaes bellezas, e que nos enchem o coração de infinita saudade por um mundo que nunca vimos.

Se as cidades de hoje ornassem todas as suas praças, todos os seus passeios, todos os seus *boulevards*, todos os seus theatros e todos os seus estabelecimentos de instrução com as estatuas dos que bem mereceram da terra onde lhes alvoreceu o primeiro dia, — que util lição de historia, que poderoso elemento de educação, que energica fonte de moralisação, e, finalmente, que subido monumento de grandeza e de elevação moral e artistica!

Oxalá assim fosse, e nossos filhos abençoar-nos-iam por taes esforços por nós accumulados para a sua gloria e para a sua independencia!

O Brasil tem de sommar em seu coração duas grandes dôres — a crise luctuosa do Ceará e a morte infausta de José d'Alencar, porque elle viera á vida n'aquella malfadada provincia. Através da vasta e solitaria superficie do Atlantico, estendemos a mão aos nossos irmãos do occidente, e enviâmos-lhes as nossas sympathias, as nossas saudades e as nossas lagrimas!

CORRÊA BARATA.

BIBLIOGRAPHIA

Politica positiva é o título d'um artigo com que abre o 2.º numero da *Litteratura occidental*; Vicente Pinheiro é o nome do pensador modesto, intelligente, e, sobretudo, estudioso que o elaborou. Merece-nos tanta mais estima o trabalho, quanto é interessante o assumpto, e abandonado, senão repellido, pela maior parte dos nossos homens de letras e de sciencia.

A politica positiva, essa creação verdadeiramente scientifica de um dos mais profundos talentos d'este seculo, propõe-se a solução do maior problema de todos os tempos — a constituição organica das sociedades humanas. Os velhos principios theologicos ou metaphysicos, que foram, em epochas diversas, os motores da grande machina social, gasta-

ram-se sem conseguir a solução desejada que muito bons espiritos cuidaram alcançar d'elles. Era preciso substituil-os por outros, e esses outros, pela mesma razão scientifica, deviam ser procurados na analyse dos productos alcançados pelos primeiros. Não se fez isto, nem ainda se faz geralmente. Ou se phantasiavam fluidos deleterios e revolucionarios, ou se adora o bezerro de oiro do passado, sem admittir nada de bom fóra da eschola caduca de duzias de seculos.

Entre estes extremos, por egual viciosos, appareceu A. Comte estabelecendo a eschola evolucionista, meio termo verdadeiro entre dois erros; verdadeira sciencia entre duas aberrações. Ligada ao passado e ao presente pela — *ordem*, a nova eschola dirige-se ao futuro pelo — *progresso*. *Ordem e progresso* — é a formula que define as forças; achar o seu equilibrio é o problema politico. Junte-se a estas condições mechanicas a força interna do systema que se chamará *força evolucionista*, ou outra cousa que signifique a actividade inconsciente do organismo sujeito, e o problema fica definido em abstracto. Esta ultima força tem a grande valia de tornar inerte o systema, como se faz em qualquer problema de mechanica, quando se mettem em linha de conta, para a determinação do equilibrio, todas as forças internas, como a elasticidade, a compressibilidade, etc.

Ora este esplendido trabalho, cujos fundamentos foram exclusivamente lançados por A. Comte, acham-se na sua obra immortal — *Curso de philosophia positiva*, a partir do 4.º volume.

O sr. Vicente Pinheiro, sincero admirador da eschola positivista, estudou A. Comte e os seus commentadores. Com a consciencia livre e desapaixonada succedeu-lhe o que succederia a qualquer espirito tão bem guiado — foi vencido pela força da verdade das idéas que servem de fundamento á doutrina nova. Ao mesmo tempo, porém, pareceu-lhe achar desharmonias aqui e além; o mesmo A. Comte lhe pareceu contraditorio; e, o que começou pelo proprio exame, completou-se nas criticas notaveis d'esta eschola. D'aqui aquelle espirito hesitante, aquella franca anciedade por explicar antagonismos que lhe parecem fundamentaes, já nos livros dos mestres, já nos trabalhos dos discipulos. É esta a verdadeira apreciação do artigo do sr. Vicente Pinheiro.

O livro — *Politica positiva* — primeiro, as criticas de Laurent, de Herbert Spencer, do mesmo Huxley depois, conduzem facilmente a este resultado. Com a continuação, porém, estas nuvens dissipam-se; os

antagonismos trocam-se pela afirmação do mais sublime principio de harmonia scientifica, e as criticas de má fé cahem na sua justa condemnação. As afirmações politicas do sr. Littré, diversas em epochas diversas, são a prova mais averiguada da sua profunda coherencia. A estabilidade é a negação dos principios evolucionistas. A variabilidade das afirmações é a afirmação da estabilidade de convicções.

Depois é preciso ser justo na critica. Os principios pelos quaes apreciamos o — *Curso de philosophia positiva*, não podem ser os mesmos com que apreciamos o — *Discurso sobre o positivismo*, ou a — *Politica positiva*. Bem apreciados, têm todos um grande fundo de verdade, e por ventura afirmações que podem ser discutidas, mas nunca oppostas para se repellirem.

O mesmo sr. Huxley, justamente considerado como um dos mais profundos talentos modernos, apesar da sua grande auctoridade, não consegue das consciencias sãs muito agrado, quando reduz a termos tão pouco scientificos, tão apaixonados e tão faltos de verdade objectiva as suas accusações ao positivismo (1).

O sr. Huxley não achou para condemnar a lei dos tres estados outros argumentos que não fossem os de auctoridade. Quando lhe faltaram os seus e os de todos os inimigos systematicos do positivismo, recorreu ao proprio A. Comte, tomando á conta de condemnação da lei a exposição de alguns casos e factos, em que a sua applicação não é clara. Serve, para negar a lei, o facto particular que, a ser verdadeiro, seria apenas a excepção. E é de notar que estes factos particulares, onde A. Comte não viu immediatamente o processo de applicação da sua lei, estão hoje pela maior parte submettidos a ella por trabalhos ulteriores. Lembra-me trazer para o caso uma apreciação que ha pouco li da grande obra e character sincero de Darwin — ... il faut noter encore ce fait extrêmement remarquable et dont on ne pourrait citer un second exemple, c'est que les adversaires du darwinisme n'ont besoin pour le combattre que de rassembler les objections que Darwin lui même a présentées contre son système (2).

(1) *O positivismo nas suas relações com a sciencia.*

(2) *Revue philosophique* — Juin, 1877.

Se posso discordar do *sympathico auctor* do artigo — *Politica positiva* — no que respeita á sua desconfiança sobre a harmonia de pensar de A. Comte e Littré, não posso deixar de fazer os mais sinceros elogios a esta prova evidente do muito amor do sr. Vicente Pinheiro pela philosophia positiva.

Esta primeira prova garante, a quem a aprecia com justiça, o muito que ha a esperar d'um moço que tão bem inicia a sua affirmacão. Mais fé, que ha de certamente vir com o tempo, e a philosophia positiva terá no sr. Vicente Pinheiro um dos seus valorosos campeões.

— No mesmo numero do jornal, a que me estou referindo, vem um pequeno conto do sr. Alberto Braga, que revela um grande talento descriptivo, um fino tacto analytico e uma naturalidade notavel, consequencia immediata d'aquelles dois predicados. É um proverbio enfeitado com todas as côres da verdade, singelo, leve, airoso, sem um de mais sem um de menos. É mais uma prova para apreciarmos o muito talento do auctor, talento que não tem sido talvez considerado como merece. Para mim é um argumento a acrescentar ao juizo que ha tempo fórmo do merecimento do sr. Alberto Braga.

— O sr. J. Theotónio, professor de obstetricia na eschola medico-cirurgica da capital, socio correspondente da Academia de Lisboa, obsequiou-nos com um exemplar da memoria que acaba de apresentar á mesma Academia — *Algumas considerações sobre a synthese do mechanismo do parto natural; applicação d'esta doutrina á apresentação pelvica.*

Embora estranhos ao assumpto, devéras curioso nas sciencias medico-cirurgicas, não podemos esconder a magnifica impressão que nos produziu a leitura d'este trabalho. A singeleza elegante com que está exposta a questão; a proficiencia d'uma analyse minuciosa e methodica, requisito este de subido valor em taes estudos; a modestissima apreciação de factos e circumstancias de observação propria, são predicados que todos facilmente reconhecerão da leitura da memoria. Até onde chega a nossa apreciação não temos senão louvores para o zeloso professor.

A. Z.

o fim de esclarecer e preparar a opinião publica para as reformas necessarias pelos tramites legais.

ART. 6.º O processo será o que competir nos termos da legislação commum.

§ 1.º Nos casos dos artigos 408.º, 409.º e do artigo 410.º § unico do codigo penal, sempre que a lei admitir a prova da verdade da diffamação ou da injuria, e o réo se offerecer a dar esta prova, terá logar o processo ordinario com intervenção do jury, na conformidade da lei de 18 de agosto de 1853; e nos casos em que se não admitte prova, nos termos dos artigos 407.º e 410.º, terá logar o processo correccional.

§ 2.º O ministerio publico é competente para intervir nos crimes de abuso de liberdade da imprensa nos casos de diffamação ou injuria, se ella tiver sido dirigida:

1.º Contra o chefe de nação estrangeira, havendo requisição do seu governo;

2.º Contra os seus embaixadores ou representantes acreditados na corte de Portugal, havendo requisição dos offendidos.

§ 3.º A intervenção de que se tracta no § antecedente só terá logar quando, em virtude de tractado ou de lei do respectivo paiz, esteja estabelecido o principio de reciprocidade.

ART. 7.º Por estes crimes serão responsaveis:

1.º O editor, havendo-o, em quanto não fizer reconhecer o auctor, e este na epocha da publicação do impresso estiver domiciliado em Portugal, e fôr susceptivel de nelle recair a imputação criminal;

2.º O auctor, quando não houver editor, ou este não apparecer, ou quando o editor o fizer reconhecer em juizo, nos termos do numero antecedente, declinando para elle a responsabilidade;

3.º O dono ou administrador da imprensa, lithographia ou outro estabelecimento em que a publicação se effectuar, quando na falta de editor não fizerem reconhecer o auctor;

4.º As pessoas que venderem ou tiverem expostas á venda as dictas publicações ou reproducções, ou as affixarem em logares publicos, ou distribuirem, ou de qualquer modo concorrerem sciente e voluntariamente para a sua publicação, quando na falta de editor não fizerem reconhecer qualquer das pessoas mencionadas nos n.ºs 2.º e 3.º

ART. 8.º Só poderá declinar-se a responsabilidade nos termos do artigo antecedente, até á audiencia de julgamento nos processos de policia correccional e no prazo concedido para a interposição do agravo de justa pronuncia, devendo fazer-se nova intimação á pessoa substituida, continuando contra esta o processo nos termos em que se achar depois e aceita a declinatoria por despacho do juiz.

§ unico. Aceita que seja a responsabilidade, não poderá mais declinar-se.

ART. 9.º O editor do periodico, em que algum individuo, tribunal ou corporação tenha sido injuriado, é obrigado a publicar gratuitamente a defesa que pelo arguido lhe fôr remettida no primeiro numero que publicar depois de a ter recebido; com tanto que a extensão d'ella impressa em typo e formato igual ao da arguição, não exceda o dobro da extensão desta, ou mil letras de impressão, á escolha do arguido.

(Continúa).

O SECULO

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Não se accéitam assignaturas por menos d'uma serie semestral. Publica-se por fasciculos mensaes.

Aos srs. assignantes da 1.^a serie, que não queiram continuar a sua assignatura, pedimos avisem d'isso o Administrador, o Bacharel *José Simões da Silva Junior*, rua dos Coutinhos, Coimbra.

São considerados assignantes da 2.^a serie aquelles cavalheiros que não prevenirem a Administração.

Pede-se aos srs. assignantes em divida da 1.^a serie queiram enviar a importancia de sua assignatura em vales do correio, sellos, ou por qualquer outra fórma, ao Administrador do *Seculo*.

Está em cobrança a segunda serie.

PREÇOS

Continente — Coimbra (serie)	1\$200
» — Fóra de Coimbra (serie)	1\$260
Ilhas e Possessões Ultramarinas (serie)	1\$400
Brasil	3\$000 fortes

Para os outros paizes, o preço depende do custo do transporte.

Estão no prélo os n.^{os} 5 e 6 d'esta serie.

— N'esta redacção recebem-se assignaturas para todos os jornaes estrangeiros, que temos annuciado.

— Recebem-se annuncios para a capa d'este jornal.

O SECULO

PUBLICAÇÃO DE PHILOSOPHIA POPULAR E DE CONHECIMENTOS PARA TODOS

2.ª Serie; 5, 6 — Fevereiro, 1878

REDACTORES

F. A. CORRÊA BARATA
LENTE DE PHILOSOPHIA

A. ZEFERINO CANDIDO
DOUTOR EM MATHEMATICA

Galileu; esboço da sua vida e descobertas, por A. Z. — Christianismo e Catholicismo, por C. B. — Victor Manuel, por A. Z. — Bibliographia.

COIMBRA
IMPRESA LITTERARIA
1878

O proprietario d'esta publicação no imperio do Brasil é o ex.^{mo}
sr. Luiz d'Andrade, residente no Rio de Janeiro.

Sala
Gab.
Est.
Tab.
N.º

P
-
2
0
0

Carta de Lei de 17 de Maio de 1866

(Conclusão)

ARTIGO 10.^o Todas as vezes que algum periodico publicar ou reproduzir noticia que seja officialmente desmentida ou rectificada na folha official do governo, o editor do periodico em que a publicação ou reprodução tiver sido feita é obrigado a transcrever o desmentido ou rectificação em typo igual áquelle em que tiver sido publicada ou reproduzida a noticia, na primeira pagina do primeiro numero que publicar depois que a dicta folha official tenha sido recebida na terra em que o periodico existir.

ART. 11.^o Quando em processo por abuso na manifestação do pensamento se proferir sentença condemnatoria, o editor do periodico que houver sido condemnado será obrigado a publicar-a na sua intrega e em typo igual áquelle em que tiver sido publicado ou reproduzido o artigo abusivo, na primeira pagina do primeiro numero que publicar depois que lhe for intimada a mesma sentença, ou apresentada pelo offendido copia authentica d'esta.

ART. 12.^o Pela falta de cumprimento do disposto nos tres artigos precedentes incorre o editor do periodico em multa de 10\$000 réis por cada dia que demorar as publicações n'elles ordenadas, além de perdas e damnós.

ART. 13.^o Quando algum periodico publicar artigo ou noticia contendo phrases allusivas ou equivocas, que possam implicar para alguém infamia ou offensa da honra, poderá qualquer que n'ellas se julgar comprehendido exigir do editor que n'um dos tres numeros immediatos á sua reclamação declare expressamente se as ditas phrases se referem ou não ao reclamante.

§ 1.^o Se o editor se recusar a fazer aquella declaração, ou não a fizer pela fórma indicada n'este artigo, incorrerá na pena de multa de 5\$000 réis a 30\$000 réis.

§ 2.^o Seja qual for a declaração feita nos termos d'este artigo, ou na falta d'ella, fica salvo aos injuriados o direito á acção penal.

§ 3.^o No caso de injuria ou diffamação dirigidas por meio de pseudonymo, ou por phrases allusivas ou equivocas, tendentes a encobrir a responsabilidade juridica, procede a accusação sempre que por parte d'esta se prove que as ditas injurias ou diffamações se referem á parte queixosa.

ART. 14.^o Fóra do caso do artigo 4.^o e do da suspensão das garantias constitucionaes, nos termos do §§ 33.^o e 34.^o do artigo 145.^o da carta constitucional, não poderá ser suspenso qualquer periodico ou outra publicação.

ART. 15.^o Á introdução e venda de periodicos, livros ou quaesquer outras publicações feitas ou reproduzidas em paiz estrangeiro, continuará a ser applicavel o que se acha estabelecido na legislação actual.

ART. 16.^o Fica revogada a legislação em contrario.

Mandamos portanto a todas as auctoridades a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que a cumpram e guardem e a façam cumprir e guardar tão inteiramente como n'ella se contém.

O ministro e secretario de estado dos negocio ecclesiasticos e de justiça e faça imprimir, publicar e correr. Dada no Paço da Ajuda, aos 17 de maio de 1866. — EL-REI, com rubrica e guarda. — *Augusto Cesar Barjona de Freitas*. — (Lógar do sello grande das armas reaes).

GALILEU

ESBOÇO DA SUA VIDA E DESCOBERTAS



I

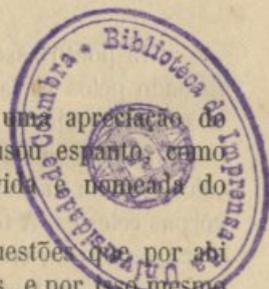
Li em um dos ultimos numeros do *Instituto* uma apreciação do character moral e scientifico de Galileu que me causou espanto, como certamente impressionaria quantos conhecem a vida nomeada do grande sabio italiano.

Não venho levantar nem mesmo continuar questões que, por abri andam na moda, trazidas em mal definidos campos, e por isso mesmo questões interminaveis. Eu por mim sou o primeiro a accusar a minha ignorancia, e, por isso, fazendo exame de consciencia, vou respigando por onde posso encontrar algum fructo para a minha necessaria alimentação; mas, se vejo sentinellas guardando appetecidas searas, volto de rumo e respeito os bens alheios.

Se venho levantar a accusação feita a Galileu, trago na mão a historia que é patrimonio de todos quantos têm olhos para a lér e intendimento para a julgar. Ha coisas e pessoas que eu não posso defender ou atacar, porque nem bem as conheço, nem os meus olhos e espirito são sufficientes instrumentos para as analysar.

Galileu seria um mau theologo, um hereje mesmo; eu nada tenho com isso. Se mau theologo, se hereje, diga-o quem tem o estalão por onde se aferem taes qualidades. Galileu, porém, foi um grande sabio. Para o dizer será pequena a minha voz, mas a historia ahí está para fallar tão alto, que não deixe ouvir injustas accusações. Por este lado podia eu ficar silencioso, que as cinzas do grande astronomo não seriam menospresadas.

Bem sei que a historia especial da theologia ajusta contas com o sabio. Se bem, se mal, julgue-o cada um que conhece os factos. O que porém não sabia é que, tres seculos depois, houvesse quem,



para discutir o caracter religioso d'um homem, viesse contestar-lhe o seu merecimento scientifico. O que na historia da sciencia podia passar por um exagero, é na historia da religião um acto de feia injustiça.

II

Era ponto assentado na velha sciencia aristotelica, seguido e confirmado pelos certames da escolastica, perfilhado emfim como orthodoxia da igreja, o chamado — *geocentrismo*. A terra, corpo primario da população do espaço, era o centrô immovel do systema astronomico, rainha em volta de cujo centro gravitavam respeitosos todos os corpos celestes. A terra possuia a magestade do espaço, como o homem a magestade da criação.

Quem for procurar origem a esta velhissima doutrina, perde-se na noite da historia e termina por ignorar a sua data. Acha-se o erro na velha civilisação da Asia oriental, na China, na Chaldéa e no Egypto; d'aquí passou para a Grecia, onde apparece enfeitado pelos escriptos de Hesiodo e Homero, e para a Judéa, cujos escriptores o reproduzem com inexcedivel fidelidade. Moysés e Job não inventaram o que era já então conhecimento geral. Assim a Biblia, encyclopedia historica do velho mundo, lá tem descripto o systema que Aristoteles engrandeceu com a sua immensa auctoridade, e que Claudio Ptolomeu emfim organisou e definiu, ao ponto de lhe legar o seu nome, aliás muito respeitado.

Os seculos acatarem o erro. Elle fallava aos sentidos, enganados pela apparencia dos phenomenos; elle trazia os sellos da maior chancellia, como era a do sabio de Stagyra; elle vinha enfeitado nas azas da tradição de Moysés que fallava em nome de Deus; elle, emfim, percorria o mundo no tempo em que o estudo e a contemplação não glorificavam ninguem. Que admira, pois, que tanto se arreigasse nos espiritos ao ponto de se tornar crença geral! E que espanto pôde causar a singular opposição feita mais tarde á nova luz que destruia estas densas trevas!

Quando os primeiros raios da Renascença acharam em Copernico

um foco para os dirigir e concentrar, o mundo inteiro sentiu-se abalado e aluido. Copernico, que havia recebido a modesta vida em Thorn, nos fins do seculo xv, entregue pela morte de seu pae aos cuidados do bispo de Warmie, seu tio, inicia-se na vida ecclesiastica, e alcança, por intervenção d'aquelle mesmo sacerdote, um canonicato em Frauemburgo. O seu genio ia, porém, mais longe, e a sua vocação pela astronomia levou-lhe o espirito á analyse do velho erro e á indagação da verdade.

Copernico exhalava o ultimo suspiro deixando publicada a sua obra immortal sobre as — *Revoluções dos orbés celestes*, onde o erro geocentrico era destruido, substituindo-lhe o — *heliocentrismo*. O sol é o centro do systema planetario; a terra é simplesmente um dos corpos que em volta d'elle se deslocam com o duplo movimento de rotação e translação. A magestade do planeta fugia diante da nova luz, que o reduzia á ordem de corpo secundario.

O diadema atravessava o espaço e ia engastar-se no sol.

III

Galileu é o digno successor de Copernico.

Repetidas e terminantes descobertas dão ao sabio astronomo florentino a certeza do *heliocentrismo*; e assim, Galileu esquece as conveniencias da sua segurança pessoal, abandona os receios que lhe deviam inspirar os valorosos inimigos que a inveja lhe conquistára, e colloca-se abertamente á frente da propaganda contra o erro peripatetico.

O resultado era simples de prever e todos o sabem pela historia. Galileu foi denunciado ao santo officio de Roma, accusado e condemnado, não se acalmando as iras dos seus juizes e perseguidores, nem ao menos com a sua morte. Ainda hoje as cinzas do sabio são injustamente lembradas.

Assim é que, para justificar o procedimento da Inquisição romana, se diz: (1)

«Não é de estranhar que a congregação do Santo Officio errasse,

(1) *O Instituto*, vol. xxiv, n.º 10, pag. 150.

quando errava a maxima generalidade dos homens, ainda os mais illustrados; quando astrônomos insignes combatiam a nova doutrina heliocêntrica; e quando, por outra parte, a opinião moderna se apresentava fundamentada em fragilinos alicerces. Com effeito, o argumento principal que adduzia Galileu, era o do fluxo e refluxo dos mares: — formidavel argumento, em verdade, para provar a translação da Terra em volta do Sol! Sem pretendermos acintemente rebaixar os meritos do astrônomo de Florença, não duvidamos dizer que a sua reputação tem sido consideravelmente engrandecida pelo espirito de opposição á Santa Sé. Descartes, Delambre, Arago e Lagrange, auctoridades de incontestavel competencia, não se mostraram muito favoraveis na apreciação das descobertas astrônomicas de Galileu.»

Seria longa a descripção dos maravilhosos trabalhos d'este astrônomo: fôra quasi toda a historia da sua vida. Superfluo serviço, por outra parte, quando por ahí andam nas mãos de todos as muitas biographias do sabio. Feita a somma dos seus serviços, poucos homens justos e competentes lhe negarão o sceptro do seculo em que viveu. Tanto basta.

Antes que a Santa Sé dêsse começo á sua perseguição, já Galileu tinha espantado o mundo inteiro com a sua incomparavel nomeada. Estudante da Universidade de Pisa, sua terra, descobria as leis do movimento pendular, trabalhava, a convite de seu mestre e protector Guido Ubaldi, na determinação dos centros de gravidade, e publicava a sua primeira obra — *Ensaio sobre a balança hydrostatica*, onde o seu profundo merecimento era largamente manifestado. Foi este merecimento que lhe alcançou a sua nomeação para uma cadeira de mathematica na Universidade de Pisa, em 1589, não tendo ainda 25 annos.

Começa aqui a epocha mais brilhante da sua vida. Além de muitos escriptos que não viram a luz da publicidade pela carencia de meios, Galileu dá conta das leis da queda dos graves, descobertas em 1602; construe a primeira luneta astrônomica em 1609, o que seria por si só bastante motivo para a sua eterna admiração.

Com este novo instrumento os limites do mundo visivel recuam a distancias incalculaveis diante do homem.

Galileu, com o auxilio de tão maravilhoso instrumento, descreve a fórma da Lua, estuda as suas montanhas e os seus valles; observa Venus e Marte e as suas phases; vê os quatro satellites de Jupiter,

estuda os seus movimentos ao ponto de fundamentar n'elles a determinação das latitudes no mar; analysa a via lactea, muitas outras nebulosas, e milhões de estrellas até ahí desconhecidas. Por fim descobre as manchas solares, e, analysando as da Lua, reconhece que este astro volta para a Terra continuamente a mesma face.

Que eu saiba, não houve até hoje homem auctorisado que pozesse em duvida as descobertas que antecedem.

Galileu, mais desejoso de levantar o nivel da illustração do seu seculo do que ambicioso de gloria; mais amante da verdade do que dos fructos individuaes do seu conhecimento, espalhava a nova luz do seu espirito por todo o mundo. Repetidas cartas dirigidas aos seus muitos admiradores, conferencias publicas e particulares, prelecções na sua cadeira, por todos os meios punha ao alcance do publico as suas maravilhosas descobertas. Nasceram d'ahi alguns conflictos alevantados pela inveja a proposito da prioridade d'algumas das suas invenções. Esses rumores, porém, foram promptamente desfeitos, porque nem os discipulos e amigos o falseavam, nem as descripções publicadas por Galileu deixavam duvidas, quando eram comparadas. Foi o que succedeu a proposito da descoberta da luneta, attribuida a um hollandez, Zacharias Jansen.

É certo que em 1609 tinha sido apresentado ao conde Mauricio de Nassau um pequeno instrumento, que, pelo emprego deapparelhos de optica, conseguia o effeito de mostrar como proximos os objectos afastados. Tal descoberta, porém, morreu ao nascer. Galileu, então residente em Venesa, tomando conhecimento do boato que circulou na cidade, teve por ventura n'elle o estimulo, mesmo a lembrança da sua preciosa invenção. O que, porém, é indiscutivel é que Galileu, e só elle, construiu o apparelho de que tirou as maravilhosas consequencias apontadas. Os sabios, os principes e grandes senhores de todo o mundo dirigiam-se exclusivamente a Galileu para alcançar o notavel instrumento.

Analoga coincidencia se deu com a descoberta das manchas solares, como já n'este jornal fiz conhecer, e nem por isso ha quem negue ao sabio florentino a gloria dos importantes conhecimentos que derivaram d'esta descoberta. São de certo estes factos, contados com a maior boa fé por todos os biographos de Galileu, que serviram de base á estranha apreciação que transcrevi. Em verdade que a historia e a

justiça exigem mais. A vida dos sábios está cheia d'estes episodios, que nunca serviram para denegrir merecimentos reconhecidos.

Ora os factos que apresentei, diminuta parcella dos que podia mencionar, creio bem que constituíam firmes alicerces para sustentar o systema de Copernico. Quando, depois de todos estes meios de prova, Galileu começou a notavel cruzada contra o velho erro geocentrico, o *fluxo* e o *refluxo* dos mares constituíam uma noção elemental, uma consequencia, um facto. Não se póde tomar a serio a affirmativa de que este facto isolado fosse o principal argumento de Galileu para sustentar o heliocentrismo. «Um homem de genio como Galileu, diz um respeitado mathematico (1), de posse de tantos factos, não podia deixar a outro a honra immortal de tirar das suas descobertas a prova do verdadeiro systema do universo. A demonstração scientifica do systema de Copernico tornou-se o objecto constante dos seus trabalhos, o assumpto dos seus escriptos e conversações publicas, que elle fazia, cercado de numerosos visitantes conduzidos de toda a parte pela sua fama. Regeitando, como grosseiros erros, as doutrinas astronomicas até então ensinadas, fez progredir rapidamente a sciencia, levantando o systema de Copernico do *estado de hypothese*, em que elle teria ficado por muito tempo talvez, sem a invenção do telescopio e as observações que se lhe seguiram.»

Galileu fica sendo ainda o primeiro reformador do seculo xvii, queiram ou não queiram os criticos do seculo actual. Perderá tamanha honra, quando a intransigencia conseguir passar uma esponja por sobre as paginas gloriosas dos archivos da sciencia.

Não valem mais as suppostas desconsiderações de Descartes, Delambre, Arago e Lagrange.

Os tres ultimos, posteriores a Galileu, fallam d'elle por tradição, com louvor, como todos os seus biographos, e já n'outro logar fica dito o que poderia alguém tomar por uma recriminação. Descartes, contemporaneo do sabio, não via com bons olhos o grande reformador, porque lhe invejava a nomeada. Deus me defenda a mim de ir cahir na mesma falta que estou censurando, pondo em paralelo de

(1) Montferrier — *Diccionario das sciencias mathematicas.*

peçoas, de genios, de interesses e aspirações, dois vultos tão respeitadoss como grandiosos.

Entendo que, em casos de tamanha monta, cada um deve deixar os factos despídos de apreciações individuaes. «Os homens de genio, diz a este proposito um grande sabio (1), que, em diversos pontos de vista, têm aberto novos caminhos ao espirito humano, não podem ser comparados entre si; cada um d'elles se apresenta á historia da sciencia e á admiração do mundo com a espontaneidade que lhe é propria, com o signal augusto de uma missão especial. É necessario deixar aos elogios academicos este luxo esteril de parallelos impossiveis, forjados com o sacrificio da razão. Descartes e Galileu tiveram a infelicidade de se não comprehendem; mas esta circumstancia não pôde estabelecer opposição ou analogia entre as doutrinas e as producções scientificas d'estes dois grandes homens. Não se pôde mesmo sustentar que os sentimentos de ciuime, indignos dos seus genios, não tenham contribuido para lhes inspirar este afastamento, cuja causa deve ficar eternamente escondida nos profundos mysterios do coração humano.»

Se para prestar a devida homenagem a Galileu não bastassem os elogios e as maravilhosas descripções de tantos biographos e historiadoss illustres, que todos á porfia exaltam os seus merecimentos; se as citações de todos os livros da sciencia que elle professou podessem considerar-se auctoridades suspeitas para algum partido, appellariamos para a propria historia da Igreja, e principalmente para a auctoridade do proprio Urbano VIII, que, Deus sabe com que justiça e coherencia, se collocou mais tarde á frente dos juizes e perseguidoss do grande sabio.

Tivera Galileu relações de intimidade com o cardeal Maffeo Barberini. A ingenua confiança que o sabio depositou no amigo levára-o a ir de proposito a Roma apresentar-lhe as suas felicitações pela elevação do cardeal ao solio pontificio, em 1623. Urbano VIII era tambem florentino, amigo do estudo e das letras, protector da academia de Lincei de que Galileu fazia parte. O sabio obteve d'elle seis audiencias, um quadro, medalhas, um *Agnus Dei*, uma pensão para seu filho,

(1) Montferrier — *Diccionario das sciencias mathematicas.*

e a segurança da sua protecção na grande empreza scientifica que o preocupava. Embora a historia seja muda a tal respeito, pois que nem um nem outro dos dois personagens divulgaram as suas confidencias, é todavia certo que as desconfianças do Santo Officio já eram de ha muito publicas. Os peripateticos brandiam ameaçadoras espadas sobre Galileu, e todavia este sahia de Roma cheio de força para a lucta. É facil de explicar tal confiança (1).

Note-se que tudo isto se passava sete annos depois de fechado o primeiro processo contra Galileu, de que em breve nos occuparemos.

Urbano VIII escrevera a Galileu, sendo ainda cardeal, agradecendo-lhe a offerta d'uma dissertação e d'um exemplar das suas — *Cartas a Welser*, mostrando-lhe a sua estima pelos seguintes termos: — «Recebi a vossa dissertação ácerca de diversos problemas scientificos ventilados durante a minha residencia aqui; será lida com grande prazer, tanto para me confirmar na minha opinião, *que concorda com a vossa*, como para admirar com todo o mundo os fructos da vossa *rara* intelligencia. As cartas dirigidas a Welser foram bem vindas. É um livro que não deve dormir entre os outros livros. Só elle poderia furtar ás minhas occupações officiaes algumas horas, para serem dedicadas á sua leitura e á observação dos planetas. Agradeço-vos a lembrança que conservaes de mim e peço-vos que não esqueçaes a alta estima que eu consagro a um genio tão apreciavel como o vosso.»

Foi este mesmo Santo Padre que offereceu a Galileu uns versos latinos feitos expressamente com este fim, fazendo acompanhar a sua offerta d'uma carta, em que diz: — «que sempre teve por Galileu muita estima, e que espera que os seus versos sejam recebidos, senão como dignos do grande astrónomo, ao menos como uma prova da sympathia e da affeição que sente por elle.»

Em 5 de junho de 1623, escrevia Maffeo Barberini, sendo já pontífice, ao grão-duque da Toscana, protector de Galileu: — «Ha muito tempo que votamos uma affeição toda paternal a este sabio, *cujá gloria illumina os céos e enche o mundo inteiro*. Temos-lhe reconhecido

(1) A. Mezieres.

não só uma sciencia profunda, mas ainda uma *pietade sincera*, e sabemos que elle prima em conhecimentos especiaes que se recommendam naturalmente á protecção d'um pontifice» (1).

Creio bem que o merecimento de Galileu não teve mais eximios admiradores. Tambem creio que o mesmo Urbano VIII, collocado mais tarde á frente dos perseguidores do astronomico, sentiria alguma desintelligencia entre as suas convicções tão claramente manifestadas e as imposições, por ventura forçadas, do seu ministerio. E tantas provas de estima, e tantas considerações ao merito scientifico, não dariam a Galileu a segurança da auctoridade pontificia para a sua propaganda da verdade contra o erro?

Ainda não vi que alguém, desfavoravel a Galileu dissesse que elle trazia combinados interesses na sua cruzada scientifica. Elle advogava a causa da verdade com a convicção profunda da sua consciencia. Se, pois, no procedimento futuro d'estes dois homens houve alguma coisa de injusto ou de ingrato, seria da parte d'aquelle que tinha por si a verdade e a confiança na protecção testemunhada do amigo?

A outros deixo a averiguação d'este ponto, pois que, como já disse, não pretendo accusar, mas defender.

IV

Os dotes da intelligencia, as grandes dedicações ao trabalho scientifico, ao engrandecimento do espirito humano pela acquisição da verdade, raro se accommodam em almas mal formadas debaixo do ponto de vista moral. A sciencia é uma agua limpida que lava o espirito de todas as impurezas. Se os accusadores de Galileu limitassem a sua critica á condemnação da sua sabedoria, julgava eu bem desnecessaria a minha insistencia na sua defeza; este trabalho estaria findado.

Não succede, porém, assim. Galileu, quando mesmo fosse um espirito privilegiado como apostolo da sciencia, tem para os seus adversarios a grande macula da improbidade. Desde a fraqueza e in-

(1) Luis Figuier — *Vida dos sabios do seculo XVII*.

constancia do espirito até á traiçoeira ingratidão e á falta de palavra aos seus juramentos, nenhum vicio lhe foi estranho. Uma só das muitas passagens dos seus criticos adversos basta para mostrar a apreciação d'este pobre martyr: — «Galileu em toda esta deploravel questão, deu repetidas provas de probidade muito duvidosa: — publicou os seus celebres dialogos *Delle due massime systeme del mondo* com uma approvação ficticia; — depois de ter promettido solemnemente perante o tribunal da Inquisição não tornar a sustentar o systema de Copernico, violou a sua promessa; — nas respostas ao segundo interrogatorio, as mentiras e contradicções abundam, e bem mostram que lhe faltava a magnanimidade necessaria para proferir o famoso — *E pur si muove*. Todos estes factos, embora se olhem por um prisma adverso á Igreja, não auctorisam a dizer que esta seja inimiga dos progressos da sciencia. Basta recordar que o mesmo Galileu por algum tempo recebeu uma pensão do Papa, e foi sempre favoravelmente acolhido pela Santa Sé, em quanto não invadiu a esphera do dogma, convertendo-se de bom astronomico em mau theologo» (1).

Se estas crueis palavras não significassem uma firme e clara injuria á honra de um homem que a sciencia canonisou, eu deixaria dormir no pó secular do esquecimento as provas da virtude de Galileu, e por ventura os artigos do libello dos seus inquebrantaveis inimigos. N'esta exposição, fico bem convencido de que a Igreja, presidida pelos Papas Paulo v e Urbano viii, nada terá que ganhar. Historiemos, pois, esta memoravel pendencia, seguindo á risca, e muitas vezes textualmente, as peças dos processos de Galileu, existentes nos archivos do Vaticano, e trazidas á publicidade, primeiramente por Henry de l'Espinois, em 1867, e ultimamente pelo sr. Dominique Berti, n'um livro que corre editado pelo sr. Cotta & C.^a, e impresso em Roma no principio do preterito anno. Ninguem pôde apodar de inexacto o que se contém n'este processo. Se o Vaticano pretendesse protestar contra alguma das circumstancias d'este facto, protestaria contra si proprio que as descreveu e archiou.

A peça capital que serviu de primeira base ao processo intentado contra Galileu pela Congregação Romana, pelo Papa, pela Igreja

(1) *Instituto*, vol. cit. pag. 151.

christã emfim, é uma carta que o sabio dirigira de Florença, em 21 de dezembro de 1613, ao padre Caselli, seu discipulo muito querido. Foi effectivamente esta carta, que a traição fez chegar ás mãos do padre Lorini, que serviu de documento appenso á denuncia que este bom padre fez de Galileu perante o Santo Officio Romano.

A carta offerecia duas partes distinctas, mas ambas de incontestavel motivo para a condemnação do sabio. Galileu affirmava n'ella o *heliocentrismo*, erro grosseiro e profundamente heretico, e além d'isso tinha a imperdoavel audacia de se intrometer na comprehensão e explicação dos textos sagrados da Biblia, accusando em muitas passagens a insciencia e mau senso dos seus interpretes e traductores.

Os criticos modernos, destacando estes dois motivos de accusação, como não podem já agora validar a perseguição pelo primeiro, acham no segundo mais que razão para justificar o procedimento do Santo Officio: *em quanto não invadiu a esphera do dogma, convertendo-se de bom astronomico em mau theologo.*

Effectivamente Galileu, ao mesmo tempo que faz ao padre Caselli largas considerações para provar que a terra é animada de dois movimentos, um dos quaes se effectua em volta do sol, analysa algumas passagens da Escripura, como a do *stetit sol* de Josué, e conclue por mostrar a razoavel interpretação dos textos, sem prejuizo da nova e verdadeira sciencia. Depois de largas considerações com este proposito, termina por dizer que as Escripuras Sagradas tinham por objecto a salvação dos homens e não o ensino da astronomia.

Ora é notavel que os santos inquisidores romanos não previssem a sophistica accusação dos criticos d'este seculo, declarando nas suas sentenças que condemnavam Galileu por ser mau theologo, embora bom astronomico. O que diz o documento xxvi do processo, aonde se acha a *censura das duas proposições feitas no Santo Officio de Rôma, 4.ª feira, 24 de fevereiro de 1616, na presença dos theologos que assignaram*, é o seguinte, textualmente:

Primeira. — «O sol é o centro do mundo e completamente privado de movimento local.» *Censura:* — Todos affirmaram que esta proposição é *louca e absurda* em philosophia e formalmente heretica, porque contradiz expressamente as sentenças da Escripura Sagrada em muitos logares, tomadas pelas propriedades das palavras, e segundo a

interpretação commum e o senso dos Santos Padres e dos doutores theologos.

Segunda. — «A terra nem é o centro do mundo nem é immovel, mas desloca-se segundo a sua massa completa, tendo mesmo movimento diurno.» *Censura:* — Todos disseram que esta proposição se sujeita á mesma censura da primeira, debaixo do ponto de vista da philosophia, e que, em quanto á verdade theologica, era pelo menos erronea na fé.»

Este documento é assignado por dez theologos.

Foi em consequencia exclusivamente d'esta censura que, em 25 de fevereiro do mesmo anno, o cardeal Melline notificou ao assessor e ao commissario do Santo Officio que — *Sua Santidade havia ordenado ao cardeal Bellarmino que fizesse vir á sua presença Galileu e o advertisse de que devia abandonar a opinião de que o sol é o centro do mundo, sem movimento local, e de que a terra se desloca mesmo com movimento diurno; que, se recusasse obedecer, o padre commissario, em presença do escrição e testemunhas, lhe preceituasse de se abster completamente de ensinar ou defender tal doutrina, ou mesmo de se occupar d'ella; que, caso recusasse obedecer a esta ordem, fosse posto em custodia* (1).

Diz-se hoje que o motivo principal da accusação foram as pretensões theologicas do sabio, mais que as suas doutrinas astronomicas, e todavia todas as peças do processo indicam como exclusiva causa os suppostos erros, *loucos e grosseiros*, que consistiam na affirmação do movimento da terra em volta do sol! Esta justificação, que só moderadamente apparece, é uma prova evidente da infallibilidade dos criticos e sabios christãos. É essa infallibilidade que lhes permite atravessar mais de dois seculos, e ir basculhar na consciencia dos juizes de Galileu aquillo que estes se não deram ao trabalho de deixar escripto.

Mas não é menos curioso que, sendo Galileu reu de imperdoavel culpa por pretender explicar os textos biblicos em conformidade com a doutrina do heliocentrismo, sendo por esse facto *mau theologo*, hoje, que não ha mais remedio que confessar que elle era *bom astronomo*, mais tarde, quando o systema de Copernico se tornou facto de univ-

(1) Documento xxvii do processo.

sal evidencia, os infalliveis doutrinarios acceptassem, *ipsis verbis*, a interpretação de Galileu! Bem se vê, pois, que a superior qualidade do theologo só se adquire pela tonsura; o leigo, por mais sabio, por melhor senso que possua, não pôde alcançar as sublimes verdades de um credo que lhe é totalmente defeso.

Outra circumstancia, não menos curiosa, salta aos olhos de quem lê as peças notaveis a que já fiz allusão. Aos sabios censores, doutores e padres theologos, quando brandião as suas armas contra Galileu, não os movia o desejo de proclamar a infallibilidade das Escripturas, mas sim a vangloria da infallibilidade dos interpretes e traductores: *porque contradiz expressamente as sentenças da Escripura em muitos logares, tomadas pelas propriedades das palavras e segundo a interpretação commum e o senso dos Santos Padres e dos doutores theologos*. Então, era a infallibilidade dos interpretes e traductores que se sustentava; mais tarde lançam-se ás fêras as opiniões dos Santos Padres e dos doutores theologos, passa-se-lhes facilmente um titulo de ignorantes, e sustenta-se a infallibilidade dos textos sagrados. Se a paz dos tumulos podesse suspender-se um momento, Galileu surgiria jubiloso de lá, dando-se por bem pago dos seus martyrios, no dia em que a mesma Igreja impunha a ferula contra si propria. A risada do sabio seria a maior das suas vinganças.

Voltemos um pouco atraz, porque não devemos proseguir, sem analysar mais por miudo as legitimas causas e origens d'esta perseguição de Galileu.

O que consta do processo forjado pelo Vaticano é a celebre carta a Caselli. Que esta carta e as suas consequencias, até onde já fomos na sua analyse, provam á saciedade a injustiça da perseguição, fica já bem averiguado. É, porém, necessario enumerar os respeitaveis motivos que levaram Galileu a sahir do puro campo da sciencia sua predilecta, para crusar abertamente as armas com a Igreja christã. Alguem poderia tomar á conta de imprudencia, mesmo de rancorosa inimidade, o que não passa da affirmacão d'um espirito recto, serio, corajoso e justo. Não podemos perder tão bom ensejo de deixar ver n'este factio o caracter do sabio astronomo.

Data do anno de 1611 a vontade dos filhos de Santo Ignacio de Loyola contra Galileu, porque este se unira ao partido que os expulsou de Padua. Depois das suas celebres descobertas sobre as manchas

solares, Galileu dirigiu-se a Roma, com o fim de ganhar proselytos á sua causa, e porventura de abrandar as iras do Santo Officio. Por esse tempo, Baccini, um *simples* frade da ordem de S. Domingos, atacou aspera e rudemente o sabio, carregando-o de invectivas pelas suas idéas a favor do systema de Copernico. Passava-se isto no pulpito da Igreja de Santa Maria-a-Nova, de Florença, e fazia-o um *pobre* frade que se julgava auctorizado a sustentar, a seu modo, o velho systema de Ptolomeu.

Galileu só foi *mau theologo*, depois de Baccini ter sido um *detestavel astronomo*. D'esta pouco digna accusação nasceram duas cartas do sabio — uma dirigida a Christina, Grã-Duqueza da Toscana, outra a que foi mandada a Caselli, e que foi aproveitada como corpo de delicto. Juntem-se mais estes apontamentos, e diga-se depois com justiça qual o delicto de Galileu. Em verdade que não me atrevo a dizer qual seja mais edificante e sobre tudo mais instructivo — se um sabio a basculhar as trevas insondaveis da Biblia, se um frade dominicano preleccionando *ex cathedra* sobre os problemas da natureza. Ao menos que se me conceda o direito, hoje que as censuras já não queimam as carnes, de chamar *tolo* ao frade prégador de Florença.

A historia da-lhe outro nome, porque elle e só elle motivou immediatamente este lamentavel succedimento; eu por mim chamo-lhe *tolo*, porque as consequencias da sua arenga, se foram funestas para alguém, foi exclusivamente para a sua Ordem e para a Igreja a que pertencia. Deus sabe quanta carne ecclesiastica teria ardido na fogueira, se a sciencia tivesse usado dos processos theologicos para garantir as suas verdades!

Para terminar a historia rapida do primeiro processo de Galileu falta dizer que no dia 26 de fevereiro de 1616, o sabio, em cumprimento da ordem da Sua Santidade Paulo v. foi chamado ao palacio do cardeal Bellarmino, que na presença de frei Miguel-Angelo Seghitius de Laude, da Ordem dos prégadores, commissario geral do Santo Officio, o advertiu do erro censurado, intimando-o a que o abandonasse. O documento xxvii diz a este respeito e textualmente o seguinte: « estando ainda presente o illustrissimo cardeal, o padre commissario, lhe communicou (a Galileu) e ordenou, em nome do Santissimo Padre o Papa e de toda a congregação do Santo Officio, que abandonasse completamente a opinião censurada, que o sol é o centro

do mundo e immovel e que a terra se move, e que para o futuro não ensine mais este erro, nem o defenda pela palavra ou pela escripta, sob pena de se proceder contra elle no Santo Officio; Galileu sujeitou-se a esta ordem e prometeu cumpril-a. »

O decreto da congregação do Index de 5 de março do mesmo anno, prohibindo absolutamente a leitura dos livros onde o heliocentrismo era proclamado, *até que fossem corrigidos*, marca o ultimo facto d'esta primeira epocha da perseguição de Galileu.

Julgue cada um, que conhece pela historia o que eram estas sessões solemnes do tribunal do Santo Officio, o valor moral d'esta supposta promessa de Galileu, justamente n'uma questão em que elle via do seu lado a verdade, a sciencia, o progresso, e do outro a treva, o erro, a maldade e a força de canibaeas.

Acrescente-se que Galileu tinha completado 52 annos, que as canceiras incessantes do seu estudo e desventuras lhe tinham trazido incruentos padecimentos physicos. Eu acceito de bom grado a authenticidade da submissão e juramento de Galileu, para ter o direito de perguntar quem foi em verdade indigno — se o sabio, faltando ao juramento extorquido a um velho, enfermo e fraco do corpo n'uma sessão do Santo Officio; se este, forçando uma consciencia austera a uma vilzeza e a uma abjuração da verdade?

Dizei-me, vós, ó conspicuos moralistas: se um bando de assassinos vos apanhar, e vos disser — onde está vosso pae? Pretendemos a sua vida, e roubar-vos-hemos a vossa, se nos não denunciaes a sua morada. Que farieis, intransigentes escravos da verdade? Pesae bem a vossa responsabilidade mentindo-lhes, e a vossa monstruosidade, servindo-os.

(Continúa)

A. Z.

CHRISTIANISMO E CATHOLICISMO

Les services de l'Eglise lui ont été payés avec une magnificence qui ne lui laisse plus le droit de revendiquer davantage : après les invasions, l'ignorance totale des conquérants a valu au clergé la gestion absolue de tous les actes importants, elle fut pour lui une source énorme de bénéfices et de prétextes à une immixtion continuelle dans les affaires d'où il sut toujours tirer gloire et profit ; l'approche de l'an mille, les départs pour les croisades, les guerres religieuses elles mêmes lui ont rapporté des territoires immenses. S'il a perdu la plupart de ces biens, c'est que leur possession cessa d'être justifiée quand la barbarie disparut. La féodalité a eu de même sa raison d'être ; mais quand elle devint inutile au salut de la société, ses privilèges furent taxés d'abus. Quand on a payé aux gens tout ce qu'on leur doit et qu'on cesse d'avoir besoin d'eux, on a le droit de leur fermer l'accès de son coffre-fort. Aussi les réclamations fondées sur des services passés et rémunérés n'ont plus aucune valeur aujourd'hui.

La Philosophie positive, T. xx, pag. 41.

Tenho para mim que o Catholicismo, apesar dos supremos esforços que ahi quotidianamente se empregam, abdicou ha já cinco seculos o seu dominio temporal, e actualmente, debatendo-se em vão contra o indifferentismo e a descrença geral, faz as suas ultimas disposições espirituaes na hora do passamento. Poder-se-ha d'aqui inferir que, na minha opinião, a religião christã só foi nociva á sociedade e jámais lhe prestou serviços uteis. Não é assim. A verdade historica exige que eu lhe tribute a justiça devida, mas unica e simplesmente a devida. É preciso para isso que se tenha sofrido dia a dia e anno a anno as decepções cruéis que causa o desmoronamento das nossas crenças infantis, e a desillusão de aspirações ideaes sem objectivo definido

para se ter a tranquilla serenidade que exigem uma apreciação severa e uma critica imparcial.

Era moda entre os philosophos do seculo passado deprimir tanto a religião christã no seu papel espirital e moral, que quasi se lastimava que ella tivesse expulsado o paganismo romano, e até se lhe attribuiam todos os soffrimentos que affligiram a humanidade durante essa epocha de provação que se chama idade media. Era um exagero resultante d'uma forte reacção, nada mais. Ponhamos as cousas nos seus termos e ficaremos na verdade.

Quando as hordas barbaras se estabeleceram no imperio romano do occidente, havia muito já que o imperio era um corpo moribundo. Se a morte d'um homem pôde durar algumas horas, não admira que a morte d'um colosso possa durar cinco séculos. Apreciando este facto, já eu disse em 1872 nas *Raças historicas da peninsula iberica*: — «Pelos seculos iv e v as provincias romanas agonisavam na escravidão e na indigencia. . . Os dias de Roma estavam contados. Não penseis que a ira do céu a havia fulminado como outr'ora a Sodoma: Roma cahia pela razão natural das cousas. Porém, Roma cahiu politicamente quando já não tinha vida organica: eis porque nem os lamentos dos opprimidos chegaram até nós.» (Pag. 18, 19).

Com effeito, esta decomposição latente e progressiva que corroia o corpo do imperio manifestava-se em tudo — na sua constituição politica, no seu estado moral e emfim na sua propria religião.

Como toda a situação politica se acha intimamente ligada com a situação economica d'um paiz, a politica imperial, desde Augusto até Augustulo, cada vez mais centralisadora e egoista, comprometteu os verdadeiros interesses do imperio, foi successivamente deprimindo as populações pela miseria e pela oppressão, e portanto destruiu a sua propria força moral. Quando o imperio attingiu politicamente o seu apogeu — por uma apparente prosperidade, pelo luxo e pela magnificencia — a sua degradação religiosa e moral era aviltante. O epicurismo presidia aos lautos festins, aos banhos luxuriosos, aos circos dos gladiadores, e á vida sumptuosa e desregrada das cortezãs. O culto dos deuses para a sociedade opulenta ou illustrada era uma irrisão, para os miseraveis era o fanatismo da desesperança e do desconforto, para os proprios sacerdotes era um commercio de immoralidades re-

voltantes e de indignas abominações. O influxo moral do paganismo estava extinto.

N'esta conjunctura o que havia a esperar d'uma conquista, como a dos barbaros, em que os conquistadores tiveram de ser moralmente conquistados, porque as suas crenças, os seus costumes e a sua civilização estavam ainda áquem da decadencia romana? Nada.

Então, o Christianismo, que durante os tres primeiros seculos, quer dizer, durante o seu periodo de perseguição, aprendera na adversidade a tornar-se exemplo de virtude, d'uma moral pura, d'uma vida de martyrios, de practicas de caridade e fraternidade universal, era o unico principio e a unica instituição susceptivel de reorganisar esta sociedade infante — esta grande creança turbulenta e esfarrapada que acabára de assassinar um velho opulento e dissoluto.

Os barbaros não traziam o gosto das letras, nem a moralidade, nem uma religião melhor, nem instituições politicas: eram ignorantes, selvagens, avidos, brutaes. Só uma crença, senão inteiramente nova ao menos restaurada, que tivesse por fim elevar o ideal humano, substituindo o grosseiro polytheismo pelo monotheismo, podia determinar a direcção espirital e intellectual da sociedade. Tudo, desde a auctoridade do senado até ao esforço da nação, estava aniquilado. O Concilio de Nicêa foi antes da invasão a unica assemblêa livre onde se discutiram e assentaram os principaes pontos de moral e de religião, embora a politica lhe não fosse estranha. Foi, com effeito, com o fim de alliar ao seu poder o do partido christão que ia engrossando, que Constantino convocou e presidiu áquelle Concilio, antes de ser christão e baptisado. Como não havia de ser assim, se d'outra parte não havia a esperar luz ou auxilio?

Esse influxo extraordinario que certa eschola historica attribue á virilidade gothica como galvanisadora do imperio moribundo, é um sonho poetico que não tem realidade alguma. Não ha tradições epicas nem lendas heroicas que destruam este factio positivo — que os Germanos, assim como os Francos, os Godos, os Hunos, etc. não conheciam outra occupação senão a guerra, outro direito senão o da força, outra moral senão o capricho, outra virtude senão o valor. Confunde-se a noção ethnographica com a noção historica, pela mania de explicar tudo pelas raças. Estas raças, podiam sim, influir sangue

novo e despertar novas aptidões nos productos do crusamento, — isto é uma lei de anthropologia — mas d'aqui não se infere que essa vitalidade fosse integralmente trazida pelo conquistador e communicada ás gerações futuras.

De fórma que o resultado final não foi uma elevação subita — politica, moral, ou intellectual — da sociedade mixta; foi ao contrario uma depressão no nivel social das populações do imperio, precedida de um cahos em que sobresahiam os assassinatos fratricidas, as tragedias domesticas, o desmoronamento da familia.

Foi na restauração d'esta baixa de nivel que o Christianismo prestou os seus mais uteis serviços á causa da humanidade e da civilisação, porque n'aquellas circumstancias, a doutrina de Jesus, já como moral, já como religião, era a unica propria para adoçar o genio fogofo e cruel dos selvagens, para lhes infundir os principios de fraternidade, para lhes fazer respeitar a lei da propriedade, e emfim para lhes ensinar a lei eterna do trabalho que os barbaros inteiramente desconheciam.

Se o imperio politica e militarmente foi vencido pelos barbaros, estes foram, em compensação, vencidos moral e intellectualmente pelo Christianismo. A Igreja, ou a communhão catholica que tal fez — essa foi a verdadeira Igreja militante. Quem foram os seus agentes? Os monges. Onde estava esta grande entidade christã d'essa epocha — o monge — ahí estava a paz, a santidade, o ensinamento, o trabalho, a cultura da terra. O espirito ascetico e contemplativo do Christianismo, como o de todas as religiões orientaes, serviu miraculosamente esta causa, attrahindo pelo seu exemplo e corrigindo com as suas practicas os grandes e os pequenos, o nobre e o servo. E foi assim que todo o occidente, desde a Italia até á Grã-Bretanha, foi conquistado para as letras, para a civilisação e para o Evangelho. Desde o seculo v até por ventura ao seculo viii esta força moralisadora do monachismo, alargando amplamente a sua influencia, foi o unico facho civilisador que presidiu aos destinos da sociedade europêa.

O espirito monastico era, n'esse tempo, eminentemente humilde e solitario. A tonsura e o habito symbolisavam a penitencia. Os habitos de trabalho e de caridade originaram as velhas lendas sobre a santidade dos monges. A Europa, segundo os historiadores nol-a representam, devia no seculo v estar na maior parte inculta e coberta de gran-

des florestas, onde não escaçavam os animaes ferozes. E o monge, com o seu habito de burel, espalhando-se por toda a parte, nas ruinas das villas, na orla das florestas, no fundo dos valles junto d'uma corrente fertilisadora, lá escondia a sua cella, ahí cultivava a terra e pelo desinteresse e abnegação chamava ás suas lições os mendigos e os principes. O espirito monastico era o espirito christão na verdadeira accepção do termo.

O espirito catholico, porém, se se entende por Catholicismo a instituição presidida pelos bispos de Roma, tendo por sustentaculos os doutores da Egreja, e por membros o alto clero, bispos, abbades, prelados, etc. — o espirito catholico, como representante da unidade religiosa, da cultura intellectual e da ordem moral, foi desde os seus principios muito distincto do espirito monastico e christão.

A criação d'um poder espiritual independente do poder temporal era a maior innovação que o Christianismo implantava no seio da sociedade pagã. Desde o momento em que este principio foi esquecido, e o poder temporal foi a pouco e pouco usurpado pela Egreja, o Catholicismo e com elle o Christianismo desviaram-se do seu alvo. A idade media foi uma sociedade regida pelo feudalismo e pela Egreja. De facto, a partir de Carlos Magno, os mosteiros, que successivamente iam adquirindo territorio, tornaram-se centros de riqueza e de poderio. Os abbades eram grandes senhores. Ora a ambição e o poder foram em todas as epochas maus conselheiros e produziram sempre um funesto deslumbramento no espirito humano. A absorpção catholico-feudal, quando chegou ao cumulo, conheceu que a sua repleção era hyperthrophica. Quando o estomago clerico-feudal chegou a estar cheio, declarou-se a indigestão. Esta indigestão matou o feudalismo em proveito do poder real, assim como o catholicismo, que estava destinado a viver uma vida plethorica até hoje, se está acabando de matar em proveito da liberdade de consciencia e da emancipação universal.

No seculo x a sociedade Europêa tinha attingido ao paroxismo da loucura por parte dos principes, e á agonia da miseria por parte do povo. Havia chegado uma nova epocha de provação, como fôra a do seculo v, mas por differente causa. Ora a miseria não se cura com a fê e a simplicidade do coração, como se prégava beata e hypocritamente por esses tempos em que a corrupção dos costumes não era inferior á propria miseria. Está isto provado á saciedade. As cruza-

das, auxiliando por um lado a independencia do poder real, é verdade que desamortisavam a terra por outro. Não conseguiram contudo debellar o mal porque a absorpção feudal foi usurpada pela ambição e despotismo da realeza. A esperança nas cruzadas falhou ao mundo, diz Michelet.

A hierarchia nobiliaria, cega pelo orgulho e por um poder sem limites, havia chegado a um grau inaudito de corrupção. Á licença vergonhosa dos costumes ligava-se uma ferocidade repugnante. O homicidio era um brinco; o roubo um entretenimento. Os reis de França não se deshonravam de atacar á mão armada, nos desvios das azinhas ou no fundo das florestas os pacificos negociantes que vinham das feiras. A filha d'um conde de Blois sabendo que seu marido havia sido em demasia sensivel ás seducções d'uma tal senhora de Thouars, esperou a occasião de a colher ás mãos, prendeu-a, e entregou-a durante uma noute inteira á luxuria dos seus homens d'armas. Ora aquella dama que era bôa christã entendeu, por conselho dos bons padres, que podia remir o seu peccado mandando construir uma Egreja. E, feito isto, ficou provavelmente com a consciencia mais alliviada do que se nunca tivessê commettido tão indigna infamia.

A desventura, a doença, a miseria e a morte abatiam-se lugubremente sobre as massas populares. As fomes repetiam-se com uma frequencia nunca vista. Ás populações faltavam a força e a coragem para trabalhar. Á fome accrescia a peste que disimava as povoações. Diz-se que uma especie de gangrena epidemica se propagava por toda a parte: as carnes cahiam aos bocados com soffrimentos atrozes. Os cadaveres insepultos jaziam pelos campos e pelos caminhos. Grandes turbas semimortas de fome, vestidas de sacco, informes e fetidas, percorriam de noute em penitencia as viellas das cidades em longas filas, á luz dos brandões, ou dispersavam-se pelos campos procurando ao acaso alguma santa e redemptora reliquia. Por toda a parte se propagou no anno mil que o fim do mundo estava proximo. O terror era indizivel e universal.

Os historiadores attestam que chegou ainda mais longe o horror d'esta situação. A anthropofagia practicou-se a principio e tolerou-se depois. Chegou a vender-se carne humana nos mercados publicos.

Ora no seculo x, na Europa central e em grande parte da meridional, havia só dois poderes e esses absolutos — a nobreza feudal e

o clero. Ambos estes poderes possuíam toda a terra. O escravo romano, o homem cousa que se compra e vende tinha, é verdade, desaparecido pelo influxo do Christianismo; mas em compensação não havia homens livres na accepção actual da palavra. Todo e qualquer era pessoa d'um potentado — bispo ou príncipe, da mesma maneira que não havia terra alguma sem seu senhor. «*Nulle terre sans seigneur; nul seigneur sans terre*» era a divisa da feudalidade.

Desde o seculo ix que as abbasias se haviam tornado immensamente ricas. Os bispos rivalisavam em poderio com os grandes senhores. A abbasia tornou-se territorialmente parte da ordem feudal. A ordem de S. Bento cujos monges, nos primeiros seculos depois da queda do imperio do occidente, tinham vivido e practicado como santos, possuíam no seculo xii innumerados mosteiros todos poderosos, onde ainda permaneciam a disciplina e as escholae. Comtudo o primitivo espirito christão, a lição desinteressada e civilisadora, irmã da antiga humildade, symbolisada na prece e na penitencia, haviam desaparecido. Por isso no seculo xiv as ordens mendicantes, que tinham em vista renovar pelo menos na apparencia a antiga cruzada civilisadora, pretendendo fazer voltar a Igreja á sua primitiva florescencia, não o conseguiram. Os tempos eram outros.

Quem estendeu mão misericordiosa ás inauditas desgraças dos seculos x e xi: os senhores? Não. O clero? Tambem não. Isto prova que o povo sempre teve exploradores do seu direito e do seu trabalho; protectores, pouquissimas vezes; defensores nunca. D'aquelle immenso cataclysmo nasceu o primeiro raio de luz que deu origem á anthese da liberdade moderna — a constituição das communas. Foi, pois, o povo que se salvou a si proprio. E ainda bem que assim succedeu, aliás talvez que ainda hoje fosse menor, e que a tutela que levantou no seculo xviii ainda pezasse sobre elle.

O clero regular, á parte alguns esforços isolados dos abbaes a favor da causa dos opprimidos, esforços que se perderam, fez causa commum com a aristocracia feudal, á qual na maior parte pertencia. O clero secular, não ia além das idéas do seu tempo, visto que se tinha tambem locupletado á custa da absorpção e centralisação da terra. Os bispos e a turba dos clerigos inferiores partilhavam, por cima de tudo, da corrupção geral. Aquelles casavam e suas mulheres tinham o nome de sacerdotisas; estes e os monges viviam n'uma cra-

pulosa mancebia. Dizia Gregorio VII, que em toda a França não havia *um só bispo* que não merecesse ser deposto ou pelo escandalo da sua nomeação, ou pelo do seu comportamento. Emfim, cada senhor era um sicario, cada bispo um senhor, e cada clérigo, de qualquer cathegoria, um devasso.

Em Roma traficou-se muitissimas vezes com a tiara. Muitas prostitutas de sangue patricio a collocaram na cabeça de seus amantes ou dos seus bastardos.

CONCLUSÃO

A Igreja prostituiu mais do que a honra e a humanidade, — cuspiu torpemente a caridade evangelica e as palavras do Salvador. Nem o poderio e a influencia, nem mesmo o spectaculo lastimoso d'um mundo inteiro agonisante, foram bastantes para despertar no espirito sacerdotal a noção do dever evangelico.

Presumo, consequentemente, que é necessario fazer uma profunda distincção entre o espirito *christão* e o espirito *catholico*. O primeiro exprime a caridade, a fraternidade universal, o desinteresse, a piedade, a humildade e sobre tudo a prece. A Igreja só o manifestou nos primordios da instituição das ordens monasticas até ao VII ou VIII seculos provavelmente, e durante os seculos da dominação romana, quando ella luctava contra o paganismo. Então mais do que nunca a communhão catholica precisava de se tornar recommendavel pelo exemplo. Demais ella era n'esses tempos pobre, escarnecida e perseguida. O segundo significa a tendencia para a confusão inteiramente anti-christã do poder espirital e do temporal, traduz o dominio intellectual do mundo e a exclusiva direcção moral e politica da sociedade. Este espirito foi, desde os primeiros padres da Igreja, theologico, quer dizer, anti-philosophico — e auctoritario, isto é, destruidor de toda a autonomia individual, de toda a cultura independente e de toda a liberdade moral.

O catholicismo não tem representado e não representa hoje a legitima doutrina de Jesus. Não póde portanto, em nome d'ella, impôr-se como reformador da sociedade moderna nem como director da civilisação.

C. B.

Victor Manuel

A morte não reconhece jerarchias, nem se curva diante do respeito tributado ás suas victimas. Tufão desenfreado, lava candente de vulcão medonho, arrasta na mesma voragem o parasita invisivel, a fragil herva e o platano magestoso da floresta com a magnolia viridente do jardim.

A sociedade estabelece com os pergaminhos da justiça, com o direito inalienavel da verdade, as suas distincções. N'este theatro multicolor da vida e da lucta, muitos actores recebem no estrepitoso applauso das turbas a palma virente da sua superioridade. N'esta adoração, porém, é o espirito o sacerdote, é o espirito tambem o idolo do sacrificio. A morte é um facto physico; o corpo pertence a ella; o corpo não é o chorado n'este carpimento que succede ao desabar dos escolhidos. Justiça inteira. O choro pelos mortos não é offensa da lei do aniquilamento physico dos vivos; é uma saudade, uma lembrança pelas qualidades que se enthesouravam na fôrma que se desmancha, e um protesto de gratidão pelos beneficios d'aquelles que findaram na campa a sua affirmação social.

Para a familia este lamento tem as crueis agruras do espinho que penetra no fundo das carnes; o choro é uma desesperação medonha; a imagem do passamento um terrivel pesadelo, um impossivel que ora o é, ora o não é, uma desconsolação que o tempo amarellece, mas que o torvelinho nunca desfaz.

Para os amigos é uma desgraça, uma infelicidade que apavora e entristece; o choro é uma falta que desconsola; a imagem do passamento representa a necessidade d'um braço a que nos apegar, d'um auxilio de que nos valer, d'um tribunal consciencioso para que appellar das ininterruptas pendencias da amarga vida.

Para a sociedade, porém, onde os factos são desapaixonadamente julgados, onde os estalões são mais e muito acertados, a morte é um lucto que penetra em todas as camadas; o desaparecimento uma pedra

que desaba do grande edificio, e que muitas vezes arrasta no abysmo montões de ruinas d'um portico, d'uma fachada, d'um solido muro.

A familia grava um nome no coração, o amigo escreve uma data na memoria, a sociedade lavra um termo no grande livro que todos leem. Este registo é muitas vezes uma epocha que se desenha no marmore, que os seculos veem com assombro, que as gerações recordam com respeito.

A camara ardente de Victor Manuel, é povoada por os tres diversos sentimentos de que fallei. Alli, n'aquelle lugubre ambiente mortuario, os brandões reaes ouvem os pungentes gemidos de tres affectos sublimes, qual d'elles mais sincero nos seus soluços de dôr. Alli echoam as vozes sumidas pelo pranto d'uma familia numerosa, unida e respeitavel, altiva pelos seus brazões de grandeza humana, que atravessando os periodos extensos de convulsões sociaes, não conhece mais que uma divisa, a da nobreza do sangue alliada á nobreza do character. A casa de Saboya mede fidalguias e não se amedronta com quem lh'as dispute. Tem uma affirmação para todos os gostos, uma superioridade para todos os regimens sociaes. Quem lhe não presa a antiguidade e o brilho dos pergaminhos, confunde-se ante a magestade das suas virtudes civicas e humanitarias.

A trombeta que apregoa tantas valias, installa-se no vertice das cordilheiras europeias e faz-se ouvir em todos os recantos do velho continente. O som que se desfralda do cimo dos Alpes, penetra e vibra em toda a velha peninsula hispanica, echoa por toda a França e chega ás afastadas regiões boreaes. Ao sul atira dois nomes que são repetidos aos quatro ventos por dois paizes. Manda Amadeu aos hespanhoes, Maria Pia aos portuguezes.

Áquelles pergunta se rei tiveram que mais lhe respeitasse as necessidades do povo, as conveniencias nacionaes; que melhores exemplos de dedicação, de amor, de desejo pela prosperidade publica lhe houvesse dado. O rei Amadeu, começou a publicação d'um livro d'ouro que ficou apenas prefaciado. A Hespanha suspendeu a sua obra, gritando-lhe com o tom desabrido da sua berraria — é cedo, é cedo! Era temporã de facto a aurora do governo de amor, para um povo que não comprehendia festa sem sangue, liberdade sem carnificina, governo sem os estrepitos cavalheirescos dos tempos velhos do realismo europeu. Amadeu estudara na côrte de seu pae o grande problema da uni-

ficação dos povos que se sujeitam ao mesmo governo; aprendera no magestoso exemplo do seu paiz o modo practico de constituir nacionalidades pela communhão de idéas e aspirações. Amadeu podia e desejava ser o Victor Manuel da Hespanha, mas faltava-lhe Cavour e Garibaldi.—É cedo, gritava-lhe a turba. Queremos saltar em selvagem festim nos circos, suspender-nos das armas enfeitadas dos touros, esmigalhar as nossas cabeças nas cabeças dos animaes, experimentar o gume e a ponta das nossas cochilas, ouvir as malaguenhas das nossas sevilhanas, acompanhá-las com o som estrepitoso das castanholas. O nosso sangue ferve nas veias aquecido pelo sol ardente da peninsula, as brisas quentes do Mediterraneo convidam-nos ás paixões loucas do amor. Foge, e deixa-nos saciar de prazer e de crimes.—Amadeu, deitava o ultimo olhar para este paiz abençoado pela natureza e deslisava-lhe pelas faces uma lagrima. Chorava o grande contraste da natureza com a cegueira do obscurantismo. O reinado de Amadeu foi um momento precursor de seculos. Na historia não se apagará este momento.

Maria Pia não é rainha de Portugal, é a mãe dos portuguezes. Maria Pia não está assentada no throno nobiliarchico dos paços reaes portuguezes, assiste nas casas da pobreza, percorre em sacrosanta romaria os asylos dos desgraçados, enxuga o suor dos desvalidos, aperta ao seio os abandonados da sorte. Das muitas immunidades e regalias que lhe pertencem ha uma que mais que todas lhe afervora o zêlo do seu esplendido coração, é a educação de seus filhos. A realeza affirma a sua existencia quando tem modelos como este para apresentar.

Os amigos de Victor Manuel são tantos que até no seu numero têm logar aquelles a quem offenderam os seus actos politicos. Era tão nobre o seu procedimento de rei que ellé, talvez o primeiro, obteve, pela sujeição ás grandes imposições do seu povo, o respeito dos proprios que soffriam com ellas.

No cortejo real desfilam milhares de espiritos cujos corpos não poderam transpor as distancias. Depois da familia e dos amigos, pranteiam vivas saudades as almas liberaes de todo o mundo, que choram em Victor Manuel o espirito mais real do seu tempo.

Na historia de sua familia está escripta uma pagina de cada uma das grandes phases da evolução da humanidade. A casa de Saboya, na sua larga existencia, atravessára o periodo do feudalismo, da realeza

absoluta e da realza constitucional, indo á frente d'estas successivas transformações sociaes como soldado valoroso. E n'este grandissimo movimento, Victor Manuel alcançou o fôro de grande patriarcha.

No seu reinado e na grande peninsula — campo onde vieram asyalar-se os productos das mais diversas colonisações, Babel onde se confundiram idiomas, costumes e principios religiosos — quebram-se as barreiras alevantadas pela natureza entre estes elementos antagonicos, circulam os fluidos beneficos da identificação, e alcança-se a unidade de todos estes povos para os quaes estava reservado um futuro grandioso, como a historia dos ultimos tempos vae dizendo todos os dias.

Se se pergunta pelo verdadeiro movel d'este trabalho colossal que ha de ser sempre um assombro, a historia pronuncia o nome do rei que fôra dos primeiros a comprehender este grande problema, e fôra tambem o mais acceso em reunir todos os elementos da sua solução.

Os conselhos de Victor Manuel foram occupados por homens illustres e esforçados porque o rei não fazia distincções entre os seus vassallos, senão pelo criterio das necessidades do seu paiz. O homem que a opinião publica indigitasse como cidadão util tinha certo um lugar lá onde podesse afirmar o seu prestimo. Gambetta, dizia o chorado rei, teria um lugar no meu conselho, se fosse italiano com a popularidade que goza no seu paiz. Grande exemplo aos tyranetes enfatuados! Grande traço para definir a monarchia d'este monarcha, a realza d'este rei!

Os grandes campeões da sciencia, como os grandes campeões da liberdade merecem ser collocados no mesmo Pantheon. Uns e outros pelejaram na grande batalha da civilisação, quer dizer, da elevação social e do melhóramento do futuro. A morte, este facto necessario e implacavel, este parasita de nós mesmos, medonho para o criminoso, ridiculo para o justo, tem tão amplamente ceifado entre os vultos eminentes, que se torna necessario transformar a biographia em noticia, e esta em lista. Deixámos ás Academias o trabalho e o dever de fazerem o elogio d'aquelles que as honraram, consagrando na historia á veneração dos vindouros a sua memoria.

Ha mezes fallecia em França um astronomo celebre, Le Verrier. Ha dias apenas desapareceram mais tres grandes homens — Raspail, medico, chimico e botanico, que passou a sua vida ou nas prisões do estado aferrolhado pelas suas idéas liberaes, ou nos laboratorios revolvendo os grandes problemas scientificos; Becquerel (pae) engenheiro e physico notavel; Regnault, physico e chimico de primeira ordem.

Portugal acaba tambem de perder dois nomes respeitadas — Augusto Soromenho, distincto professor e publicista e Antonio Cardoso Borges de Figueiredo, eminente humanista.

Esperemos que a geração actual saiba fazer honra a tão illustres antecessores, imitando-os nas qualidades, continuando-os no trabalho, excedendo-os no esforço.

A. Z.

BIBLIOGRAPHIA

1. *Historias Contemporaneas* por J. Simões Dias. — 2. Resposta ao questionario sobre a instrucção secundaria por F. J. d'Almeida Castanho. — 3. Relatorio sobre os estudos da lingua sanscrita por G. Vasconcellos Abreu. — 4. *Revue des langues romanes*, 2.^a serie, T. III; T. IV, n.^{os} 10, 11, 12. — 5. *Revue politique et littéraire*, 2.^a serie, n.^o 24. — 6. Os regimentos da inquisição em Portugal por Pereira Caldas. — 7. Herculano. *Revista quinzenal de litteratura*. — 8. *Magazin für die Literatur des Auslandes*. begründet von Joseph Lehmann. — 9. *Jornal official de Agricultura*, n.^{os} 11, 12, 13.

1. *Historias Contemporaneas* por J. Simões Dias — Primeiro volume — *As mães*.

A imprensa portugueza já se occupou largamente d'este livro. São bem merecidos os elogios que lhe foram tecidos. Achâmos que elle reune duas grandes qualidades, que não são communs nas publicações hodiernas, apesar da revolução porque está passando a nossa litteratura. São estas qualidades 1.^a um alto conceito social, 2.^a o ser um primor de estylo, melodioso, elegante, simples. O romance da geração que nos precedeu (exceptuando o romance historico) oscillava entre estas duas cousas: ou era um insipido idyllio escripto em linguagem arrebicada, ou pretendia ser um livro agradável de moral, onde ella se ensinava á custa de narra-

tivas tetricas e repugnantes ou fantasticas e corrosivas. Nada d'isto é o romance de Simões Dias, e basta avançar esta proposição para comprehender que a mira d'este escriptor está mais alto. O seu thema é este: reformar a sociedade pela educação, e especialmente pela educação da mulher, que ha de ser esposa e mãe. A elevação d'um tal thema e quanto elle precisa de ser discutido, ensinado, propagado de mil modos e sob mil fórmas, não precisa de dizer-se. Hoje mais de que nunca, a sociedade tem a esperar um futuro que dependerá da direcção que se der á solução d'este problema. Por estas razões as lettras patrias, que já deviam muito a Simões Dias, ficam-lhe hoje devendo mais; sendo de advertir que a sociedade portugueza muito mais ainda tem a esperar do talento e da fecundidade d'este brilhante escriptor.

2. O sr. Francisco Jorge d'Almeida Castanho, dignissimo professor do Lyceu de Portalegre, dignou-se enviar-nos o seu — Voto em separado, em resposta ao questionario que acompanha a portaria do Ministerio do Reino de 4 de novembro de 1876.

Lemos com aquella attenção que tal assumpto nos merece esta autorisada opinião, e muito folgámos de nos encontrarmos em completa harmonia com as suas idéas sobre os pontos capitaes do ensino secundario.

Se discordámos n'alguns pontos, pôde ver-se, fazendo a comparação com as nossas respostas, que somos concordantes nos pontos essenciaes: o que nos é extremamente agradavel.

3. Recebemos o relatorio apresentado pelo sr. G. Vasconcellos Abreu ao ministro respectivo que o commissionou no estudo da lingua sanscrita, feito no estrangeiro. *Questions védiques* — é o titulo d'este importante trabalho de que já tinhamos conhecimento pela Revista de philosophia positiva, onde primeiro foi publicado. Lemos com muito interesse esta prova de muito talento e estudo do sr. Abreu, amante cultivador de linguas orientaes, e um fervoroso apostolo da philosophia positiva em Portugal.

4. *Revue des langues romanes*. — Recebemos o T. III, 2.^a serie; e os n.^{os} 10, 11, 12, 2.^a serie, T. IV. = T. III. Summario: — Alart; Documents sur la langue catalane (fin). — Garier; Lettres à Grégoire sur les patois de France (suite). — Bonaparte-Wyse; Un dimanche dou mes de mai; Fourès. — Le Garrabiè; Bibliographie et Chronique. = T. IV. n.^o 10. Summario: — Balaguer y Merino; Un document inédit relatif à la Chroni-

que catalane du roi Jacme 1^{er}. — A. Glaize ; Notice sur Auguste Guiraud. — L'Abbé J. Roux ; Énigmes populaires du Limousin. — Aubanel ; A Carle de Tourtouloun. — A. Fourès ; Un parelh per vendemios. — P. Vidal ; Lou Paisan e las Dos Oulos. — Bonaparte-Wyse ; Li Tres Flour. — Bibliographie et Chronique. — N.^{os} 11 e 12. Summario :— A. Gazier ; Lettres à Grégoire sur les patois de France (suite). — Montel et Lambert ; Chants populaires du Languedoc (suite). — A. Roque-Ferrier ; Une chanson latine. — A. de Quintana ; Cançó llatina. — Bonaparte-Wyse ; La Villo d'Aigo-morto. — Mila y Fontanals ; Esperansa. — Bonaparte-Wyse ; La Soulitude. — L. Roumieux ; Lucho d'estello. — Bonaparte-Wyse ; Un «Deo gratias». — L. Roumieux ; Lou Ventour. — Bibliographie et Chronique.

5. *Revue politique et littéraire*. — 7.^o anno, 2.^a serie, n.^o 24.

Contém este numero os seguintes artigos :— Le theatre contemporain. — M. Sardou, par M. A. Cartault. — Académie des inscriptions et belles-lettres : Séance publique annuelle.— Doctorat ès lettres : These de M. Debidour. — Publications portugaises : O Seculo ; As origens da escravidão em Portugal ; Ensaio positivistas. — Causerie litteraire. — Livres d'étranges. — La bibliothèque d'éducation et de recreation de M. Hetzel. — Notes et impressions, par N***. — La semaine politique. — Bulletin.

6. O erudito bibliographo e professor de Braga o sr. Pereira Caldas, enviou-nos um exemplar do seu importante trabalho acerca dos — Regimentos que a Inquisição possuiu em Portugal. É um trabalho muito curioso e tanto mais que dois dos cinco regimentos de que dá conta eram geralmente desconhecidos, ao ponto de não serem mencionados no dictionario do fallecido e chorado Innocencio Francisco da Silva.

Agradecemos a offerta.

7. *Herculano*. — Revista quinzenal de litteratura.

Recebemos esta importante revista dedicada á memoria do nosso grande historiador Alexandre Herculano. Este nome é hoje uma bandeira : desfraldam-na ás brisas que bafejam Portugal desde o cabo de S. Vicente até ao rio Minho, os illustres redactores d'aquelle jornal, os srs. Teixeira de Carvalho e Almeida Chaves. Honra lhes seja. Contém o 1.^o numero as seguintes peças : — I Introducção. II No céu e na terra, poesia por J. de Deus. III N'uma vista de Veneza, poesia por Alberto Telles. IV Sentenças da Inquisição em Portugal, por Pereira Caldas. V Do poemeto inedito *O Anti-Christo*, por Gomes Leal. VI No tumulto de uma menina, poesia por A. Luso. VII N'uma festa de caridade, poesia por Pedro de

Lima. VIII Chronica scientifica por R. A. J. IX Heresia, poesia por Jayme Filinto. X Nocturnos, poesia por E. Cabrita. XI O dr. Buchner, por Bruno. XII De noite, poesia por Joaquim de Araujo. XIII Anceio, poesia, por J. Leite de Vasconcellos. XIV Quadros historicos, por Almeida Chaves. = 2.º numero. — Summario: — I Ella, poesia por J. de Deus. II Soneto por Santos Valente. III Sentenças da inquisição em Portugal por Pereira Caldas. IV In amore vita, poesia por H. Marinho. V Introducção ao 6.º anno da *Grinalda*, poesia inedita por Pedro de Lima. VI Ineditos portuguezes, por Leite de Vasconcellos. VII Innocencio da Silva, por J. Simões Dias. VIII Sphynge, poesia por S. T. de Freitas e Costa. IX No leito da agonia, por Sousa Moreira. X A nova musa, poesia por Xavier de Carvalho. XI Adeus ás musas, por Candido de Figueiredo. XII Palavras do Evangelho, poesia por Jayme Filinto. XIII Quadros historicos, por Almeida Chaves. XIV Na tua doença, poesia por A. H. XV A reacção, poesia por Teixeira de Carvalho.

Saudamos a nova publicação onde brilham nomes já de ha muito festejados ou que dentro de breve o não serão menos.

8. *Magazin für die Literatur des Auslandes*, begründet von Joseph Lehmann.

Agradecemos os tres primeiros numeros do presente anno d'este excellente repositorio de litteratura estrangeira.

N.º 1. — Summario: — Der Islam in Europa — Renan: Die Evangelien. — Aus den memoiren des Freiherrn v. Fiath. I. Der ungarische Landadel vor fünfzig Jahren. — Pierce: Charles Summer. — Spitzer: Das Herrenrecht. Darwin: Krenz und Selbstbefruchtung der Pflanzen. National-ökonomische Abhandlungen von David Hume. Annenkow: Erinnerungen. Bustillo: Las quatro estaciones. Lange: Ein Symposion. Philosophische monatshefte. Revue philosophique. Revue scientifique. — Mancherlei. — Neuigkeiten der ausländischen Literatur.

N.º 2. — Summario. — Ein Osmane über das moderne Türkenthum. — Balfrey: Hugues de Lionne. E. und J. Goncourt: Die Frau im achtzehnten Jahrhundert. Boutkowsky: Dictionnaire numismatique. — Eine Ungarische Bibliographie. — Frau Sarah A. Dorsey: Panola. — Sudanesische Thierfabeln. — Fritze: Ratnavali. — Proctor: Unser Standpunkt im Weltall. «Die gesammten naturwissenschaften.» Hecker: Leitfaden der französischen Literaturgeschichte. Bastin: Etude philologique de la langue française. — Mancherlei. — Neuigkeiten der ausländischen Literatur.

N.º 3. — Summario. — Karl Hillebrand: Italia. Band IV. — E. J. Armstrong's Leben und Schriften. — Daniel Stern's (Gräfin d'Agoult's)

Erinnerungen. — Aus den memoiren des Freiherrn v. Fiath. II. Wie ein ungarischer Landjunker vor fünfzig Jahren studirte. — Deutsche Horazübersetzungen. Jsaacson: Geschichte des Preussischen Beamtenthums. Kölbing: Englische Studien. Schmitz: Französische Synonymik. Laun: Lafontaine's Fabeln. Die *Revista Europea*. Ein Winterlied aus Italien. Prschewalski-Kohn: Reisen. — Mancherlei. — Neuigkeiten der ausländischen Literatur.

9. *Jornal official de Agricultura*, n.ºs 11, 12, 13.

N.º 11. — Summario. — F. José d'Almeida: Memoria sobre o tabaco. — J. M. Teixeira: Veterenaria pratica. — A. J. H. Gonzaga: Sobre a origem d'alguns dos elementos mineraes da terra vegetal. Nova barata de ferro. — J. F. Moreno: O papel do gado na agricultura. — M. T. d'Oliveira Coutinho: A producção cavallar no districto de Aveiro e os postos officiaes de cobrição de Aveiro e Estarreja. Bases do programma e regulamento para o concurso ou exposição pecuaria de Penafiel. — P. J. da Silva: Factos chimicos das plantas uteis. — A. M. Tavora: A questão das aguas de esgoto em Inglaterra. — Preço dos cereaes nos mercados estrangeiros. — Preços correntes.

N.º 12. — Summario. — S. B. Lima: Considerações geraes ácerca do arraçoamento pecuario. Chronica agricola. — Visconde de Coruche: O credito predial. — D. R. Annes Baganha: Habitações pecuarias. — P. J. da Silva: Factos chimicos das plantas uteis. — F. J. d'Almeida: Considerações geraes ácerca da influencia e utilidade da chimica na agricultura. — G. A. Gagliardini: Quinta regional de Cintra, parte mensal. — A. C. Silveira Proença: Duas palavras sobre a ensilagem do milho verde. — Revista commercial e preços correntes dos generos agricolas.

N.º 13. — Summario. — Parte official. — J. V. d'Almeida: Ainda o doryphora da batata. Chronica agricola. — J. M. Teixeira: Veteranaria pratica. — G. A. Gagliardini: Quinta regional de Cintra, parte mensal. — A. H. Gonzaga: Estudos sobre o valor alimenticio do bagaço da uva. — S. B. Lima: Estudos hippicos. — A. Lopes Mendes: Matta do Bussaco. — Revista commercial e preços correntes dos generos agricolas.

Recommendamos esta optima publicação aos proprietarios e agricultores que desejem occupar-se scientificamente da primeira industria portu-gueza, que é ao mesmo tempo a primeira de todas as industrias. Quando será que a industria da terra, a agricultura, se eleverá entre nós á altura das manufacturas e industrias fabris? Quando os proprietarios trocarem as praxes da rotina e os adagios dos velhos pelas indicações seguras da experiencia e pelos principios assentados da sciencia.

Carta de lei, pela qual Vossa Magestade, tendo sancionado o decreto das côrtes geraes de 5 do corrente, que, abolidas todas as cauções e restricções estabelecidas para a imprensa periodica, e determinadas as formalidades necessarias para que se possa publicar qualquer periodico, declara quaes as penas applicaveis aos crimes de abuso na manifestação do pensamento, qual o processo competente para o julgamento dos mesmos crimes, e quaes os responsaveis por elles; manda cumprir e guardar o mesmo decreto como n'elle se contém pela fórma retro declarada.

Para Vossa Magestade ver. — *João Carlos de Valladas Mascarenhas* a fez.

São correspondentes d'este jornal: Em LISBOA — o Sr. José A. Rodrigues, Livraria nacional e estrangeira, rua do Ouro 186, 188; No PORTO — Livraria Chardron, Largo dos Clerigos.

Os Srs. assignantes em divida que desejem satisfazer as suas assignaturas, já da primeira, já da segunda serie podem mandar satisfazel-as nas Livrarias indicadas.

O SECULO

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Não se acceptam assignaturas por menos d'uma serie semestral. Publica-se por fasciculos mensaes.

Aos srs. assignantes da 1.^a serie, que não queiram continuar a sua assignatura, pedimos avisem d'isso o Administrador, o Bacharel *José Simões da Silva Junior*, rua dos Coutinhos, Coimbra.

São considerados assignantes da 2.^a serie aquelles cavalheiros que não prevenirem a Administração.

Pede-se aos srs. assignantes em divida da 1.^a serie queiram enviar a importancia de sua assignatura em vales do correio, sellos, ou por qualquer outra fórma, ao Administrador do *Seculo*.

Está em cobrança a segunda serie.

PREÇOS

Continente—Coimbra (serie).....	1\$200
» — Fóra de Coimbra (serie).....	1\$260
Ilhas e Possessões Ultramarinas (serie).....	1\$400
Brasil.....	3\$000 fortés

Para os outros paizes, o preço depende do custo do transporte.

Estão no prélo os n.^{os} 7 e 8 d'esta serie.

— N'esta redacção recebem-se assignaturas para todos os jornaes estrangeiros, que temos annuciado.

— Recebem-se annuncios para a capa d'este jornal.

O SECULO

PUBLICAÇÃO DE PHILOSOPHIA POPULAR E DE CONHECIMENTOS PARA TODOS

2.^a Serie; 7. 8 — Março, 1878

REDACTORES

F. A. CORRÊA BARATA

LENTE DE PHILOSOPHIA

A. ZEFERINO CANDIDO

DOCTOR EM MATHEMATICA

O positivismo e a sciencia actual, por C. B. — Conferencia do sr. Gastão Mesnier na Sociedade de Geographia de Lisboa, por A. Z. — Galileu; esboço da sua vida e descobertas, por A. Z. — Bibliographia.

COIMBRA

IMPRENSA LITTERARIA

1878

O proprietario d'esta publicação no imperio do Brasil é o ex.^{mo} sr. Luiz d'Andrade, residente no Rio de Janeiro.

NOTICIAS

O Sr. Joaquim dos Santos e Silva, chefe dos trabalhos praticos do Laboratorio Chimico da Universidade, está fazendo a analyse de umas amostras de opio proveniente de Moçambique e da India (Malwa), remetidas pelos directores da companhia de cultura e commercio do opio em Moçambique.

No dia 30 de junho, dois mezes depois da abertura da exposição de Paris, sairá de Marselha uma curiosa expedição recreativa que dará volta ao globo em onze mezes.

A assignatura para tão extraordinaria como curiosa viagem está já quasi preenchida por pessoas da primeira sociedade franceza.

Annunciam os jornaes uma cura notavel de hydrophobia. Uma rapariga de doze annos foi mordida na mão por um cão damnado. A mordedura fôra profunda e havia sido cauterisada *in continenti* com nitrato de prata, cicatrizando em pouco tempo. Passados dezesete dias depois da mordedura manifestaram-se os symptomas da hydrophobia.

Dois medicos russos, os doutores Schmidt e Lehedew prescreveram a inalação de 3 pés cubicos de oxygenio; duas horas e meia depois a doente estava completamente tranquilla.

No dia seguinte voltou a raiva; mas a repetição do tratamento debelou os symptomas, até que, passado um mez, a doente tinha recuperado a perfeita saude.

Vae fazer-se em Marselha uma experiencia interessante. Um espelho electrico montado na *gare* do caminho de ferro, mostra a um empregado o movimento de toda a linha n'uma grande e conveniente extensão prevenindo qualquer accidente. (Dos Mundos).

Está definitivamente aberto o caminho maritimo para a Siberia. O pequeno vapor, Luiza, carregado de carvão e petroleo fez já esta curiosa expedição, atravessando Hull na foz do Obi.

A sociedade de biologia, fundada em Paris, elegeu uma commissão

O POSITIVISMO E A SCIENCIA ACTUAL

*A proposito dos « TRAÇOS DE PHILOSOPHIA POSITIVA, COMPROVADOS PELAS
DESCOBERTAS SCIENTIFICAS MODERNAS, » do sr. Theophilo Braga,
Lisboa 1877.*

A philosophia positiva em Portugal não é uma doutrina popular, como de certo o não é nem mesmo em França. Esta philosophia, porém, tem n'aquelle paiz uma eschola fundada, quer dizer, tem órgãos importantes de vulgarisação e adeptos ardentes, que não só a propagam mas a ampliam cada vez mais, já pelo combate das concepções que lhe são antagonicas (parte critica), já pelo estabelecimento de sabias monographias ácerca dos objectos que a sciencia successivamente lhe fornece (parte dogmatica ou doutrinal). Na Inglaterra, na Allemanha e na Italia, a philosophia positiva tem tambem numerosos partidarios; e o seu methodo serve de base não só a muitos escriptos, mas a novas vistas sobre a educação, a moral e a instrucção.

Posto que esta philosophia não tenha até hoje attingido o seio mesmo das instituições e dos costumes; posto que ella não tenha descido do limitado ambito de uma parte das classes illustradas (e é n'este sentido que me parece não ser ella ainda hoje uma philosophia popular) o positivismo comtudo, continuador das tradições reformadoras do saber humano começadas no seculo XVI, protector de todas as liberdades, tendo adoptado um criterio seguro na investigação das verdades objectivas e accessiveis ao alcance limitado das nossas faculdades, e sobretudo impulsor do verdadeiro progresso humano, — o positivismo eleva n'este seculo um edificio novo ácerca da constituição da sociedade, e portanto do seu objectivo e do seu fim, o qual não tem precedentes nos annos da historia. Como tal, é o complemento da philosophia franceza do seculo XVIII, a qual tivera antes por fim destruir todos os velhos prejuizos e todas as velhas tyrannias, do que edificar sobre novas bases uma constituição differente da anterior. Demolir e edificar

não pôde fazer-se simultaneamente. O seculo xviii destruiu; o seculo xix reconstitue.

Terá a philosophia positiva em Portugal, na actualidade, a mesma importancia que tem lá fóra? Não duvidamos de o afirmar. Se ella parece entre nós menos conhecida, porque a nossa sociedade restricta em numero não pôde produzir tantos escriptos como os que a apregôam no estrangeiro, é certo que esta philosophia, pela sua indole propria, não é ignorada por muitos professores das escholas superiores do paiz e por algumas outras pessoas, cuja educação scientifica foi propria para lhes adequar o espirito á comprehensão do seu methodo, das suas doutrinas e das consequencias que d'ellas derivam. Todavia ha em Portugal, como em toda a parte, um maior numero de pessoas, mesmo illustradas, cujo saber ou foi bebido nos systemas philosophicos do seculo passado, ou na metaphysica e na theologia, ou na eschola historica auctoritaria, pessoas que apenas conhecem de nome a philosophia positiva. A falta dos conhecimentos fundamentaes das mathematicas, da physica, da chimica ou da biologia fecha-lhes o ingresso n'esta eschola, e só lhes permite que a apreciem pelos commentadores seus adversarios, os quaes a alcunham de atheismo ou a consideram um estreito e frio empirismo fundado nos factos do mundo real. Para este grupo o positivismo não passa de uma curiosidade; o que o não impede de se julgar muito bem instruido sobre todas as suas partes, e bastante apto para o discutir e até para o depreciar.

O livro do sr. Theophilo Braga, considerado como synthese da philosophia positiva, e destinado pelo auctor a propagal-a entre nós, não podia apparecer em melhor terreno nem ter mais adequada oportunidade. Torua-se cada vez mais necessario divulgar os verdadeiros principios d'aquella philosophia, não só para transmittir á nossa sociedade o ar sadio e rejuvenescente com que ella avigora as modernas gerações; mas para evitar, ensinando, as disputas estereis e fastidiosas que esses adversarios, que a não conhecem, estão todos os dias provocando a proposito de qualquer assumpto que um escriptor não theologo queira tractar. Lemos, portanto, com anciedade o livro do sr. Braga. A sua leitura foi-nos despertando pagina a pagina a vontade de anotarmos as impressões que nos ia causando; e finda que ella foi, achámos que não seria inconveniente, e que talvez fosse um dever,

publicar, se não todas (o que seria bem longo) ao menos as capitaes observações e idéas que ella fez surgir.

Para que nos tornemos claros digâmos desde já qual o espirito das notas que resumimos aqui. O livro do sr. Braga desperta as seguintes questões : — 1.^a qual é a situação da philosophia positiva perante a sciencia actual? 2.^a como encara o auctor esta questão e como a resolve? Estes dois pontos são bastante comprehensivos e por isso exigem da nossa parte explicações. E n'esta averiguação irá manifesto, n'aquillo que depender da opinião, o modo como encarámos o que ahí ha de facultativo.

As apreciações geraes, as considerações hypotheticas, os aspectos diversos que uma synthese póde apresentar é que constituem esta parte. — Aquillo que é puramente doutrinal na sciencia, quer esteja definitivamente demonstrado, quer tenha de ser exactamente referido como trabalho de um escriptor, isso não póde ser visto de diverso modo por mim ou pelo auctor; quer dizer, se entre nós não houver concordancia, um de nós erra necessariamente. Examinando, pois, debaixo d'este duplo aspecto aquellas questões, julgo habilitar o leitor para apreciar as minhas idéas pelas do sr. Braga, e as d'este auctor pelas minhas. É reciproco; é justo.

I

Acerca de alguns pontos de philosophia positiva

A situação presente do positivismo é incontestavelmente diversa d'aquella em que se achava em 1840. Afferido sómente pela obra de Augusto Comte, este systema apresenta um aspecto bastante differente do que lhe dão já hoje os progressos do saber humano. Para o demonstrarmos precisa saber-se — o que deve entender-se por philosophia positiva? Quaes as suas bases, o seu methodo e o seu conjuncto? Este conjuncto, isto é, a synthese philosophica dentro de que limites se encerra? E portanto, qual a natureza das suas hypotheses e das suas theorias?

Eis o que qualquer perguntará a si proprio, primeiro que tra-

cte de averiguar se as asserções de um auctor são ou não conformes com o systema que hoje se appellida *philosophia positiva*.

Definição. — A. Comte declara terminantemente que a *philosophia positiva* não é uma tentativa de explicação universal, mas sim uma systematisação dos conhecimentos humanos (1). Esta declaração importa as seguintes consequencias: — 1.^a as construcções ideaes e subjectivas que pretendem reduzir o universo á unidade de um systema ou de um princípio, extrahindo d'elle por deducção tudo o que é objecto da observação, isto é, a explicação do conhecido pelo desconhecido é incompativel com esta *philosophia*; 2.^a reciprocamente, os seus princípios são objectivos, isto é, positivos e reaes; as suas bases são todas as sciencias actuaes; o seu methodo é o *inductivo*, quer dizer, o que dos factos scientificos fórma as leis, as theorias e as hypotheses geraes; 3.^a a esphera da *philosophia positiva* não ultrapassa o que póde saber-se com rigor, e cresce successivamente com o augmento de cada sciencia em particular, tornando-se por isso estavel nas suas fontes e progressiva na sua comprehensão.

O sr. Littré define assim a *philosophia positiva* — a concepção do mundo tal como ella resulta do conjuncto systematisado das sciencias positivas, isto é, a systematisação total da *philosophia* particular das sciencias. A *philosophia* de uma sciencia é a sua concepção apoiada na coordenação dos factos geraes ou verdades fundamentaes do seu dominio (2). Esta palavra *philosophia* tem, portanto, no systema positivista duas accepções: 1.^a a de synthese e coordenação geral de todas as sciencias (*philosophia positiva* propriamente dita); 2.^a a de synthese e coordenação de cada uma das sciencias fundamentaes (*philosophia especial* ou *scientific*). Ha tantos ramos da *philosophia especial*, quantas são as sciencias fundamentaes.

Para comprehender o que seja o positivismo, como geralmente succede com todas as cousas, não basta dizer sómente o que elle é; torna-se de extrema utilidade dizer tambem o que elle não é. Tomando alguns exemplos daremos idéa d'isto.

A aurora da *philosophia moderna* despontou por uma scisão na

(1) *Cours de ph. pos.*, 1869, T. I, pag. 44.

(2) *Auguste Comte et Stuart Mill* par É. Littré, 1867, pag. 9.

escholastica medieval — a separação entre o objecto da philosophia e o da theologia, até ahí intimamente reunidos. Scot Erigenes, Santo Anselmo, Abélard, S. Thomaz, Duns Scot são os representantes da theo-philosophia; Descartes e Leibnitz são os principaes corifeus da reforma da metaphysica.

Em Descartes a philosophia scientifica e a metaphysica só se reu-nem por um laço — o methodo. E qual é elle? O que Pascal defen-deu tambem — o methodo geometrico. Em que consiste este methodo? Em extrahir *deductivamente* de poucos principios axiomaticos as mais remotas consequencias do systema. A sua principal criação em cosmo-gonia foi a theoria dos turbilhões, de que adiante fallaremos; a prin-cipal base da sua metaphysica era o dualismo substancial, — a incom-patibilidade essencial entre a alma e o corpo. Eis aqui duas cousas *irreductiveis* para Descartes, usando da expressão do sr. Littre: duas cousas complexas a ponto de ser necessario tomal-as como taes e renunciar ao conhecimento das suas relações. A eschola carteziana, achando o absurdo na incontestavel influencia da alma e do corpo, por ser uma questão de facto e de observação quotidiana, quiz recompôr o systema e produziu a *assistencia occasional* de Mallebranche. A *observação interna* era para Descartes a unica base de conhecimento ácerca do mundo moral. Tal era a innovação que o cartezianismo introduzia na escholastica, libertando-a do theologismo. Esta observação dava os axio-mas e os axiomas produziam o systema. Eis a philosophia de Descartes. — A philosophia positiva é inteiramente opposta á eschola carteziana, nas bases, no methodo e no conjuncto. *Credo ut intelligam*, era a divisa da escholastica; *dubito ut intelligam*, era a do cartezianismo; *observo ut sciam*, é a da philosophia positiva.

Digamos agora de Leibnitz. Para este philosopho o dualismo car-teziano é rude. O principio da duvida carteziana é aqui transformado no da *razão sufficiente*. A essencia dos corpos não é a extensão e sim a *força* que n'elles actua. Um corpo duro é a expansão da dureza, um corpo branco é uma expansão da brancura. Mas a força, em si, é uma cousa insensivel e immaterial. Logo a materia é, na essencia, immate-rial; famosa consequencia! A monadologia de Leibnitz sahiu do seu cerebro armada para fornecer aquella razão sufficiente em todas as cir-cumstancias. Annullado um dos termos do dualismo irreductivel de Descartes, as difficuldades que haviam atormentado a eschola carte-

ziana cessam. A monada tem em si, inconscientemente, a idéa que tende a realizar. Ha tantas monadas, ou forças simples e primitivas, quantas são as cousas. A monada é o *principium distinctionis*. Nem é um ponto physico, nem é um ponto mathematico: é um ponto *meta-physico*! O systema occasionalista transfigura-se na *harmonia preestabelecida*, concerto feito entre o homem e a sua monada pelo relojoeiro eterno. Escolho em que sossobrou esta philosophia, como a de Descartes no dualismo physico-moral e no automatismo dos animaes.

Ora a philosophia positiva ensina: 1.º que o seu principio é a observação e a experiencia, 2.º que o seu criterio não é uma *evidencia ficticia*, nem uma *duvida cautelosa*, nem uma *razão sufficiente*, nem uma *fé viva* — é apenas essa mesma experiencia, comprovada e verificada mil vezes, realisada como cousa *accessivel* para todos e *constante* para todos, expressão emfim de uma relação *invariavel* entre o sujeito que conhece e o objecto conhecido, realidade *verdadeira e unica*, por nunca ser desmentida e por ser essencialmente conforme com a nossa constituição intellectual. Na philosophia positiva, diz o sr. Littré, não reinam vontades, como na escolastica, mas *leis*; d'ella são banidas as idéas *necessarias* da antiga metaphysica; n'ella tudo emana da experiencia e reverte á experiencia. Uma experiencia verifica-se por intuição. Uma indução ou uma dedução verificam-se pela experiencia, isto é, pela intuição. A certeza scientifica é, portanto, sempre e em toda a parte uma certeza de intuição. 3.º O seu methodo não é a dedução extrahida nem de Deus, nem de principios da razão, nem de axiomas fundados na observação psychica directa (observação cujos resultados são arbitrarios ou falsos); é a indução dos factos reaes e das leis que regem estes factos. 4.º O seu fim é a coordenação systematica de tudo que é conhecido ou do que é susceptivel de o ser, pondo de parte tudo o que está fóra d'esta esphera, sem que o positivismo se importe de o afirmar ou de o negar.

O positivismo tambem não acceta as construcções da segunda idade da metaphysica moderna — a idade da critica ou do intellectualismo — não porque deixe de ter de commum com as escholas d'esta epocha alguns principios, visto que ellas representam justamente os estadios da evolução intellectual que chega até ao presente; mas porque considera esses systemas, incompletos na sua construcção, como uma reunião de falso e verdadeiro, mistura de realismo e de meta-

physismo. A philosophia positiva é o extracto purificado d'essas preparações passadas, as quaes foram para o cerebro das gerações dos seculos xvii e xviii, o que a educação é para o cerebro do individuo. Por isso não é *sensualista* á maneira de Locke; nem *idealista* ao modo de Berkeley; nem *eclecticamente empirista* como Hume; nem *transcendentalista* e *teleologica* pelo modelo de Kant; nem adopta as varias noções do *absoluto* e da *cousa em si* como Fichte, Schelling e Hegel; nem admite a *metaphysica experimental* de Schopenhauer. A eschola de Kant, pretendendo fugir dos extremos de Locke e Berkeley e estabelecer-se em melhor terreno, estragou, a nosso ver, o que havia de bom n'um e n'outro. — A philosophia positiva regeita o *absoluto* porque ensina que todos os nossos conhecimentos são *relativos*; não admite um antecedente universal, quer elle exprima uma cousa que se diz saber-se sem se conhecer, quer signifique a *finalidade*, essa doutrina dos factos ordenados á vista de um fim preconcebido; exclue do seu dominio o *incognoscivel*, esse poder, segundo o sr. Herbert Spencer, d'onde emana o universo; proscree totalmente as intervenções extraordinarias, para apreciar apenas as condições da existencia e as variações da phenomenalidade; bane a *origem primitiva* das cousas, longinqua, tenebrosa, occulta no véo do mysterio, insusceptivel de criterio e refractaria á apprehensão intellectual; declara *desconhecida* essa origem e estabelece a solidariedade dos acontecimentos e das cousas por uma lei demonstrada na historia, na astronomia, na physica, na chimica e na biologia — a *lei da evolução*. Eis aqui o que é e o que não é a philosophia positiva.

Bases, methodo e conjuncto. — O methodo e o conjuncto da philosophia positiva já ficam em parte enunciados, porque ressaltam naturalmente da definição. Reforcemos, comtudo, estas idéas.

O methodo positivo conhece-se melhor estudando-o nos factos, do que dizendo o que elle é. N'isto se distingue elle essencialmente dos methodos e criterios das escholas passadas, mais reaes nas descripções e nos debates do que nas applicações; gigantes nas palavras e nas exposições didacticas, pigmeus na obra e nos resultados; fortes como argucia, fracos como instrumento. O que é o methodo positivo está dito. Qual a sua fecundidade, as suas multiplas fôrmas, a sua prodigiosa extensão, os seus resultados maravilhosos e seguros — só se pôde aprender isto nas sciencias particulares vendo-o na obra, pondo-o em pratica, já no estudo de um simples factó, na descoberta de uma lei,

na formação de uma *theoria*, já na organização de uma *hypothese* geral.

O conhecimento exacto de um *facto* exige altissimos recursos de intelligencia e de imaginação para que seja observado ou para que seja reproduzido. É preciso examinar todas as condições da sua produção, determinar todas as influencias que essas condições têm sobre elle, e portanto descobrir como se manifestam as variações phenomenaes d'esse mesmo *facto*; achar assim o que elle tem de característico, quer dizer, de distincto com os diversos e de analogo com os semelhantes, etc. Quanto á *lei*, o methodo experimental só a extrahê das variações que se sujeitam a uma relação constante, e acha os valores que devem ter as variáveis para produzirem os differentes aspectos phenomenaes; quanto á *theoria*, reúne todos os factos semelhantes, analogos, proximos, accordes, e partindo das suas definições e das suas leis descobre a causa provavel do conjuncto, quer dizer, o antecedente immediato que determina a relação das leis e as fixa na memoria como um fasciculo cujas affinidades são conhecidas; quanto ás *hypotheses*, congloba as leis geraes de uma sciencia e faz para estas o que fez para os factos. Eis como se fazem as leis e as *hypotheses* scientificas ou positivas.

Uma observação que talvez não seja desnecessaria. Não se confunda *facto* e *phenomeno*. São *factos*—as revoluções dos planetas, a rotação e a translação da terra, os vulcões e tremores de terra, as estações, as marés, os levantamentos e abaixamentos dos continentes, a oscillação do pendulo, o desperdicio da electricidade na athmosphera, o magnetismo terrestre, a produção do ozone, a reacção dos acidos sobre as bases, a dissociação dos vapores, a contractilidade muscular, a irritabilidade nervosa, a sanguificação, a hereditariedade, a selecção natural, a variabilidade das especies, as relações do cerebro e das sensações, a consciencia, a solidariedade do ente e do meio, as transformações organicas e sociaes, as revoluções historicas, a constituição e a dissolução dos imperios, enfim o progresso social. São *phenomenos* os differentes aspectos de cada um d'estes factos na infinita variedade dos casos particulares.

O conjuncto da philosophia positiva cifra-se na sua systematisação, a qual lhe dá *actualmente* limites determinados, mas que não são fixos em virtude do alargamento successivo da esphera scientifica. O trabalho quotidiano e a investigação humana vão calcando as suas

barreiras sobre o desconhecido, e augmentam o recinto allumiado pelo pharol da experiencia. Essas barreiras terminam hoje mais longe do centro, quer dizer do simples conhecimento do facto, do que hontem; amanhã irão mais além do que hoje. São um campo fechado, fortificado pela realidade, defendido pela razão, dentro do qual tudo é amplamente illuminado, fóra do qual começa a penumbra das cousas indecisas e para além do qual se estende a obscuridade das cousas desconhecidas. As leis formam circulos concentricos em volta dos factos, as theorias em volta das leis, as hypotheses em volta das theorias. A hypothese toca as raias do systema, mas conserva-se dentro dos limites logicos das consequencias legitimas e fundadas, sem penetrar na esphera da penumbra. São ellas que luctam constantemente com as trevas do desconhecido, e muitas vezes só alcançam victoria sobre elle á custa de si proprias. Não é o desconhecido que vem revelar-se por si, é a laboriosa exploração scientifica que descobre um novo facto: succede então que a velha hypothese incompativel cahe, a serie reconstitue-se para abranger esse facto, e a nova hypothese vae plantar o seu campo além da anterior, mais rica e mais vasta do que ella, porque é mais comprehensiva. Eis o ambito da philosophia positiva.

Agora as suas bases. Recordemos a definição e veremos que, sem o conhecimento das sciencias geraes ou fundamentaes e portanto da synthese ou philosophia propria de cada uma, é impossivel a constituição do corpo total, da philosophia geral. D'aqui a necessidade de uma classificação das sciencias fundamentaes, fundada sobre os principios expostos, — subindo das cousas que são mais simples, isto é, relativas a factos mais geraes, constantes e independentes de condições especiaes, até ás mais complexas, isto é, relativas a factos particulares, variaveis e por tanto dependentes de um maior numero de condições. Servimo-nos da nomenclatura de A. Comte. Por isso o fundador do positivismo classificou as sciencias fundamentaes na seguinte serie: mathematica, astronomia, physica, chimica, biologia, sociologia. A justificação e demonstração completa d'esta classificação não a podemos reduzir aqui; expomos apenas os principios. Lê-se na segunda licção do *Curso de philosophia positiva* de A. Comte.

Seria esta ordem de complexidade crescente, a lei que dominou o desenvolvimento scientifico, mental e historico da humanidade? A. Comte tractou de o verificar especialmente pela evolução historica, e

achou que esta lei era exacta, manifestando tres pontos capitaes, tres visos culminantes, tres *estados*, como elle lhes chama, os quaes lhe dão um caracter particular. Tal foi a origem da lei dos tres estados — theologico, metaphysico, positivo. Estas são as bases da philosophia positiva, as quaes devem ser inabalaveis *na sua essencia* para que esta philosophia permaneça; e que arrastarão na sua quêda o edificio todo, se ellas forem demonstradas falsas. — É por isso que os mais rudes ataques contra o positivismo têm sido dirigidos contra a lei dos tres estados ou contra a classificação das sciencias. Referimo-nos aos ataques serios, dirigidos por aquelles que têm um modo diferente de considerar o mundo e o homem, e não aos arremessos frouxos e absurdos que lhe têm sido vibrados em nome do espiritalismo, da metaphysica do absoluto e das causas finaes, ou da religião. Estas investidas não valem nada, e não merecem ser já agora discutidas.

Algumas observações são precisas a proposito da lei dos tres estados. Diz o sr. Littré que ella é completamente exacta quanto á evolução scientifica, tomando cada sciencia no periodo em que ella se constituiu *positivamente*, e não na epocha do seu apparecimento ou dos seus primeiros ensaios. As epochas de positividade das sciencias fundamentaes são as seguintes: para a astronomia depois da Eschola de Alexandria, para a physica depois de Galileu, para a chimica depois de Lavoisier, para a biologia depois de Bichat, para a sociologia depois de A. Comte (1).

O sr. Huxley combateu a lei pelo que respeita á evolução intellectual do individuo e da especie, dizendo que na infancia, em que nada mais é possivel fazer de que recolher sensações e comparal-as, parece dar-se realmente um estado positivo e não o estado theologico; e acrescentando que para a especie não foram certamente theologicas as concepções humanas no primitivo periodo de barbarie, quando ao contrario são eminentemente realistas ou anthropomorphicas. — Pelo que toca á evolução mental do individuo, supponho que o sr. Huxley applicou mal a lei. Não se tracta da apreciação ou conhecimento individual dos factos, que evidentemente se não faz senão pela accumulção e comparação das excitações sensoriaes; e sim das phases porque passa o estado mental na sua evolução successiva. A lei não representa nos

(1) *La Science au point de vue philosophique*, préface.

seus estados, como já disse, outra cousa senão tres pontos eminentes e capitaes da evolução total. Ora é incontestavel que a *compreensão* dos factos segundo a logica infantil, a da adolescencia e a da idade madura é analoga, a mais não poder ser, á mesma compreensão manifestada pela collectividade social, nos costumes, nas instituições civis e na religião, desde o seu periodo de barbarie até á sua florescencia consciente, quer dizer, positiva. É n'este sentido que o estado barbaro se diz com verdade a infancia das sociedades. E se n'estas nada ha mais proprio para caracterisar os seus estados como as concepções religiosas, ás quaes andaram por muito tempo reunidas a philosophia, a moral, e a constituição social: é tambem certo que o fetichismo, o polytheismo e o monotheismo representam n'esta ordem de concepções os *espíritos occultos*, as *creações anthropomorphicas* e a *unidade causal*, como os estados theologico, methaphysico e positivo representam o predominio da *vontade*, o predominio da *causa* e o predominio do *facto*. Ora são estes realmente os estados de transição de cada espirito, se se deu ao trabalho de reunir os materiaes da sua educação, e de examinar os estadios diversos por que passou: na infancia reducção de tudo a uma acção sobrenatural, na adolescencia a um racionalismo nascente, na virilidade ao conhecimento das cousas e dos meios de obter esse conhecimento. Na vida pratica, quer na evolução dos sentimentos quer na evolução moral, dá-se o mesmo.

No dominio da historia a lei não deve ser applicada simultaneamente á humanidade inteira, e sim a cada povo, a cada nação, ou ao conjuncto de nações que se acharam relacionadas por interesses communs e cuja marcha portanto se tornou homogenea. A civilização da Europa, por exemplo, tende para o estado positivo (que ainda não está realisado nas instituições) em quanto a India, a China e o Egypto jazem n'um estado anterior. A lei da evolução ou do progresso, na sequencia dos tres estados, póde ser retardada: e não é forçoso que ella caminhe *pari passu* em toda a terra. Seria isto até incomprehensivel, porque as circumstancias são muitissimo diversas não só no espaço mas no tempo — quanto ao meio e quanto aos successos.

Ainda mais: o mesmo povo póde, por modificações politicas e commoções sociaes, soffrer um retrocesso na ordem da sua evolução, assim como soffreu um estacionamento. A lei da evolução é uma resultante de todas as acções progressivas particulares, e não a repre-

sentação de um facto simples e unico que varie de um modo continuo. É portanto muito complexa. A Europa, por exemplo, que havia attingido na Grecia e em Roma um verdadeiro estado metaphysico, parece ter revertido ao estado theologico depois da reforma christã; bem como a reforma protestante ou o grande schisma do occidente deu um forte impulso ao estado positivo. Um *estado* só se revela com as suas características nos costumes, nas instituições e nas sciencias, depois que foi inteiramente preparado pelo estado anterior. É assim que a theologia patristica entre S. Agostinho e S. Anselmo preparou o apparecimento definitivo do estado methaphysico, fazendo rejuvenescer a philosophia grega e confeccionando a escolastica de platonismo de aristotelismo, e de christianismo. Bacon, Descartes, Newton, Galileu e os encyclopedistas, impulsionando a philosophia natural e destruindo o theospiritualismo prepararam definitivamente o estado positivo.

Já se vê que, em cada um d'estes estados, coexistem os restos do anterior e formam-se os elementos do seguinte. De mais, o estado theologico, que suppõe uma philosophia, uma synthese mental impropria dos tempos primitivos e da constituição militar dos povos, — aquelle *estado* é necessariamente precedido pelo periodo da anthese historica, ou periodo das artes das lettras e do começo das industrias; este é precedido pelo periodo heroico, caracterizado pela historia mythologica; e este ultimo finalmente pelo periodo de trogloditismo, chamado tambem periodo ante-historico. Eis aqui um diagramma destinado a fazer comprehender esta idêa, no qual estão indicados para a Europa occidental, a epocha em que ella passou pelos diversos *estados*.

		Urbe condita		Seculo I		Seculo VI		Seculo XIII		Seculo XIX	
		Trogloditismo		Periodo heroico		Periodo verdadeiramente historico		Estado theologico		Estado methaphysico	
Tempos primitivos (tribus nomadas)	Constituição rudimentar das sociedades	Periodo marcial	Historia mythologica	Desenvolvimento da agricultura (k. pastoral.)	Desenvolvimento da sociedade civil, artes, lettras, etc.	Estabelecimento	Degenerescencia	Estabelecimento	Degenerescencia	Estabelecimento	Transição para o estado positivo
		Feticchismo		Polytheismo		Monotheismo		Transição para o estado metaphysico		Transição para o estado positivo	

Este diagramma não é, sem duvida, definitivo, e talvez seja falso. Apresento-o como hoje o concebo. Attenda-se a que nos periodos de transição acham-se sempre dois estados em lucta — um que se esvae, outro que cresce. Esta sobreposição parece-me real e em harmonia com os dados historicos, nos quaes não ha divisões terminantes e claras, como nas nossas classificações artificiaes. Dá-se aqui o que se observa nas classificações seriaes da sciencia, onde os termos proximos conservam muitos caracteres e propriedades communs, o que torna difficil a distincção. As separações e antinomias convencionaes não se encontram nem na serie historica, nem nas series da chimica, nem nas forças naturaes da physica, nem nos tres reinos da natureza, nem nos grupos particulares de cada um d'estes reinos. Tudo se encadeia de um modo inextricavel; e se as lacunas apparecem, o preenchimento successivo d'ellas, o qual se tem effectuado nos ultimos trinta annos nas sciencias naturaes, comprova todos os dias a realidade d'esta concepção.

Uma derradeira observação sobre a lei da evolução. Se quizessemos dar-lhe uma representação geometrica figurando-a por uma linha referida a dois eixos coordenados, e suppondo que as ordenadas representam as variações progressivas e as abcissas o tempo decorrido, — não seria uma linha recta que satisfaria á definição d'esta lei, e sim uma curva que a partir da origem apresente ora pontos singulares, (retrocessos transitorios da evolução), ora partes rectilineas e parallelas á linha das abcissas (periodos de estacionamento), ora partes rectilineas ou onduladas ascendentes (periodos de progresso). A recta tirada entre a origem e a extremidade da ordenada actual representa apenas a concepção ideal da lei do progresso, e se se quizer, a sua ultima resultante, aquella que se faz sentir nos periodos assignalados da historia, tendo em vista apenas os pontos extremos, e tomando dos intermediarios os da curva da evolução real que se acham no logar geometrico d'esta recta. Este modo de conceber a lei da evolução pôde facilmente figurar-se por uma construcção. Muitas são as linhas que satisfazem áquellas condições, excluindo, porém, a recta. Isto significa que a ordem do progresso é particular para cada povo, para cada nação ou para cada raça segundo as mil circumstancias perturbadoras das suas tendencias, das transmissões hereditarias, do meio physico e do clima, do meio social e das commoções politicas, das luctas civis e religiosas, das virtudes, dos vicios, das paixões, etc.

Hypotheses positivas. — Dizer quaes são as hypotheses scientificas que actualmente se acham no estado de positividade, segundo a doutrina da eschola, e quaes as que tendem para esse estado, é resumir a situação actual da philosophia positiva perante a sciencia. Um tal objecto só pôde ser tractado convenientemente n'um livro, que não em um modesto e limitado artigo. Posso comtudo reduzir-me aos pontos capitaes, resumindo egualmente as minhas considerações. É isso que intento, talvez que em favor de um resultado que sempre me preoccupa (embora ignore se o consigo) — a clareza. Passarei a fallar d'este assumpto no seguinte capitulo.

(Continúa)

C. B.

CONFERENCIA DO SR. GASTÃO MESNIER

NA

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

Assisti, em a noite de 10 de fevereiro, á conferencia que o sr. Pedro Gastão Mesnier realisou no salão da Sociedade de Geographia. *Continentes perdidos* — foi o thema escolhido pelo illustre conferente.

A sala é espaçosa, bastante illuminada, e convenientemente preparada para trabalhos d'esta ordem. Presidia o illustre professor da Eschola Polytechnica, o sr. dr. Boccage, com os dois secretarios e incansaveis membros d'esta sociedade, os srs. Luciano Cordeiro e Affonso Pequito. Assistiu o ministro da marinha, o sr. Thomaz Ribeiro. A casa estava cheia de espectadores, entre os quaes reconheci muitas illustrações da nossa imprensa, academias e magistratura.

Trocadas algumas palavras de mutuo cumprimento entre o illustrado presidente e o nobre e sympathico ministro, o sr. Mesnier deu começo ao seu trabalho, que durou quasi uma hora. O seu rumo foi approximadamente o seguinte: — Procurou mostrar que todos os factos do movimento estão sujeitos á lei do *rythmo*, a qual o conferente julga

ter sido apresentada, pela primeira vez, por Herbert Spencer. Consiste esta lei na oscillação d'um phenomeno determinado entre valores definidos, os quaes se obtem pela analyse do mesmo phenomeno. Como exemplo da lei referiu-se á variação da temperatura á superficie da terra, em consequencia dos dois movimentos do planeta; e indicou como essa variação estava sujeita a um duplo rythmo, determinado pelas variações thermicas do dia e da noite, e pelas mudanças das estações.

Em seguida procurou mostrar que a esta mesma lei está sujeito o aquecimento da terra, nas diversas latitudes. Aceitando a velha explicação do transporte das pedras erraticas pelo movimento dos gelos, pareceu-lhe que esse facto era bastante para presumir que a terra, na sua longa idade, tem passado por periodos alternados de aquecimento e resfriamento, que umas vezes produziram correntes liquidas, outras vezes accumulações de gelos. Aceitando o facto, e considerando que na propria terra se não encontra a causa d'elle, recorreu ás acções dos corpos celestes, onde julgou descobri-la. Da combinação das variações periodicas da excentricidade da orbita da terra com os factos da nutação e da precessão dos equinoccios, e ainda das leis do aquecimento pelo sol, disse o conferente se deduzia — *que cada um dos hemispherios terrestres está sujeito á periodicidade de aquecimento e resfriamento em intervallos de tempo immensamente grandes.*

Disse mais que, estando actualmente o hemispherio do norte no periodo de aquecimento que coincide com o arrefecimento do hemispherio austral, deve resultar que o centro de gravidade da terra está fóra do equador, do lado sul, tendo como consequencia um movimento das aguas n'este mesmo sentido.

Assim, julgou cabalmente explicado o facto da accumulação actual da parte liquida no sul, deixando a descoberto os continentes ao norte.

Alludiu ao facto de terem todas as peninsulas a fórmula pyramidal, com o vertice voltado para o sul, o que o conferente julga ser mais uma prova do dito movimento das aguas.

Referindo-se mais uma vez á lei do rythmo lembrou que, no futuro, a disposição das terras e dos mares será opposta á actual, e os continentes austraes voltarão os seus vertices para o norte.

Terminou por explicar, segundo esta theoria, o desapparecimento

do continente que se suppõe ter ligado, em tempos remotos, a costa oriental da Australia e a grande região da Polynesia com a costa meridional e occidental da America. Os recifes de coral, n'esta grande região do Pacifico, e a sua fôrma annular, foram considerados pelo illustre conferente como a prova irrefragavel da existencia d'esse grande continente desaparecido. Partindo do principio de que as colonias coraliíferas apenas podem viver dentro de uma zona de algumas dezenas de metros a partir do nivel das aguas, e attendendo ao facto de terem estas colonias a sua base collocada muitas vezes á profundidade de bastantes kilometros, — só é explicavel esta dupla circumstancia admitindo que os primitivos coraes, nas epochas geologicas, assentaram as suas construcções na base mais ou menos circular de montanhas cujo vertice então emergia. Com o tempo, estes montes afundiram-se e os coraes construíram novos edificios por cima dos primeiros, sempre annulares, como o foram primitivamente os seus alicerces. O nucleo submergiu-se, e o revestimento das primeiras construcções conservou-se.

Pretendeu ainda explicar a existencia do referido continente pelas tradições dos aborigenes da America do Sul, os quaes se suppõem oriundos de bandos capitaneados por um chefe, a que davam o mesmo nome que se encontra nas tradições do Japão. Assim entende que os indigenas da America foram os Japonezes. Depois referiu-se por alto á Atlantida, acreditando pouco na sua existencia, que apenas é mencionada por antigas lendas, ou por historiadores que tinham uma noção incompleta da extensão do mundo.

Estas foram as idéas expendidas pelo sr. Mesnier, salvando as contingencias da minha memoria.

O sr. Mesnier foi correcto e facil na exposição, e, por momentos, feliz no seu dizer. Pena é que o tempo lhe não permitisse desenvolver algumas idéas que apresentou, para que pudesse desfazer as duvidas que essas idéas originaram porventura no espirito dos seus ouvintes.

Emitir opinião conscienciosa sobre a conferencia do sr. Mesnier, não o posso eu fazer ao correr da penna, como estou escrevendo. Posso apenas fazer algumas resumidas considerações, como prova da attenção que me merece este trabalho.

A lei do *rythmo do movimento* exposta por Herbert Spenceer nos

— *Primeiros principios* não recebeu ainda a acceitação publica com o caracter de generalidade que o auctor lhe dá. A razão encontra-se facilmente. Spencer, por um exagerado proposito de systematisação, pretende agrupar debaixo do mesmo nome factos dynamicos essencialmente distinctos.

Primeiro, são os movimentos vibratorios e ondulatorios, que se chamam rythmicos pela sua oscillação elementar. Depois, são os movimentos periodicos, que ainda se consideram rythmicos porque os moveis retomam as mesmas posições, em tempos diversos. Por ultimo, são movimentos ideaes, simples representações de factos onde o caracter dynamico não é claramente definido. D'esta fórma, a significação do rythmo varia segundo os factos que se consideram; a lei perde, portanto, o seu caracter fundamental. Este vicio reflecte-se, como não podia deixar de ser, na pretendida explicação de Spencer. Suppondo que a circumstancia do rythmo provém do principio dynamico da conservação da força, faz applicação de similhante juizo ao caso particular das vibrações d'um diapasão, onde o principio é realmente verdadeiro, mas tão sómente para esta fórma particular do movimento. A conservação da força explica com a mesma clareza os movimentos celestes? O mesmo principio dá idêa do rythmo dos factos dynamicos vitaes, dos factos dynamicos das sociedades?

O sr. Mesnier tomou a lei simplesmente na parte em que considera os movimentos periodicos, e n'este caso, e com esta simples comprehensão, *rythmo* e *periodicidade* equivalem-se. A lei do rythmo é a lei da periodicidade, conhecida ha muito tempo na sciencia. Observou-se, em tempos diversos, que a essa lei se sujeitam muitos, muitissimos dos factos dynamicos, já do mundo physico, já do mundo psychico, já mesmo do mundo social. Que a ella, porém, se sujeitem *todos* os factos do movimento, é asseveração perigosa, e que, admittida, daria resultados inauditos em todas as ordens de concepções. Julgo-me dispensado de apresentar exemplo d'esta affirmativa.

Concluir do apparecimento das rochas erraticas entre camadas de sedimento, que ellas foram transportadas pelos gelos fundidos, quando mesmo isto se faça com o fim de provar a periodicidade do arrefecimento e aquecimento da terra, tambem não é completamente logico, pelo simples motivo de que se conhecem outras explicações, igualmente

fundadas. Lembra-me de ver, no primeiro volume do *Cosmos*, expressa por Alexandre de Humboldt a opinião de que estes transportes das rochas erraticas são antes o producto da quêda impetuosa das aguas, conservadas por muito tempo em reservatórios naturaes, e precipitadas em consequencia de levantamentos de montanhas. Humboldt cita a este proposito Léopold de Buch, nas *Memorias da Academia de Berlin*, 1814-1815, pag. 161, e nos *Annaes de Poggendorff*, tomo IX, pag. 575; Élie de Beaumont, nos *Annaes das Sciencias naturaes*, tomo XIX, pag. 60. Não é, portanto, uma opinião isolada a de Humboldt; e que o fosse, era muito, mórmente quando se trata de preterir a mais antiga idéa do transporte pelo degelo.

Mas tenho tambem idéa, mais recente, d'outras explicações. As rochas erraticas podem ter apparecido nos terrenos sedimentares, em consequencia de erupções effectuadas através d'esses terrenos, partindo d'outros inferiores a que ellas pertençam. Creio que nada, *á priori*, elimina esta hypothése.

Ainda de mais recente data é uma quasi revolução nas theorias geologicas, operada pela moderna concepção do metamorphismo. Notaveis escavações feitas em diversos logares, no Canadá por exemplo, põem fóra de duvida que os terrenos sedimentares podem soffrer com o tempo uma acção particular, que os torna crystallinos. Effectivamente, terrenos d'esta natureza possuem uma fauna e flora fosseis, que testemunham o seu primitivo estado sedimentar. Factos analogos de metamorphismo podem ser as causas, se não de todas, de muitas d'essas rochas.

Passou o sr. Mesnier da terra para o céu, procurando a explicação da supposta periodicidade thermica, concomitante do gelo e das suas grandes fusões, certo de que a terra por si só não possui a causa d'estes effeitos, mórmente hoje que a theoria do fogo central fugiu da sciencia; e attribuiu á acção do sol, e á influencia perturbadora dos outros corpos celestes, a supposta lei do aquecimento e resfriamento alternados dos hemispherios do nosso planeta. Aqui, no meu juizo, a questão toma altissimas proporções; e eu sou o primeiro que não comprehendendo qualquer explicação como cathorica. Dêmos como certa a affirmacão de que actualmente o hemispherio boreal está no seu periodo de aquecimento, coincidindo com o arrefecimento do outro hemisphe-

rio. D'ahi conclue-se a condensação da terra no sul, e a dilatação relativa do hemispherio do norte. O centro de gravidade da terra deve deslocar-se no sentido austral; mas, sendo essa deslocação muito pequena, as aguas seriam chamadas para o equador, afastando-se de ambos os pólos, e constituindo uma cinta liquida, cuja largura fosse symetrica com relação ao paralelo do centro de gravidade. Para concluir d'este facto isolado a disposição relativa das terras e dos mares, fôra preciso eliminar todas as outras causas que produzem effeitos eguaes e superiores, e a sua verificação só seria exacta, se a terra na sua parte solida fosse regular. Ainda n'este caso, o facto apontado apenas se devia verificar por uma accumulção de aguas nas proximidades do equador, mais estendida para o sul, e deixando a descoberto as regiões polares. Ora a geographia nega tal affirmção.

Para deduzir d'aqui o apparecimento e desaparecimento dos continentes, fôra ainda preciso eliminar os levantamentos e abaixamentos locais produzidos por acções internas da terra; fôra preciso eliminar a acção continua das aguas sobre os continentes, que têm produzido com o tempo profundas transformações physicas; fôra preciso, enfim, eliminar as acções luno-solares, que não só estabelecem os movimentos regulares das aguas, conhecidos com o nome de marés, mas além d'isso occasionam notaveis deslocações do centro de gravidade terrestre, independentes das variações thermicas.

Se bem que, no estudo das transformações da superficie do nosso planeta, não podemos eliminar as acções celestes, não é menos certo que, com igual titulo, não podemos collocar em segundo plano as acções locais e proprias da terra. Não ha duvida que a theoria do fogo central está cabalmente refutada, mas tambem não ha duvida que as acções dos agentes que residem no planeta são infinitamente consideraveis, embora a maior parte d'ellas venham indirectamente das acções celestes. As condicções physicas do aquecimento, unicas a que o illustre conferente se referiu, são simplesmente uma das forças do systema, immensamente variado, a que são devidos os factos geologicos.

A propria producção de gelos em epochas determinadas e a sua fusão, a alternancia d'estes dois factos oppostos, não são facilmente explicaveis pela acção periodica do aquecimento e resfriamento. Ao contrario, tem-se hoje como certo que o arrefecimento exigido para pro-

duzir os factos do periodo glaciario, e o calor preciso para as fusões de gelo seriam impossiveis, porque faltam os factos correlativos a estas temperaturas extremas. Como a producção do gelo é funcção da temperatura e da pressão, hoje tem-se geralmente como certo que taes factos só podem ser attribuidos a estas causas. E para pressões enormes, sendo precisas enormes temperaturas, operando grandissimas evaporações, cujas consequencias são o arrefecimento e a pressão — é á acção directa do calor e não do frio que se attribue tão notavel effeito. O sr. Tyndall, estudando o periodo glaciario, a formação e os movimentos das geleiras, sustenta com bons argumentos esta theoria.

O sr. Mesnier, referindo-se em particular ao continente da Polynesia, que julga ter desaparecido em consequencia da accumulacão das aguas na região austral, onde esteve situado, e referindo-se tambem á profundidade dos recifes de coral encontrados n'esta região, omittiu duas affirmacões indispensaveis. Em argumentos d'este genero, as affirmativas completam-se pela negação de todas as explicações oppostas á que se pretende sustentar. Para ser concludente, fôra preciso mostrar que, na parte interior d'estes recifes, a sonda mostra a existencia dos vertices das montanhas submergidas.

É claro que a montanha que foi revestida por construcções de coral, crescentes em altitude, não foi eliminada com a submersão, e a sondagem deve accusar, debaixo d'agua, as differenças de altura do vertice e da base, da parte interna e externa dos *atolls*. A verificacão d'este facto, que a logica exige para poder aceitar a presumida construcção dos recifes, não a deu Darwin, nem, que nos conste, viajante algum. Lyell, que substituiu de bom grado a sua theoria das formações coralíferas annulares, na qual as suppunha collocadas sobre bocas vulcanicas submergidas, aceitando com a mais sincera e leal convicção a doutrina que as observações de Darwin apoiavam, não recebeu ainda assim tão boa substituição senão á conta d'um aperfeicamento da referida theoria. A explicação não corre por absoluta; e é evidente que a razão principal d'isto vem da omissão que apontei.

Note-se, porém, que Darwin e Lyell, tiram do facto da existencia dos *atolls* n'esta região do Pacifico, com as fórmulas e circumstancias mencionadas, a sua theoria do abaixamento do continente. É mesmo na analyse d'este facto-principio da historia da terra, que ambos estudam semelhantes testemunhos geologicos.

Já se vê, pois, que o sr. Mesnier, ou tinha que receber e apresentar as conclusões d'estes dois sabios a *beneficio de inventario*, permitta-se a phrase, ou então procurar algum processo claro que, na variação do nivel das aguas d'esta região, excluísse a hypothese do abaixamento das terras, para optar pela elevação das aguas.

São estas, resumidamente, as considerações que me occorrem, as quaes por certo não escaparam ao illustre conferente, mas a que o tempo e a natureza do trabalho lhe não permittiram attendere.

Estas doutrinas são infinitamente controversas porque, apesar da actividade intellectual do nosso seculo, os factos que se referem á explicação da historia da terra, estão ainda envolvidos em muitas duvidas.

Julgámos, porém, ter dado ao illustre conferente um prova de que ouvimos com muita attenção e prazer esta grande afirmação do seu talento e da sua applicação ás sciencias naturaes.

A. Z.

GALILEU

ESBOÇO DA SUA VIDA E DESCOBERTAS

(Continuado do n.º 5, pag. 65)

V

A historia do segundo processo é ainda mais conhecida. Serviram de base á nova perseguição os celebres «*Dialogos*» onde Galileu punha em calorosa discussão tres personagens, Salviati, Salgredo e Simplicio, sobre a verdadeira constituição do mundo. N'este memoravel trabalho, Galileu colloca em vantajosa posição o defensor do heliocentrismo, esmagando com as mais concludentes provas o sectario da immobildade da Terra.

Em consequencia d'esta nova publicação, Galileu septuagenario e doentê foi intimado pela inquisição de Florença, em nome da Congregação do Santo Officio, a comparecer em Roma, e apresentar-se ao Padre Commissario d'aquella corporação.

O grão-duque da Toscana, protector e verdadeiro amigo do sabio, empregou todos os meios para abrandar as iras chammejantes de Roma, e o embaixador da sua côrte junto de Urbano VIII advogou com zêlo inexcedivel a justiça do velho retirado de Arcetri. Ainda hoje se conservam, nos archivos da bibliotheca de Florença, os originaes da celebre correspondencia que a este respeito se trocou entre a côrte do grão-duque e Francisco Niccolini embaixador da Toscana em Roma.

Em uma das suas cartas, Niccolini escreve o seguinte:—«Quando estavamos em conferencia appareceu o Papa. Vinha cheio de colera e disse-nos sem preambulos: «Pois que! O vosso Galileu ousou mais uma vez entrar onde não devia, nas mais graves como nas mais perigosas materias que podem ventilar-se n'estes tempos!» E pouco depois, acrescentou: «O Santo Officio não dá a ninguem aviso prévio. Não é esse o seu costume. Galileu sabe perfeitamente em que consistem as difficuldades, porque nós mesmo fallámos com elle a este respeito, e ouviu-as da nossa propria boca.»

De Urbano VIII nada se pôde alcançar, nem em nome da sua jurada amizade e consideração por Galileu, nem mesmo á força de instancias do grão-duque da Toscana, representado por Niccolini. Galileu foi severamente ameaçado se porventura não cumprisse a ordem do Santo Officio. Apenas a grande magnanimidade pontificia se assignalou por estas palavras de forçada concessão: «Pois bem! que elle venha *piano, piano*, em liteira e á sua vontade. Mas é forçoso que elle seja *examinado em pessoa.*»

Manifestada por tal arte a severidade de Roma, commandada por Sua Santidade Urbano VIII, pela mesma Santidade que se declarava pouco tempo antes o maior admirador da sciencia, genio e piedade do sabio, que dizia possuir as mesmas idéas que elle nas doutrinas astronomicas, que enfim fazia versos latinos em sua honra, e concedia uma prestação a seu filho, Galileu viu-se forçado a emprehender a sua custosa perigrinação, entrando em Roma a 43 de janeiro de 1633 e hospedando-se em casa do embaixador Niccolini, seu verdadeiro amigo e constante bemfeitor. No dia seguinte o ancião apresentou-se ao reve-

rendo Padre Commissario do Santo Officio e deu-se principio á segunda *analyse da sua pessoa*. Foi-lhe ordenado que se conservasse em casa de Niccolini, sem poder receber pessoa alguma nem apparecer ás janelas até nova ordem. Era uma perfeita clausura, mas relativamente agradável por que o velho doente era estremecido n'esta casa. Hoje exalta-se até ao setimo céu a generosidade pontificia de Urbano viii, porque fez tamanha concessão ao seu antigo amigo e camarada. Repare-se, porém, que nada foi feito por attenção a Galileu. Este rasgo papal alcançou-o a constante supplica do embaixador da Toscana, que por si, e em nome da sua côrte, envidou todos os meios de defeza e auxilio do sabio. Assim foi que, depois de repetidas audiencias e de instantes supplicas a Sua Santidade, Niccolini obteve a seguinte resposta terminante de Urbano viii, em 13 de março: — «Repito-vos que o menor procedimento que pôde haver para com o vosso protegido, é chamal-o ao palacio da inquisição, quando for opportuno *examinal-o*, porque é este o uso e não se pôde proceder d'outro modo. Que Deus lhe perdoe ter entrado n'estas doutrinas novas e nas da Santa Escri-tura, pois que é sempre melhor seguir a *doutrina commum* . . . Galileu foi meu amigo, muitas vezes conversámos familiarmente e comemos á mesma meza. Tenho por isso desgosto em o affligir; mas trata-se da religião e da fé!»

Terminou esta conferencia pela categorica determinação do Papa de que o sabio *seria examinado*, declarando ser preciso que se recolhesse ao palacio do Santo Officio, para ficar á disposição do tribunal.

Foram baldados todos os esforços do embaixador para conseguir maior clemencia. Niccolini relatou o pessimo estado physico do velho, que gemia constantemente, atacado pela gotta e pelas afflictivas apprehensões do seu julgamento. Pediu como ultimo favor a permissão de vir dormir a sua casa. Não o conseguiu. Galileu era prisioneiro do Santo Officio, no palacio da Inquisição, no dia 12 d'abril, concedendo-se-lhe, como derradeiro beneficio, que tivesse junto de si um creado, que recebesse alimentos mandados peia embaixada, e que sahisse dos seus aposentos para passear nos claustros do palacio, sempre guardado á vista por pessoa idonea. Os padecimentos do sabio aggravaram-se por tal fórma com a sua clausura no palacio da Inquisição, e com os dois primeiros interrogatorios, os quaes tiveram logar, durante esta clausura de dezenove dias, a 12 e 30 d'abril, que ás continuas instan-

cias protectoras de Niccolini se juntaram as do proprio Padre Fiscal, o qual mostrou por Galileu um vivo sentimento de compaixão. Todos estes esforços combinados alcançaram ao accusado a saida do palacio, voltando para casa de Niccolini no 1.º de maio, e ficando confiado á sua guarda até 21 de junho em que teve logar o 4.º e ultimo interrogatorio, o qual terminou pela celebre sentença que sellou esta pendencia notavel. Ahi vae na integra esta memoranda determinação:

SENTENÇA DE GALILEU

Nós:

Gaspar, titular de Santa Cruz de Jerusalem, Borgia; Frei Felix Centino, titular de Sant'Anastaso, d'Ascoli; Guido, titular de Santa Maria do Povo, Bentivoglio; Frei Didier Scaglia, titular de S. Carlos, de Cremona; Frei Antonio Barberini, de Santo Onofre;

Luiz Zacchia, titular de S. Pedro-dos-Laços, chamado de São Sixto;

Berlingero, titular de S. Agostinho, Gessio;

Fabricio de S. Lourenço do Pão;

Verospi, o Padre;

Francisco de S. Lourenço de Damasco, Barberini e Martinho de Santa Maria-a-Nova, Ginetti, diaconos;

Pela misericordia de Deus, cardeaes da Santa Egreja Romana e inquisidores geraes contra o crime de heresia na universalidade da republica christã, delegados em especial pela Santa Sé:

Attendendo a que tu Galileu, filho de Vicente Galileu de Florença, já defunto, com 70 annos de idade, foste denunciado em 1615 ao Santo Officio por teres como verdadeira uma falsa doutrina admittida por muita gente: que o sol é o centro do mundo e immovel e que a terra tem movimento diurno;

Attendendo a que tu tinhas muitos discipulos a quem ensinavas esta doutrina; *item*, que mantinhas a este respeito correspondencia com os mathematicos allemães; *item*, que publicaste umas cartas a respeito das manchas do sol, nas quaes expões tal doutrina como verdadeira, e que ás objecções da santa Escritura respondes interpretando-a ao teu sabor;

Attendendo a que mais tarde se recopiou um escrito, com fórma de carta, que se suppoz dirigido por ti a um teu discipulo, e em que se adotava a hypothese de Copernico e se achavam muitas proposições contrarias ao verdadeiro sentido e auctoridade dos livros sagrados;

Querendo o santo tribunal impedir os inconvenientes e damnos que

d'ahi provinham e se multiplicavam, em detrimento da santa fé, segundo a ordem de nosso Senhor e dos eminentissimos cardeaes d'esta suprema e universal Inquisição, os theologos qualificadores apreciaram as duas proposições sobre a estabilidade do sol e movimento da terra, do modo seguinte:

Que o sol é o centro do mundo e isento de todo o movimento no espaço, é uma proposição absurda e falsa em philosophia, e formalmente heretica como sendo expressamente contraria á Escritura Sagrada;

Que a terra não é o centro do mundo e fixa, mas que se move com movimento diurno, é uma proposição absurda e falsa em philosophia e theologicamente errada, pelo menos em materia de fé;

Attendendo a que nos convinha n'esse tempo proceder benignamente para contigo :

Foi decretado na santa Congregação de 25 de fevereiro de 1616, na presença do Senhor, que o eminentissimo cardeal Bellarmino te convidasse a abandonar esta falsa doutrina; e que, se recusasses, o commissario do Santo Officio te ordenasse abandonal-a, prohibindo-te de a ensinar, defender e estudar; e que, não te submettendo, fosses posto em prisão.

Em cumprimento d'este decreto, no dia seguinte, no palacio, ante o eminentissimo cardeal Bellarmino, depois de uma benigna admoestação do mesmo cardeal, pelo commissario do Santo Officio em exercicio, em presença d'um escrivão e testemunhas, te foi ordenado que renunciasses absolutamente a esta falsa opinião e que te privasses no futuro de a defender ou ensinar de qualquer modo que fosse, por palavras ou por escritos; e promettendo obedecer, foste posto em liberdade;

Attendendo a que, para aniquilar completamente uma tão funesta doutrina e impedir que ella se propagasse de novo, com grave detrimento da verdade catholica, a Santa Congregação do Index promulgou um decreto prohibindo os livros que versam sobre esta doutrina, declarando-a falsa e inteiramente contraria á santa e divina Escritura;

Attendendo, emfim, a que no anno passado appareceu em Florença um livro, cujo titulo indicava seres tu o seu auctor, visto que se intitula: *Dialogos de Galileu Galilei sobre os dois principaes systemas do mundo de Ptolomeu e de Copernico*, e que a santa Congregação foi informada de que a publicação d'este livro tinha occasionado o desenvolvimento continuo d'esta falsa opinião do movimento da terra e da estabilidade do sol;

Foi o livro cuidadosamente examinado e verificou-se n'elle uma evidente transgressão da ordem que te havia sido dada: porquanto n'este livro defendes tu a mesma opinião já condemnada e como tal declarada na tua presença, posto que recorres a toda a especie de rodeios, com o fim de mostrar que a apresentas como não provada e uni-

camente provavel, o que é igualmente um erro grave, pois que se não podem attribuir probabilidades a uma opinião declarada definitivamente contraria á divina Escritura;

É por isso que, por ordem nossa, tu foste chamado diante do Santo Officio, onde, interrogado, reconheceste debaixo de juramento que o livro tinha sido escrito e mandado imprimir por ti.

Confessaste que tinhas começado o livro ha 12 annos, isto é, depois de te ser intimada a ordem que te havia sido imposta; *item*, que tinhas pedido auctorisação para o imprimir, sem dizeres aos que t'a concederam que te tinha sido ordenado não seguir, defender ou ensinar, de qualquer modo que fosse, uma similhante doutrina.

Confessaste igualmente que este escrito estava arranjado, em muitas passagens, de fórma que o leitor podesse julgar que os argumentos, adduzidos em favor da opinião falsa, eram mais proprios para forçar a convicção pelo valor do que para serem refutados, livrando-te de incorrer n'uma falta, tão afastada, no teu dizer, das tuas intenções, por cujo proposito tu tinhas adotado a fórma de dialogo e cedido á tendencia natural de cada um, de se entreter nas subtilezas de seus proprios raciocinios e pretender mostrar mais penetração que os outros, inventando mesmo para a defeza das proposições falsas, razões engenhosas;

Attendendo a que te foi concedido um praso conveniente para a tua defeza e que apresentaste um certificado do punho do eminentissimo cardinal Bellarmino, que, segundo affirmas, te tinha sido dado para que podesse defender-te das calumnias dos teus inimigos que espalhassem que tu havias abjurado e soffrido um castigo do Santo Officio; no qual certificado se diz: que tu não abjuraste nem foste punido, e que simplesmente te significaram a declaração feita por nosso Senhor e promulgada pela santa Congregação do Index que diz: que a doutrina do movimento da terra e da fixidez do sol é contraria ás santas Escrituras e não póde ser defendida nem sustentada.

Allegaste que não estando no certificado as palavras *ensinar e d'uma maneira qualquer*, como na ordem que te tinha sido intimada, ellas escaparam, no periodo de 14 a 16 annos, da tua memoria, e que foi esse o motivo por que esqueceste a ordem, quando pediste licença para a impressão; o que allegas, não para te desculpar do teu erro, mas para o attribuir antes a uma vã ambição, do que a um mau fim.

Mas este certificado produzido em tua defeza agrava a tua posição, por que elle declara a dita opinião contraria á Escritura, e demonstra que, apesar d'isto, tu ousaste expô-la, defendel-a e apresental-a como provavel.

Não podes ser desculpado pela licença de impressão que tu alcançaste por astucia, dissimulando a ordem que te havia sido imposta.

E, attendendo a que nos parece que tu não disseste toda a verdade relativamente ás tuas intenções, julgámos que era necessario recorrer a *um exame rigoroso da tua pessoa*, no qual (sem prejuizo das coisas que confessaste e que se provaram contra ti) respondeste catholicamente no que respeita ás tuas intenções;

Por este motivo, tendo visto e maduramente examinado os meritos da tua causa, bem como os teus sentimentos e escusas, e tudo o que por direito devia ser visto e considerado, pronunciamos contra ti a sentença definitiva abaixo transcripta:

Depois de invocar o santissimo nome de Nosso Senhor Jesus Christo e o de Maria sempre virgem, sua gloriosissima mãe, por esta sentença definitiva, segundo o aviso e o juizo dos reverendos mestres da theologia sagrada e dos nossos conselheiros de um e outro direito, pronunciamos por este escrito sobre a que foi discutida na nossa presença por Carlos Sincero, doutor *in utroque jure*, procurador fiscal do Santo Officio; e tu Galileu Galilei, convencido, conforme resa do processo transcrito, depois do inquerito, exame e declaração, como fica dito, nós dizemos, julgamos e declaramos que tu, Galileu, pelos motivos expostos n'este acto e confessados por ti, tu te tornaste vehementemente suspeito de heresia para o Santo Officio, por que tens acreditado e sustentado uma doutrina falsa e contraria ás santas e divinas Escrituras, a saber: que o sol é o centro do orbe terrestre; que não se move de oriente para occidente; que a terra se move e não é o centro do mundo; e que esta opinião pôde ser sustentada e defendida como provavel, depois de ter sido declarada e definida contraria á santa Escritura. Tu incorreste por conseguinte em todas as censuras e penas editadas e promulgadas contra os réos pelos sagrados canones e pelas outras constituições geraes e particulares; das quaes penas nos apraz absolver-te, com a condição de que, préviamente, com arrependimento sincero, na nossa presença, tu abjures, maldigas e detestes os mesmos erros e heresias e todo e qualquer outro erro e heresia contrarios á Igreja catholica, apostolica, romana, segundo a formula que te impomos;

E a fim de que o teu pernicioso erro e grave transgressão não liquem impunes, e para que sojas de futuro mais circumspecto e exemplar, de modo a afugentar teus contemporaneos de semelhantes faltas, decretamos que o livro dos — *Dialogos de Galileu Galilei* seja prohibido por um edito publico, e *condemnamos-te a prisão especial do nosso Santo Officio pelo tempo por nós determinado*, e impomos-te, como penitencia salu-

tar, a obrigação de recitar durante tres annos, uma vez por semana, os sete psalms penitenciaris; reservando-nos o poder de diminuir, trocar ou supprimir inteiramente as referidas penas e penitencia.

E assim dizemos, pronunciamos e declaramos por sentença, decretamos, condemnamos e reservamos por este aresto e formula e por qualquer outra via de direito, confôrme a nossa jurisdicção e deveres.

Uma das penas da celebre sentença, a abjuração publica dos *erros e heresias* do sabio, teve effectivamente logar no dia 22 de junho do anno a que nos estamos referindo (1633) na egreja de Santa-Minerva, com assistencia de todos os censores, prelados e cardeaes do Santo Officio. Começou a solemnidade pela leitura da sentença condemnatoria e da abjuração a que se forçou o condemnado, escrita ao desejo do Santo Officio. Este documento foi concebido nos seguintes termos:

Eu, Galileu Galilei, filho de Vicente Galilei, florentino, de setenta annos de idade, estando no meu juiso e ajoelhado diante de vós, eminentissimos e reverendissimos senhores cardeaes, inquisidores geraes contra os crimes de heresia na universalidade da republica christã, á vista dos santos evangelhos, em que ponho a mão, juro que acreditei sempre, acredito agora, e com o auxilio divino, não deixarei de acreditar o que sustenta, reconhece e ensina a santa Egreja catholica, apostolica, romana. Considerando, porém, que, depois de ser advertido por este mesmo Santo Officio de que abandonasse inteiramente a falsa opinião que admite que o sol é o centro do mundo e não se move, e de me abster de admitir, defender e ensinar de qualquer modo, mesmo por escrito, esta referida falsa doutrina; e considerando que depois de ser avisado de que tal erro é contrario á Escritura, eu escrevi e publiquei um livro em que exponho a mesma doutrina, já condemnada, invocando em favor d'esta opinião provas, com grande efficacia, sem comtudo apresentar alguma solução; por estes motivos eu fui vehementemente julgado suspeito de heresia, por acreditar e admitir que o sol é o centro do mundo e immovel, ao passo que a terra não é o centro e se move;

Em consequencia d'isto, querendo desfazer, no juiso de vossas emi-nencias e de todo o catholico, esta vehemente suspeita que com justiça, sobre mim recae, com o coração sincero e sem reservas, eu abjuro, maldigo e detesto os sobreditos erros e heresias (*abjuro, maledico et detestor supradictos errores et haereses*), e em geral qualquer outro erro, bem

como a seita contraria á referida Egreja, e juro que de futuro não mais direi ou affirmarei, por palavras ou por escrito, coisa que possa acarretar-me semelhante suspeita, e bem assim que denunciarei a este Santo Officio, ou ao inquisidor e ao ordinario do logar onde residir qualquer pessoa que possa ser accusada ou suspeita de heresia.

Obrigo-me mais por juramento a cumprir e observar fielmente todas as penitencias que me foram e venham a ser impostas por este Santo Officio.

Se succeder, o que Deus não permita, que eu transgrida estas promessas, protestos e juramentos, submetto-me a todas as penas e supplicios decretados e promulgados contra semelhantes delictos pelos sagrados *canones* e outras constituições, geraes e particulares: e que assim Deus me ajude, como os Santos Evangelhos em que ponho a mão!

Foi em seguida a esta vilissima declaração forçada que se diz que o sabio consolára a consciencia com a phrase — *E pur si muove*.

A prisão indefinida ao arbitrio de Sua Santidade, foi mantida em Roma até 10 de julho do mesmo anno, dia em que, pelas continuas supplicas de Niccolini, Galileu alcançou sair de Roma em direcção a Sienna, para casa do seu admirador, o arcebispo Piccolomini, mas ainda na condição de captivo do Santo Officio. Galileu não podia sair do palacio do seu amigo, e nem lhe foi permittido acompanhal-o á sua vivenda de campo na estação calmosa. Finalmente, no 1.º de dezembro, um decreto pontificio concedeu-lhe o regresso á patria, podendo residir no seu retiro de Arcetri, com a condição de viver completamente isolado, sem poder receber uma unica visita: — «*Conceditur habitatio in ejus rura, modo tamen ibi ut in solitudine stet, nec venientes illuc recipiat ad colloquutiones.*» São palavras de Urbano VIII.

N'este retiro e com esta severidade se passaram, na mais melancolica existencia, os ultimos dias d'esta vida preciosa, até ao derradeiro suspiro exhalado em 9 de janeiro de 1642.

Para cumulo de infelicidades, Galileu, o mesmo homem que havia distendido de milhares de leguas as vistas dos outros homens, passou na cegueira os ultimos dias que lhe foi dado viver.

(Continúa)

A. Z.

BIBLIOGRAPHIA

Temos a accusar e agradecer a recepção das seguintes obras que nos foram graciosamente offerecidas :

1. A instrucção primaria no municipio de Lisboa, pelo dr. Luiz Jardim.
2. A hegemonia de Portugal na peninsula iberica, por Horacio Esk Ferrari.
3. Nova colleção de theoremas e problemas de arithmetica elementar, por Diogo Nunes.
4. A arithmetica dos lyceus por Elias Fernandes Pereira, professor do Lyceu d'Aveiro.
5. Oração funebre nas exequias de Alexandre Herculano, por Antonio Candido Ribeiro da Costa.
6. Elementos de botanica pelo dr. J. D. Hooker, traduzidos pelo dr. Julio A. Henriques.
7. Cathecismo nacional da philosophia do trabalho, pelo dr. Manuel Nunes Giraldes.
8. Parecer da commissão de reforma orthographica.
9. Discurso pronunciado no centro republicano do Porto, por. A. M. Alves da Veiga.
10. Bibliographia da imprensa da Universidade de Coimbra, por A. M. Seabra d'Albuquerque, annos de 1872, 73, 74 e 75.
11. Considerações sobre a batalha de Avahy (quadro historico de Pedro Americo) por Luiz de Andrade.
12. Contos da minha lavra, por Alberto Braga.
13. Theoria geral da emigração e sua applicação a Portugal, pelo dr. José Frederico Laranjo.
14. O Hellenismo e a civilisação christã, por J. P. Oliveira Martins.
15. Comedia do Campo, 1.º vol., segunda edição, de Bento Moreno.
16. Deveres dos filhos, traducção por João de Deus. Livro destinado ao ensino primario graduado.

Egualmente agradecemos os seguintes periodicos :

1. A Renascença (do Porto).
2. A Evolução, n.º 12 (de Coimbra).
3. Galeria militar contemporanea (de Lisboa).

4. O Occidente (de Lisboa).
5. Jornal das sciencias astronomicas e mathematicas (de Coimbra).
6. Jornal das Damas (de Lisboa).
7. Revue geographique internationale, n.º 25 (de Paris).
8. O Herculano (do Porto).
9. Magazin für die Literatur des Auslandes (de Berlim).
10. O Academico (do Porto).
11. Museu illustrado (do Porto).
12. The financial and Mercantile Gazette (de Lisboa).
13. Archivo bibliographico (de Coimbra).
14. Revue des langues romanes (de Montpellier).

Para que a exiguidade do espaço nos não obrigue a faltar por mais tempo ao devêr de accusar a recepção das obras e publicações que nos são enviadas, produzindo assim uma accumulção cada vez maior — entendemos dever apresentar, como fazemos, a lista completa d'aquellas obras e publicações.

O *relatorio sobre a instrucção primaria no municipio de Lisboa* do sr. dr. Luiz Jardim é um trabalho estatistico e critico de primeira importancia, já pela sua originalidade, já pelo alcance das propostas apresentadas nas sessões da camara municipal.

A parte estatistica comprehende uma bem elaborada investigação do numero de alumnos das escholas primarias de Lisboa com relação ao total da sua população. É digna de notar-se a conclusão, a qual vem a ser: — que elevando-se a população do municipio a 155:246 habitantes, 126:786 não sabem ler! Esta parte mostra ainda outro facto não menos curioso, com respeito á repartição dos dinheiros publicos, a saber: — que dispendendo o municipio da capital 268.700\$000 réis, em numeros redondos, para a manutenção das instituições de segurança e ordem publicas (poliicia, guarda municipal, cadeias); apenas gasta 6.700\$000 réis com o ensino dos que não podem pagar a sua instrucção elemental!

Estes dois factos coincidem com est'outros: 1.º o *suicidio*, esta terrivel enfermidade dos cerebros deseducados e juvenis, *não diminue*, 2.º a *prostituição*, esta triste consequencia da miseria feminina, *augmenta!*

Ora, a conclusão ultima que se tira de todos estes factos é claramente esta — que consumindo-se com a *ordem* 45 vezes mais do que com a instru-

ção primaria, ainda assim o crime, o suicidio, a prostituição, isto é, as enfermidades cerebraes do povo em logar de diminuir, augmentam. Pois bem; faça-se a seguinte experiencia: gaste-se com a instrucção 45 vezes mais de que com a policia e as cadeias. Se os velhos processos directos de moralisação publica — os processos da força e da repressão — não'dão resultados; tentem-se outros meios, os da educação regular das faculdades, a fim de evitar os desvios em que as lançam a ignorancia e a desventura humanas.

A parte critica do trabalho do sr. dr. Luiz Jardim consiste na comparação do estado da nossa instrucção primaria com a da França, Allemanha, Italia, etc., e na exposição dos esforços que entre nós se têm empregado para dilatar a instrucção popular. É tão digna de ler-se esta parte, que a recommendamos na integra a todas aquellas pessoas, que julguem a questão da felicidade publica digna d'alguma attenção.

Em seguida lêem-se as excellentes propostas do auctor acompanhadas de mappas de inspecção das escholas lisbonenses, onde se avalia totalmente do seu estado actual.

Não nos consta que, fallando-se entre nós tanto, muitas vezes, de mil cousas insignificantes, alguém se tenha lembrado de ler e apreciar publicamente este notabilissimo trabalho. Julgâmos que seria isto uma boa obra para o paiz.

A *Renascença* é um jornal publicado no Porto sob a direcção do nosso bem conhecido poeta o sr. Joaquim de Araujo, que já redigiu outra publicação digna de mencionar-se — a *Harpa*. Devem dizer-se d'esta revista mensal duas cousas: — primeira, que nos parece realizar uma grande obra — a da publicação das idéas da geração destinada a ver a passagem d'este seculo para o XX — passagem que ha de certamente mostrar ao mundo alguma cousa de novo; e em segundo logar que é uma honra para a arte typographica portugueza.

Não nos permite o espaço apreciar mais largamente esta revista, que melhor deve ser julgada por quem a ler.

para promover uma subscrição publica destinada ao monumento do grande sabio Claude Bernard seu socio fundador.

A commissão é composta de cinco dos mais conspicuos membros da sociedade de biologia aos quaes se vão reunir delegados de todos os grandes corpos scientificos francezes de que o fallecido fazia parte — Collegio de França, Conselho superior de instrucção publica, Academia das sciencias, Academia franceza, Museu, Faculdade das sciencias, Faculdade de medicina e Academia de medicina.

O ministro da instrucção publica é o primeiro dos subscriptores.

Consta-nos que a Sociedade dos estudos medicos ultimamente fundada em Coimbra promove uma subscrição no mesmo sentido.

É uma prova eloquente da sua valorosa direcção.

Acaba de ser feita pelo governo da Noruega uma importante applicação do telephono. Sabe-se que a pesca do arenque constitue uma das grandes riquezas do paiz. Bandos enormes d'este peixe vdem depositar os seus ovos nas costas da Noruega, recolhendo-se em seguida ao alto mar. Succedia repetidas vezes que o tempo da sua demora não chegava para reunir e executar todos os processos da pesca. O governo estabeleceu ao largo da costa, n'uma extensão de 200 kilometros, uma linha telephonica, com cujo emprego se dará o signal da presença do arenque e se conseguirá a rapida reunião de todos os pescadores.

EXPEDIENTE

Pedimõs aos nossos assignantes em divida o favor da remessa dos seus debitos em vales do correio ou estampilhas, com a maior brevidade. A falta de pagamento até ao fim do proximo mez terá como consequencia a suspensão da nossa remessa.

São correspondentes d'esta empreza :

Em LISBOA — o Sr. José A. Rodrigues, livraria nacional e estrangeira, rua do Ouro 186, 188; No PORTO — o Sr. Ernesto Chardron, livraria, Largo dos Clerigos; No FUNCHAL — o Sr. Antonio Camacho, Largo da Sé; Em ANGRA DO HEROISMO — o Sr. A. Gil, livraria.

O SECULO

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Não se aceitam assignaturas por menos d'uma serie semestral. Publica-se por fasciculos mensaes.

Aos srs. assignantes da 1.^a serie, que não queiram continuar a sua assignatura, pedimos aviseem d'isso o Administrador, o Bacharel *José Simões da Silva Junior*, rua dos Coutinhos, Coimbra.

São considerados assignantes da 2.^a serie aquelles cavalheiros que não prevenirem a Administração.

Pede-se aos srs. assignantes em divida da 1.^a serie queiram enviar a importancia de sua assignatura em vales do correio, sellos, ou por qualquer outra fórma, ao Administrador do *Seculo*.

Está em cobrança a segunda serie.

PREÇOS

Continente — Coimbra (serie)..... 1\$200

» — Fóra de Coimbra (serie)..... 1\$260

Ilhas e Possessões Ultramarinas (serie)..... 1\$400

Brasil..... 3\$000 fortes

Para os outros paizes, o preço depende do custo do transporte.

Estão no prélo os n.^{os} 9 e 10 d'esta serie.

— N'esta redacção recebem-se assignaturas para todos os jornaes estrangeiros, que temos annuciado.

O SECULO

PUBLICAÇÃO DE PHILOSOPHIA POPULAR E DE CONHECIMENTOS PARA TODOS

2.^a Serie; 9, 10 — Abril, 1878

REDACTORES

F. A. CORRÊA BARATA

LENTE DE PHILOSOPHIA

A. ZEFERINO CANDIDO

DOCTOR EM MATHEMATICA

O positivismo e a sciencia actual, por C. B. — Galileu; esboço da sua vida e descobertas, por A. Z. — Os jardins de crianças na Allemanha, por A. Z. — Bibliographia.

COIMBRA

IMPrensa LITTERARIA

1878

O proprietario d'esta publicação no imperio do Brasil é o ex.^{mo} sr. Luiz d'Andrade, residente no Rio de Janeiro.

ala
fab.
est.
fab.
o

1207

NOTICIAS

Tem estado n'esta terra o festejado auctor dos — *Contos da minha lavra*.

O sr. Alberto Braga é muito estimado em Coimbra, onde tem muitos amigos e admiradores do seu talento.

A celebre questão do radiometro está definitivamente resolvida. A força motriz não é a luz, mas o calor; o instrumento é simplesmente uma machina thermica muito sensivel.

O professor de Genova o sr. Schiff acaba de publicar uma celebre memoria tendo por titulo — *Uma nova funcção do figado*.

Mostra-se lucidamente n'este trabalho que o figado tem a propriedade de decompor completamente as materias venenosas, produzidas pela des-aggregação dos tecidos.

Ligando os vasos d'esta glandula, e especialmente a veia porta, observou o auctor, em cães e outros animaes, que sobrevinha uma rapida lethargia e a morte depois de uma a tres horas.

Estas curiosas experiencias dão a explicação do poderoso effeito dos venenos introduzidos pela injecção subcutanea. Entram na circulação, e produzem o seu effeito, antes de chegarem ao figado.

As funcções d'este notavel orgão vão-se definindo cada vez mais, e augmentam por isso as attenções dos medicos para esta parte da economia humana.

Descobriu-se ultimamente em Donauerchinger (Baden) o esqueleto d'um — cervus elaphus muscosus — pertencente á idade prehistorica.

Estava perfeitamente conservrdo. É uma preciosidade archeologica, attendendo a que não existia nenhum specimen completo.



O POSITIVISMO E A SCIENCIA ACTUAL

A proposito dos «TRAÇOS DE PHILOSOPHIA POSITIVA, COMPROVADOS PELAS
DESCOBERTAS SCIENTIFICAS MODERNAS,» do sr. Theophilo Braga,
Lisboa 1877.

(Continuado do n.º 7, pag. 97)

II

Acerca de alguns pontos de philosophia positiva

(CONTINUAÇÃO)

Hypotheses em geral. — O que é uma hypothese positiva? Qual é a característica por onde se conhece a positividade de uma hypothese qualquer? Evidentemente, uma hypothese positiva é diversa d'uma hypothese metaphysica ou de uma hypothese theologica. Pelo que? Pelo methodo da sua formação primeiro que tudo. Mas, constituida a hypothese onde está o *quid* que a distingue, a *facies* que lhe dá o cunho? Lembremo-nos da advertencia que a respeito do methodo positivo faz A. Comte — o methodo positivo ou experimental não se conhece só por se dizer o que elle é; torna-se necessario practical-o. Ora como uma hypothese positiva é um resultado da applicação do methodo experimental, cabe-lhe a observação.

Para conhecer uma hypothese positiva é preciso pô-la á prova: não são palavras, nem dísticos, nem aphorismos que a classificam. Uma hypothese só é realmente *positiva*, quando não sómente abrange todos os factos e leis do seu dominio, mas quando é susceptivel de fornecer a previsão de factos novos. É necessario então recorrer á experiencia: se ella a confirma a hypothese é boa, se a não confirma a hypothese baqueia. É n'este sentido que se devem entender as palavras já citadas do sr. Littré, «que na philosophia positiva tudo emana da experiencia e reverte á experiencia.» É a este caracter de previsão, de



que é susceptível uma boa hypothese que se chama «a sua fecundidade.»

A hypothese dos atomos em chimica, tantas vezes defendida e tantas outras combatida por motivos diversos, subsiste e subsistirá justamente em virtude d'esta fecundidade: a ella se devem os rapidos progressos d'aquella sciencia nos ultimos trinta annos; a ella se devem, emfim, não só a descoberta de factos novos, mas de novos processos. — A hypothese das emissões em optica, defendida por Newton, cahiu precisamente por carecer d'esta fecundidade, d'esta maleabilidade das boas hypotheses, sendo preciso facetar-a, limpar-a, torcer-a, accrescentar-a todas as vezes que um facto novo surgia. Esta hypothese partia do principio que a velocidade de propagação da luz nos meios homogeneos augmentava com a densidade dos mesmos meios. Um dia Fizeau demonstrou experimentalmente que, ao contrario do supposto por Newton, a velocidade da luz na agua era menor do que no ar. A hypothese sentiu-se abalada nos seus fundamentos, cambaleou, cahiu para todo o sempre e foi substituida pela hypothese etherea, ou das ondulações, que é concorde com o novo facto revelado pela experiencia. De mais esta nova hypothese, applicada a todo o ambito da optica, dá dos seus phenomenos uma satisfactoria explicação, abrangendo outros que a primeira não explicava ou explicava mal, como as interferencias luminosas e a dupla refração.

Assim como o criterio da experiencia e do methodo é a intuição, segundo diz o sr. Littré, o criterio de uma hypothese positiva é a sua fecundidade. Comprehende-se que uma hypothese, que póde adequar-se apenas aos factos actualmente conhecidos, é simplesmente a expressão de uma relação artificial, impropria de uma boa synthese. Uma hypothese fecunda é uma terra virgem; uma hypothese esteril é incapaz de dar vida ao corpo que ella abrange e de que deve ser, por assim dizer, a alma.

D'aquí a imaginar que uma boa hypothese deve ser, como na velha metaphysica, um *Deus ex machina*, uma causa suprema á qual se sujeita ou deve sujeitar tudo, e perante a magestade e a necessidade da qual todos as particularidades objectivas desaparecem, vae para muitas pessoas apenas um passo. Quem o transpõe, porém, mente-lhe o character e perde o fio que o conduz através dos meandros da philosophia positiva. Não: uma hypothese não é uma concepção necessaria, nem um principio

absoluto, pelas proprias razões da sua origem. Uma hypothese também não é uma realidade objectiva por titulo egual ao dos factos ; como synthese fornecida pela indução rigorosa é apenas uma realidade mental, uma imagem, uma expressão de relações entre os factos e as leis, uma organização, emfim, de cousas apparentemente desconexas, uma constituição logica entre subditos que parecem independentes, um compromisso geral que os prende e une n'uma totalidade harmonica. Novos factos podem exigir nova constituição ; a imagem modifica-se e dá logar a outra ; a hypothese transforma-se, progride. Se a sciencia é progressiva, as theorias estaveis, as hypotheses fixas, a philosophia absoluta são absurdos incompativeis com a sciencia, quando d'esta provém a philosophia. Não assim quando a philosophia é a methaphysica — a senhora que desdenha o que é exterior, material, sensivel, observavel, para collocar o seu throno no campo dos espiritos, das entidades impalpaveis, das concepções puramente ideaes.

Mas a philosophia de hoje, a philosophia positiva, a philosophia realista não é a *metaphysica*. Uma hypothese positiva, inductiva, ou realista não é, pois, uma concepção eterna e absoluta : é apenas um poderoso auxiliar de systematisação scientifica e de alargamento dos nossos conhecimentos. Quando o seu involucro é estreito para conter a sua collecção de factos e leis, numeradas, classificadas, ordenadas e relacionadas por todos os seus laços *naturaes*, esse involucro despedaça-se e torna-se urgente construir outro. Não tenhamos amor demasiado a uma hypothese, porque dirigiu por muito tempo o nosso estado mental : prestou os seus serviços ; morreu ; deu logar a outra melhor. É a ordem natural das cousas. *Remercions-la, enterrons-la* ; applicando ás hypotheses o epiphonema que Victor Hugo applica á aristocracia.

Alguns sabios distinctos não adoptam este modo de pensar. Uns só admittem hypotheses que satisfaçam á condição de serem immediatamente demonstraveis pela experiencia. No numero d'estes está o sr. Berthelot, um sabio illustre, que tem prestado á chimica um serviço tão grande como o proprio Lavoisier, addicionando-lhe uma nova base — a synthese. — Outros entendem que a hypothese é absolutamente independente dos factos, e para estes ella reveste a fórma logica da *causa*. São dois extremos, no meu limitado entender : o meio termo é o campo da philosophia positiva.

Exigir que uma hypothese seja sempre demonstravel e demon-

strada experimentalmente por provas *directas* é falsear-lhe a definição, e transformal-a n'um facto mais ou menos geral. Sendo assim, nem a hypothese dos atomos nem a do ether seriam admissiveis em sciencia e por tanto na philosophia (e com effeito o sr. Berthelot regeita a primeira). Ora, se ha tendencias bem declaradas na chimica e na physica, são as que por em quanto confirmam brillantemente aquellas concepções. Do facto á hypothese vae um largo espaço; e, se é certo que não ha sciencia sem factos, não é menos indiscutivel que não pôde haver sciencia sem hypotheses, por isso que ella tambem não pôde existir sem systema; e o systema, ou coordenação de todos os objectos do dominio de uma sciencia, é impossivel, sem o auxilio d'aquellas imagens theoricas. *Hypotheses non fingo*, dizia Newton: mas dizia-o no sentido de não crear explicações de imaginação, como as que andavam em moda na metaphysica tenebrosa do seu tempo, mãe de outra ainda mais caliginosa — a metaphysica allemã do seculo xviii. As hypotheses nunca podem ser um facto do dominio da experiencia. Nem o ether nem o atomo podem cahir sob a acção directa dos sentidos. Comtanto que se não esqueça o methodo da sua formação, e que se satisfaça á verificação importante da sua fecundidade ou *previdencia*, uma hypothese pôde aspirar ao titulo de *positiva*.

Resumindo — as hypotheses nem são *construcções permanentes*, nem *demonstrações definitivas*, nem tão pouco correspondem a uma simples realidade objectiva. As imagens que representam podem provir de um simples facto, que por isso mesmo é um facto geral, mas entre a hypothese e o facto ha uma grande distincção. A quêda de um pomo, diz-se, suggeriu a Newton a hypothese da gravitação. Comtudo a quêda de um grave não é, só por si, capaz de dar a explicação das revoluções dos planetas, dos movimentos da terra, das estações, do fluxo e refluxo dos mares, das leis do pendulo, das leis da barologia, etc.

Quanto á opinião dos auctores que pretendem collocar as hypotheses no dominio *exclusivamente* ideal, escusado é insistir. Uma hypothese assim formada não é, nem pôde ser nunca positiva, por falta de base. É uma hypothese facultativa, de suggestão, de imaginação, mais sentimental do que racional, mudavel para cada pensador no sentido da velha phrase *tot capita tot sententia*, theologica ou metaphysica, fundada na fé ou na razão, pouco importa, em todos os casos nulla, este-